



# Ilustração Brasileira

ANO XXIII - NUMERO 124 - AGOSTO, 1945 - PREÇO CR \$ 5,00

# Ilustração Brasileira

Mensario editado pela Sociedade Anônima "O MALHO"

DIRETORES :

Oswaldo de Souza e Silva  
Antonio A. de Souza e Silva

Grande premio na exposição do Centenario, em 1922 — Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 — Diploma de honra da Feira Internacional de Nova York em 1940. — Orgão Oficial da Exposição do Centenario de 1922 e do Centenario da Pacificação dos Movimentos Políticos de 1842.

Redação e administração : Rua Senador Dantas, 15-5.º Andar

Telefones : 22-9675 — 22-0466 — 22-0745

Caixa Postal 880 — End. teleg.: "O MALHO" — Rio

PREÇO DAS ASSINATURAS  
(REMESSA SOB REGISTRO POSTAL)

Brasil, países da América e Espanha:		Demais países:	
12 meses . . . . .	Cr. \$60,00	. . . . .	Cr. \$70,00
6 meses . . . . .	Cr. \$30,00	. . . . .	Cr. \$35,00

NÚMERO AVULSO CR. \$5.00 — ATRAZADO CR. \$6.00



CIGARROS *Extra*

**LONGOS**

E DE SUPERIOR QUALIDADE



CIGARROS

*Minister*

AGORA TAMBEM  
EM MAÇOS  
DE 20

CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ

Epoca

**AGUA PURA**  
SAUDE SEGURA  
SO' COM VELAS  
ESTERILISANTES  
**SENUN**



**Dr. UBALDO VEIGA**  
Especialista em doenças da pele  
e sífilis — Chefe desta clinica na  
Beneficencia Portuguesa

—

Cons. Rua do Ouvidor, 183-5. - s. 504  
2as., 4as. e 6as. - Das 4 às 5 1/2

**VIDRO DE**  
**MINORATIVAS**  
LIVRA-O  
DA  
PRISÃO DE VENTRE  
EM QUALQUER IDADE



MOLESTIAS DAS CRIANÇAS  
**DR. FRIDEL**  
(CHEFE DA CLINICA)  
DR. WITROCK)

Tratamento dos vômitos, diarréia, anemia,  
fastio, tuberculose sífilis e moléstias da pele.  
RAIOS ULTRA - VIOLETA

Rua Miguel Couto, 5 — Tel. 22-0713

**Caspa ?**  
**Petroleo**  
**Soberana**

**BRONZISOL**  
ANTISOLAR  
De Mme. Campos  
FIXA UM LINDO BRONZEADO  
NATURAL  
Á VENDA EM TODA A PARTE

**15 ANOS MENOS EM**  
**15 MINUTOS COM**  
**IMÉDIA**  
O RECOLORANTE DO CABELO BRANCO  
UMA ESPECIALIDADE  
**L'ORÉAL PARIS**



# Curiosidades do BRASIL

## A ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

A 15 de agosto, completou seu 51.º ano de fundação aquêlê sodalício de homens de letras, que vem honrando sobremaneira a nossa Cultura. Pela criação da A.C.L., sediada na linda Fortaeza — a Cidade do Sol — porfiaram árdidamente, e conseguiram concretizar seu ideal, o filósofo Farias Brito, o Dr. Justiniano de Serpa, o Cel. Franco Rabello, o Barão Guilherme Studart, os Srs. Benedicto Sidou, Drumond da Costa, Alvaro de Alencar, Pedro de Queiroz, José Fontenelle, Alves Lima, Antonio Fontenelle, Antonio Augusto e Valdemiro Cavalcante.

O primeiro presidente da A.C.L., o Sr. Tomaz Pompeu, foi eleito na sessão de 26 de setembro de 1894, congregada para a aprovação dos "Estatutos".

Da Diretoria da A.C.L., em 1930, fazia parte o saudoso prosador e poeta Antonio Salles, cujos primores de inspiração acabou de ser reeditados.

São em número de quarenta as cadeiras da A.C.L.

- Cadeira n.º 1: patrono, Adolpho Caminha;
- Cadeira n.º 2: patrono, Agapito dos Santos;
- Cadeira n.º 3: patrono Alvaro Martins;
- Cadeira n.º 4: patrono, Antonio Augusto de Vasconcellos;
- Cadeira n.º 5: patrono, Antonio Bezerra;
- Cadeira n.º 6: patrono, Antonio Pompeu de Souza Brasil;
- Cadeira n.º 7: patrono, Araripe Júnior;
- Cadeira n.º 8: patrono, Capistrano de Abreu;
- Cadeira n.º 9: patrono, Domingos Olímpio;
- Cadeira n.º 10: patrono, Farias Brito;
- Cadeira n.º 11: patrono, Fausto Barretto;
- Cadeira n.º 12: patrono, Franklin Tavora;
- Cadeira n.º 13: patrono, Heráclito Graça;
- Cadeira n.º 14: patrono, D. Jeronymo Thomé da Silva;
- Cadeira n.º 15: patrono, João Brigido;
- Cadeira n.º 16: patrono, João Moreira;
- Cadeira n.º 17: patrono, Joaquim Katunda;
- Cadeira n.º 18: patrono, D. Joaquim José Vieira;
- Cadeira n.º 19: patrono, José Albano;
- Cadeira n.º 20: patrono, José de Alencar;
- Cadeira n.º 21: patrono, José Liberato Barroso;
- Cadeira n.º 22: patrono, Justiniano de Serpa;
- Cadeira n.º 23: patrono, Elias Mallamann;
- Cadeira n.º 24: patrono, Mario da Silveira;
- Cadeira n.º 25: patrono, Padre Mosoró;
- Cadeira n.º 26: patrono, Dr. Moura Brasil;
- Cadeira n.º 27:

- patrono, Oliveira Paiva;
- Cadeira n.º 28: Otto de Alencar;
- Cadeira n.º 29: patrono, Paulino Nogueira;
- Cadeira n.º 30: patrono, Senador Pompeu;
- Cadeira n.º 31: Pompilho Cruz;
- Cadeira n.º 32: patrono (?);
- Cadeira n.º 33: patrono, Visconde de Saboia;
- Cadeira n.º 34: patrono, Samuel Uchoa;
- Cadeira n.º 35: patrono, Soriano de Albuquerque;
- Cadeira n.º 36: patrono Tiburcio Rodrigues;
- Cadeira n.º 37: patrono, Thomaz Lopes;
- Cadeira n.º 38: patrono, T. Pompeu de Souza Brasil;
- Cadeira n.º 39: patrono, Ulysses Penafortte;
- Cadeira n.º 40: patrono Valdimiro Cavalcante.

## O ÚNICO TROCADILHO DE LOPES TROVAO

QUANDO Deodoro deu aquêlê famoso golpe de Estado, Lopes Trovão, que ainda conservava o seu idealismo, comentou: — Foi o diabo, essa prisão de generais! — Porque? — Porque temo que o mal se generalise... Ao que nos consta, foi êsse o primeiro e último trocadilho perpetrado pelo inclito republico.

## A ATA DA INDEPENDÊNCIA DO ACRE

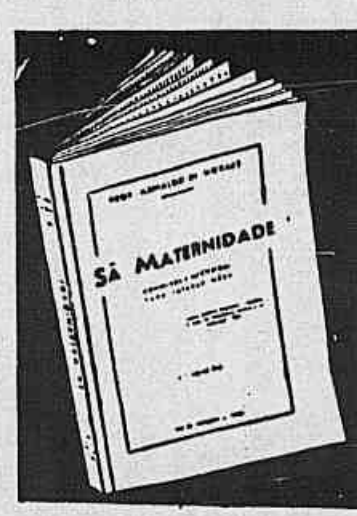
EM sua "Exposição ao Presidente da República" (Conselheiro Rodrigues Alves), o Barão do Rio Branco proclamou que o Acre "é brasileiro".

O Acre era habitado quase que exclusivamente por Brasileiros desde tempos remotos. Confirmaram essa asserção, no século passado, os bandeirantes que palmilharam aquela região: João Cametá, em 1852, e Manoel Urbano da Encarnação, em 1866.

O Govêrno do Brasil reconheceu o Acre como parte de nosso território e a partir de 17 de Novembro de 1903, quando foi celebrado o Tratado de Petrópolis.

O primeiro Presidente do Acre, o Cel. Rodrigo de Carvalho, foi aclamado em sessão solêne realizada, em Dezembro de 1900, no Salão da Intendência Municipal da cidade de Cabrea. A Ata da Independência do Acre:

"Aos 7 dias do mês de Agosto de 1902, em casa da residência dos Srs. Falck & Vieira, convidado devidamente o povo xapuriense para uma reunião, afim de serem expostos os motivos da revolução, pelo Sr. Dr. José Plácido de Castro, foi para êste motivo acla-



## O GUIA PARA AS FUTURAS MÃES SÃO MATERNIDADE 3.ª EDIÇÃO

Um livro útil, mesmo necessário a tôdas as senhoras que vão ser mães

**PREÇO CR \$ 15,00** Obra do notavel ginecologista Dr. Arnaldo de Moraes, professor da Universidade do Brasil

Pedidos com as importâncias ou pelo serviço de Reembolso Postal, à S. A. "O Malho" — C. Postal, 880

RIO DE JANEIRO

mado presidente da reunião o Sr. Coronel Jose Galdino de Assis Marinho, que em seguida convidou para secretários os Srs. Dr. Albino dos Santos Pereira e Manfredo Alvares Affonso. Concorreram a esta sessão todos, senão a maioria dos cidadãos e todos, como um só homem, asseveraram-se de verdadeiro entusiasmo político por tão justa causa; quão necessária atitude em que o Acre, sob domínio de verdadeiro desprestígio moral, arbitrariamente exercido por indivíduos incapazes e impróprios de plantar no coração dos Brasileiros sequer um átomo de simpatia. A independência do Acre foi amplamente discutida por alguns cavalheiros, que tomaram a palavra, depois de um grande discurso do Sr. Plácido de Castro que, sob a eloquência de um acrisolado patriotismo, fez ver o fim da revolução e apelou para a calma, critério e a reflexão com que deve adornar-se o espírito ordeiro e correto do Brasileiro. Em seguida falou o Sr. Dr. Albino dos Santos Pereira que, em verdadeiro arroubo de inspiração, desenvolveu idéias dignas e altamente patrióticas sobre o caráter dos Brasileiros, e a necessidade de uma reação às arbitrariedades do Governo boliviano no Acre. Depois seguiu-se com a palavra o Sr. Manfredo Alvares Affonso, abordando nas mesmas idéias que as revestiu na altura do seu talento; falou ainda o Sr. Gastão de Oliveira e interpretou bem o patriotismo dos Acreanos, e, com seu nunca contestado patriotismo com os da frente da revolução do Acre. Findos os discursos, foi hasteada, com a maior solenidade, a bandeira do Estado Independente do Acre, sendo em seguida encerrada a sessão pelo digníssimo Presidente. — Eu Secretário lavrei e assignei a presente ata — Dr. Albino dos Santos Pereira, José Galdino de Assis Marinho, (Segue outras assinaturas).

O ESPÍRITO DE OUTROS TEMPOS

NAS edições de "D. Quixote", revista ilustrada, que D. Xiquete (Bastos Tigre) havia fundado nos "bons tempos", para alegrar a gente szuda, que eramos nós os veteranos de hoje, apareceram os melhores **jeux de mots** de que temos notícias. Aqui inserimos alguns, colhidos a êsmo num número do pitoresco **hebdomadário**:

- Essa história de estabelecer-se num dia sem carne, é o diabo! Imaginem eu, por exemplo, que não tolero peixe!
- Uma idéia: no dia da abstinência, passarás a comer peixe-boi.

\* \* \*

No Lírico, onde um chimpanzé domesticado resolvia problemas aritméticos, uma senhorita perguntou ao Benjamin Costalat:

- Que tal?
- E o Benjamin:
- E' **mono mental!**

\* \* \*

A chamada de um número qualquer, no Quartel da rua do Areal, ouviram-se duas respostas:

- Muniz!
- Muniz!
- Mas afinal quantos **Muniz** são?

O cabo do Material Bélico teve uma síncope e a companhia perdeu o alinhamento!

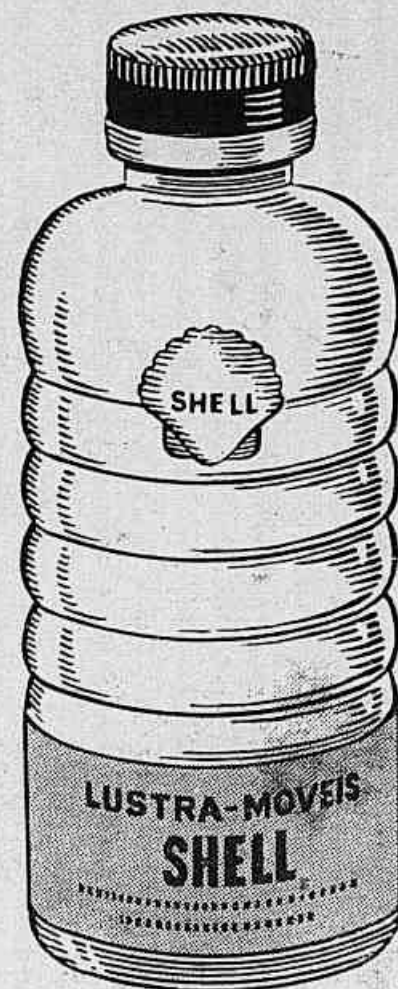


**Tosses?**  
**PULMONAL**  
*é fantástico...*

**EXIJAM SEMPRE**  
**THERMOMETROS PARA FEBRE**  
**"CASELLA LONDON"**  
**HORS CONCOURS**


**CONSERVE SEUS MOVEIS**  
*Sempre Novos*

COM  
**LUSTRA-MOVEIS**  
**SHELL**



**LIMPA - LUSTRA - PROTEGE**

**ANGLO-MEXICAN PETRÓLEUM COMPANY LTD**  
**PRODUTOS DE PETRÓLEO**



**COMPANHIA NACIONAL DE**  
**COLUMBIA**  
**SEGUROS**

**VIDA, FOGO, TRANSPORTES, RESPONSABILIDADE CIVIL, ACIDENTES**

DIRETORIA:  
Dr. Fernando de Melo Vianna  
Ministro Helio Lobo  
Dr. Fausto Figueira Soares Alvim  
Dr. Jaime Leite Guimarães.

AV. ALMIRANTE BARROSO, 81  
6.º ANDAR

Telefones { 42-8434-42-4718  
42-7832-42-2481



# ONDAS MUSICAIS

55 minutos de música selecionada, no programa "nobre"  
do Brasil irradiado por uma cadeia das melhores emis-  
soras do Rio, todas as 3as. feiras das 13 às 14 horas.

OFERTA DA CIA. DE CARRIS LUZ E FORÇA DO RIO DE JANEIRO LTDA.



# ○ EXPEDICIONÁRIO

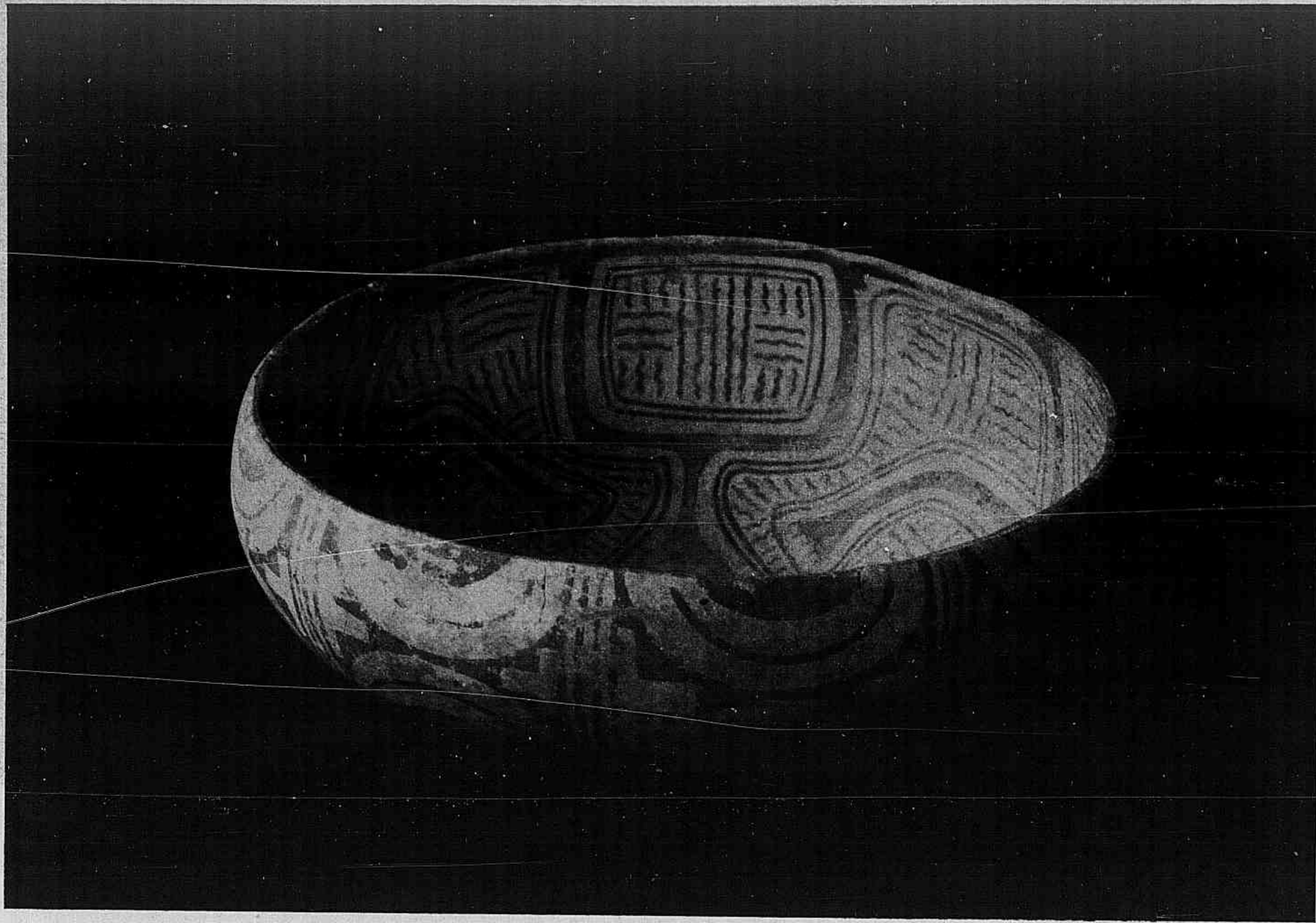
**E**LE saiu de um recanto fluvial do Amazonas ou de um lugarejo do Nordeste árido, talvez da margem do Paraná ou do S. Francisco, talvez do Pampa infinito e descoberto, monotonamente verde, e aprendeu a lutar sob as cores da nossa bandeira, e transpôs com esse vibrante desejo da luta os nossos mares. Fosse do extremo norte ou do extremo sul, da zona rôxa do café ou do Triângulo Mineiro a sua origem, certo é que o seu heroísmo adveiu de um coração aberto à piedade e à ternura, mas inquebrantável no perigo e no sofrimento — o coração brasileiro.

Soldado tão firme nos vales ou nas serras quanto o marujo nas ondas ou o aviador entre as nuvens, seus irmãos, seguiu desde a orla do Atlântico às praias do Mar Tirreno, para a grande aventura de outro hemisfério. Guerreavam exercitos e esquadras por toda a parte, invisíveis na profundidade das águas ou dos fossos — negros exercitos subterrâneos, misteriosas esquadras submarinas. Conflagravam-se as próprias alas. E esse foi, como David, sem couraça e elmo de cobre, um rapaz decidido, que arrancou a presa aos leões, abateu vários Golias mecanizados. Longe, na terra natal, deixara semblantes, paisagens amores evocados pela saudade no intervalo das pugnas ferozes, sob a grenha de neve dos gigantes de pedra — os Apeninos. Também ele, artilheiro ou infante, o **pracinha** da FEB, renovo dos **periquitos** de Caxias, duramente se empedernira como os veteranos dessa campanha, os vencedores desse inferno. Sentinela ou combatente, dentro da noite ou em face da Morte, havia também crescido pela bravura diante dos pináculos gigantescos. Vanguardista da sua tropa, num arremesso para os céus, rompera através dos montes erriçados de canhões, galgara Monte Castelo, ir-

manado aos heróis que venciam, desencadeando a Itália formosa e escrava. O seu ardor tropical desafiou a própria invernia... Assim, da vitalidade que nos trouxe a Europa descobridora e guerreira, industriosa e fecunda, o expedicionário brasileiro, ardentemente, restituiu alguma coisa à civilização européia em sacrifício e glória. Mais do que a moeda ambicionada pela mercancia, deu-lhe alguma coisa sem preço, vertida em suor e sangue nas marchas heroicas, desde o vale do Serchio ao vale do Pó, inerte sob as cruzes do cemitério de Pistoia, arquejante no leito dos nêspreis — deu-lhe a vida energética e moça. Desses jovens anônimos de uma obscura família sul-americana transmutou-se o valor, para a História, em dádiva moral de justiça e liberdade à Europa.

Militarmente, o expedicionário foi através da guerra o soldado afeito às provações, caçador de boa pontaria, campeão no jogo das armas brancas e nuas em todos os recontros, mas para os deuses e os pobres um sentimental quasi ingenuo, alma cristã e simples, generoso nos dias escassos, ao repartir com os famintos o pão do seu bernal, com os sedentos a água do seu cantil. Bateu-se, como devia, sem crueza e rapina; venceu as forças do Mal sem arrogância e deshumanidade; vingou a bandeira ultrajada e os mortos inesquecíveis. Chovem-lhe flores à passagem, agora, depois de tantos flagelos. Se hoje desfila em plena vitória, erguendo-lhe os troféus, amanhã voltará com essa medalha de campanha, essa mesma simplicidade, às afeições e aos deveres do lar, aos trabalhos da caserna ou da oficina. Mas terá deixado à História do seu país uma efígie nova de herói, o expedicionário, em cujo vigor nunca desfaleceu o coração do Brasil nas linhas de fogo da Itália.

CEL SO VIEIRA



(Fig. 1) — Cerâmica de Marajó.

(Fig. 3) — Curioso jarro de Santarem.



# Cerâmica da Amazonia

A cerâmica indígena é a mais notável documentação arqueológica que possuímos. Por meio dela podemos conhecer o homem ameríndio, sua vida, seus pendores artísticos, seu grau de cultura. O primitivo habitante destas plagas gravou suas primeiras impressões da natureza circundante nos utensílios que fabricou para seu uso. Nêles se percebe a beleza e a utilidade de alguns elementos e o efeito que lhe produziu nos sentidos. Essas modestas criações, sem dúvida, lhe suavizavam a vida...

A fabricação de louça, entre as tribos brasileiras, era atribuição das mulheres. Esse costume, aliás, já vinha de épocas muito distantes — e foi observado em vários países. Depois de pronta, a cerâmica era decorada com desenhos, pinturas e ornatos. A que nos legaram os antigos povoadores da Amazonia é mais bela e mais perfeita do que a das outras regiões do continente. A marajoara denuncia o gosto, a sensibilidade de seus autores (fig. 1). As peças mais bem trabalhadas eram pintadas primeiramente de claro, em seguida aplicavam-se os motivos ornamentais. As cores prediletas do marajoara eram o branco, o vermelho, o preto e o cinzento. O oleiro dava ao barro formas bizarras e caprichava na ornamentação. É muito variada a cerâmica da ilha. Variada na quali-



(Fig. 5) — Outra peça de Cuaní.



(Fig. 2) — Belíssima peça de cerâmica de Santarem.

dade, na utilidade, no luxo da decoração. A natureza lhe fornecia tudo: material, inspiração e petrechos para a fabricação. Com que habilidade ele apreciava esses elementos escassos e rudimentares.

Afirmam muitos escritores que se dedicaram ao assunto que o marajoára foi o oleiro mais adiantado, que provavelmente assimilou e disseminou a tradição dos admiráveis ceramistas que vieram da America Central. Não obstante, imprimiu cunho proprio à sua arte, deixando nos objetos que chegaram até nós a marca do seu espirito.

Na cerâmica de Santarem o trabalho é mais perfeito e a arte mais requintada. Os jarros, especialmente, revelam bom gosto e capricho notáveis (figs. 2 e 3). A de Cuaní também é apreciavel (figs. 4 e 5).

A perfeição e a beleza da cerâmica amazonica tem atraído a atenção das sumidades mundiais no assunto, os quais lhe dedicaram vasta obra. Não esconderam sua estranheza por ter um povo de cultura tão modesta produzido material artistico com tamanha analogia com o que ha de melhor na velha Helade.



(Fig. 4) — Cerâmica de Cuaní.

# O JOÃOZINHO

A minha terra natal tem coisas!... Tem coisas de se lhes tirar o chapéu. As minudências de sua crônica sobre pessoas e fatos dariam para encher livros e ma's livros. Muitas já foram reduzidas a letra de forma por homens da pena antigos e modernos. Mas o que resta por fazer é mil vezes mais do que o que já foi feito. Reduzamos por escrito um desses interessantes episódios, antes que se apague da memória e desapareça na voragem do eterno esquecimento.

Havia lá um Barão, que conheci de vista, quando era criança e na porta de cuja suntuosa moradia passava diariamente ao ir e vir do colégio. Tinha a cabeça inteiramente branca, tão alva que parecia a areia da praia da Jurema noite de luar. Andava sempre de fraque preto e de calças de brim branco, engomadas de chapa, sem vinco, apoiado a um bengalão de castão de ouro. Lembro-me tanto desse bengalão que me maravilhava na infância. Era preto e terminava numa linda cabeça de pato, com as penas bem cinzeladas e dois olhos vermelhos, muito brilhantes. Havia dúvidas se eram de rubi ou granada. O Inacio barbeiro afirmava que eram de vidro. O senhor Barão cobria os nevados cabelos com um chapéu côco de modelo antiquado, baixo e de abas largas, que o povo — não sei por que — chamava **bacorinha**.

Quando se queria dizer na cidade que uma coisa era exquisita, feia, fora de moda, comparavam-na logo com a bacorinha do senhor Barão. Tal qual! Duas solteironas da então rua do Trilho de Ferro, a Inacia Fluzza, que era vesga, e a Gabriela Barbosa, que era capenga, brigaram uma feita por ciúmadãs do Eleuterio, sargento do 2.º de Infantaria, que rondava o quarteirão e punha-se de estafermo à esquina. A Gabriela xingou a Inacia e esta, em represália, atirou-lhe com uma alcunha que nunca mais a largou:

— Vai te catar. Bacorinha do Barão!

Mestre João da Dimitilde, mulato aça e quarentão, estabelecido com serraria, carpintaria e marcenaria à praça da Lagoinha, depois de ganhar bom dinheiro nas obras do novo Teatro que o Governo estava construindo, deu para luxar e frequentar boas rodas. Não se sabe por que, achou que devia imitar o Barão. Meteu-se num fraque talhado pelo Amancio, o melhor alfaiate da terra, comprou na loja do Areias um chapéu côco e estreou-o no domingo, na missa do Rosario, às nove horas. Mal deixava a antiga igreja pela porta principal, no meio de grande concorrência da melhor gente, o desalmado dum moleque, trepado no pedestal da estatua do General Tiburcio, gritou escandalosamente: — Fiáu! Fiáu! Olha o Filhote da Bacorinha! Dalí por diante, Mestre João passou a ser conhecido por tôda a gente como o Filhote da Bacorinha. E não houve remédio.

O Barão não fora feito por Sua Santidade o Papa, como outros que havia na cidade e ele tratava de resto. Nem por Sua Majestade o Rei de Portugal, cujo descôco — criticava o nosso titular — chegava ao ponto de dar às suas mercês novas nomes de lugares do Brasil, e concluía, em tom sizado:

— *Verbi gratia*, Cauibe e Camocim, sem a menor intenção de ofender aos meus colegas.

Não era barão graças a rezas ou a Roma, dizia de maneira cacofônica que se não pode repetir. Devia o título à munificência imperial do Senhor D. Pedro II por grandes serviços prestados à monarquia. Quais foram esses não se sabia muito bem. Falava-se da alforria de meia duzia de escravos, imediatamente incorporados às tropas que combatiam contra Solano Lopez no Paraguai. Muito rico e muito influente na política conservadora do país durante o período final do Segundo Reinado, seu prestígio sobrenadou às crises da Abolição, da Republica e da Revolta da Armada, prolongando-se no tempo, através das presidências conselheiras de Prudente de Moraes, o Biriba, e Rodrigues Alves, o Perú do Catete.

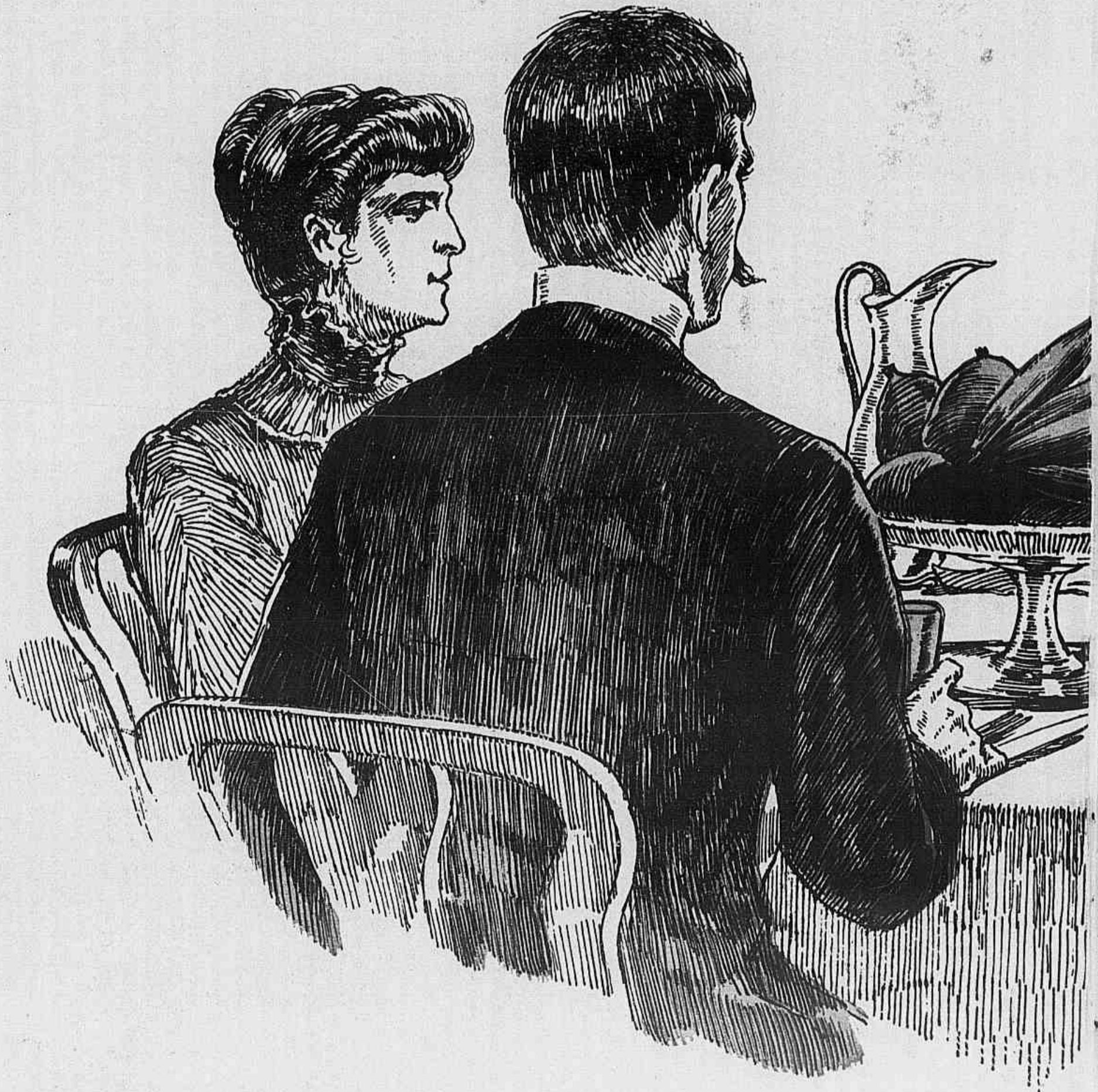
Jamais consentiu figurasse seu nome nas chapas senatoriais ou de deputados. No entanto, por trás dos bastidores, influiu em sua escolha e fazia pessoalmente um terço deles. Além de possuir vastos latifúndios no sertão com imensos rebanhos, mantinha estreito e permanente contato com o eleitorado matu-

to. Compadre da maioria de seus amigos do interior, não esquecia de enviar um presentinho aos afilhados nos seus aniversários. Possuía uma agenda cuidadosamente posta em dia das efemerides íntimas da matutada. Um cartão hoje a Fulano, que completou anos. Um telegrama amanhã a Cicrano, que casou o filho. Uma carta amabilíssima, depois, a Beltrano e sua mulher pelas bodas de prata. Nenhuma carta recebia por mais trivial que fosse ficava sem resposta. Procurava atender, quebrando lanças, a todos os pedidos que lhe faziam. Recebia os dinheiros deste. Fazia os pagamentos daquele. Mandava aviar as receitas de um, enquanto remetia por qualquer meio os remédios encomendados por outro. Era procurador duma infinidade de pessoas e correspondente de outras tantas que tinham filhos nos colégios internos ou no Seminário. Alguns desses garotos, não podendo passar as férias na casa dos pais, passavam-nas alegremente na casa farta do Barão. Por seu lado, a Baronesa ajudava-o admiravelmente em tudo isso. Era quem fazia as compras das comadres, dos afilhados e dos amigos do sertão. Ambos prestavam esses serviços com a melhor vontade, o que os valorizava. Quem dá logo — diz o povo com sua experiência milenar — dá duas vezes. Ora, é obvio que o Barão fosse queridíssimo e desfrutasse de prestígio invejar.

Escondia a falta de cultura falando pouco com modos conselheirais. Diante do que lhe diziam, abalava a cabeça de tal maneira que o interlocutor nunca sabia se aprovava ou negava. Antes de ser barão, quando advogava na mocidade, recebera a alcunha de Dr. Talvez. Casara com uma senhora filha unica de família importantíssima, quasi mais velha do que ele, viuva doutro Barão, esse

medico e formado em Coimbra, reunindo em suas mãos probas, habéis e seguras de projecto administrador duas grandes fortunas. Durante arcos, o casal não teve filhos. Nem os tivera a Baroneza tão pouco das primeiras nupcias. Dois sobrinhos dele, filhos dum irmão que servira no Exército Imperial e morrera no Sul pobre como rato de igreja, esperavam, por isso, ansiosamente a formidável herança, recebendo de máu modo os auxílios que lhes mandava, como se fossem migalhas da lauta mesa que lhes ia pertencer. Foi horrorosa a sua decepção, quando a Baronesa, como a Sara da Biblia, inesperadamente apareceu em estado interessante, aliás nela o mais desinteressante possível de todos os pontos de vista.

Num parto feliz, apesar de tão fora de tempo, nasceu um pimpólho chorão e esbracejante, cujo batizado motivou uma festa de arromba, que fez epoca, no palacete dos Barões à rua Sena Madureira, antiga do Conde d'Eu. Recebeu na pia batismal da Sé, ali perto, dos proprios labios do Bispo o mesmo nome do progenitor — João. Criou-se com o diminutivo de Joãozinho. Os pais, muito derretidos, muito delambidos, viviam, como se diz no sertão, a lamber a cria, fazendo de fato todas as vontades do garoto. Era quem mandava. Imagine-se o que não saíu daí!... Uma feita, veio do interior a entender-se com o Barão sobre serias questões políticas em dos mais prestigiosos chefes partidarios, o Coronel Martinho Gomes. Soba, régulo,



# DO Barão

GUSTAVO BARROSO  
(DA ACADEMIA DE LETRAS)

sátrapa, xeque ou que outro nome tenha da cidade das Lavras da Mangabeira, gosava de prestígio imenso no sul do Estado, graças ao terror que espalhara com seus cangaceiros. Homem de muitas posses e de maus bofes, era acusado pela voz do povo de incontáveis truculências, de criminosas tocaias e sangrentas vinganças pessoais. Andava pelo sertão de chapéu de couro, punhal à cinta e rifle a tiracolo. Na capital, tomava ares condescendentes e mansos, de fraque, colarinho duro e chapéu alto. Sempre de cara fechada, cumprimentava com leve aceno de cabeça, assumindo vis-a-vis de seus interlocutores ares de superioridade e proteção. Esquivava-se continuamente a aceitar qualquer influência do Barão sobre sua atuação política. Combatera-o mesmo algumas vezes. Agora, porém, magoado com o partido contrário e precisado dum empréstimo para suas lavouras no Cariri, pedira uma audiência ao velho titular e vinha propor-lhe um acordo vantajoso para ambas as partes.

O Barão mais ou menos adivinhava o que seria e, como lhe convinha às mil maravilhas, estava contentíssimo. Recebeu o Coronel-Cangaceiro com todas as zumbaias pos-

síveis. A conferência entre ambos foi amistosa e prolongada. Começou às oito e meia da manhã e ainda não terminara às onze, quando a Baronesa surgiu diante deles no Gabinete, cumprimentando amavelmente o matuto e dizendo ao marido:

— Joca, o almoço está servido. Convide o Coronel a nos fazer companhia. Continuarão, depois, a conversa.

E concluiu com o melhor dos seus sorrisos:

— Vamos, Joca, como você sabe, o Joãozinho não pode esperar. Explique ao Coronel e ele compreenderá.

O Barão virou-se para o visitante um tanto confuso:

— É, meu caro Coronel, a vida é assim. Joãozinho é o nosso filho... Está agora com sete anos. Faz oito em junho próximo. Filho único. É quem manda nesta pobre casa. Um verdadeiro tirano. Manda na Baronesa, manda no Barão, manda em todos... Que se ha de fazer? Um filho na nossa idade, e único! é isso mesmo.

E, batendo no ombro largo do outro:

— Vamos ao almoço, meu caro Coronel. Vamos! O Joãozinho não pode esperar, como diz a Baronesa. Não faça cerimonia. Somos gente simples e sem etiquetas. Faça de conta que está em sua casa. Tenho certeza que se não recusará a nos dar este imenso prazer... A nós e ao Joãozinho, é... é... O nosso Joãozinho é uma criança encantadora, como terá oportunidade de ver... Vamos!

O Coronel Martinho Gomes aceitou. Passaram os três à sala de jantar. Muito alegre com seu forro de papel amarelado em que se debuxavam rosas vermelhas, deitava três amplas janelas sobre um baraneiral humedecido pelo riacho Pajeú. Por elas viam-se à distancia os telhados em degraus da rua das Escadinhas e, mais atrás, os coqueirais do sítio do Boris. Soprava uma aragem fresca e iodada que conversava baixinho com as cortinas de filó e labirinto. Lavava o aposento, deitada pelo chão, a luz quente do sol. O alto canto dum sanhassú vinha da mangueira mais proxima.

Almoço servido à brasileira, com todas as iguarias na mesa, em velha louça inglesa azul de pombinhos, imitando Macau. A Ba-

ronesa ofereceu o assento à sua direita ao Coronel. A esquerda, sentou-se o Barão. Em frente dela, ficou o Joãozinho. Tinha sete anos e usava roupa inglesa à marinheira. Cumprimentou o hospede e pôs-se com insistência a examiná-lo de soslaio, uma faisca de malícia acendendo e apagando nos brejeiros olhos rasgados e escuros.

A Baronesa passou ao Coronel um prato de canja em que boiava entre as ôlhas de gordura um pedaço de fígado de galinha.

— Espero que goste, disse. Nossa velha cozinheira, a Mariana, é especialista em canjas e meu marido não as dispensa todos os dias ao almoço.

Martinho Gomes respondeu, sorridente:

— Oh! minha senhora, muito obrigado! Também gosto muito de canja. Lá em Lavras, a minha velha é quem faz a minha, porém só aos domingos. Contudo, galinha de matuto do sertão não se pode comparar com galinha da cidade e de barão...

O Joãozinho soltou uma risadinha amolecada. Os pais disfarçaram, falando do inverno que corria farto e prenunciava um ano promissor para toda a gente. Em principio, o Coronel não gostou muito da risadinha; mas nada disse. Tomou a canja que, em verdade, estava deliciosa. Limpou os beiços ao guardanapo pendente do colarinho, onde enfiara uma das pontas, e começou a elogiá-la:

— Canja de rei, minha senhora! Nunca provei coisa melhor.

— Quer mais um pouco, Coronel? indagou a Baronesa solícita.

— Não faça cerimonia, meu amigo interveio o Barão.

Nisto, o Joãozinho, apontando para uma banana da terra, comprida, das chamadas chifre-de-boi, com quasi trinta centímetros, que encimava a grande fruteira de cristal do centro da mesa, surgindo espetacularmente dentre as mangas, goiabas, atas e araçás, disse com voz peremptoria que não admitia discussão:

— Seu homem, coma já aquela banana!

O Barão e a Baronesa fingiram não ter ouvido e trocaram algumas palavras triviais. O matuto fez-se de desentendido, respondendo-lhes da mesma maneira.

O Joãozinho insistiu, fechando a cara, imperioso: Seu homem, já lhe disse, coma já aquela banana.

O Barão falou, molemente:

— Que é isso, Joãozinho? Deixe-se de brincadeiras. O Coronel é um homem de respeito, amigo de seus pais. Você não vai querer que, entre a canja e os outros pratos, ele coma uma banana. Vamos, acabe sua caixinha, meu filho!

E a Baronesa:

— Na sobremesa, o Coronel e nós comeremos a banana, não é?

O chefe político, mordendo o labio e fazendo um esforço para conter-se, disse vagarosamente:

— Pois é. Agora não, Joãozinho. Na sobremesa, satisfarei seu desejo e comerei a banana.

Acrescentou com um sorriso leve e falso:

— Se ainda houver praça, toda. Se não, um pedaço.

O menino malcriado não aceitou o alvitre e gritou, corado, imperativo, batendo com o cabo do garfo no prato:

— Quero é agora! Quero é agora! Coma a banana já e já, seu homem!

O matuto fez um esforço para conservar a calma e retrucou com afetada mansidão:

— Não, meu benzinho. Na sobremesa.

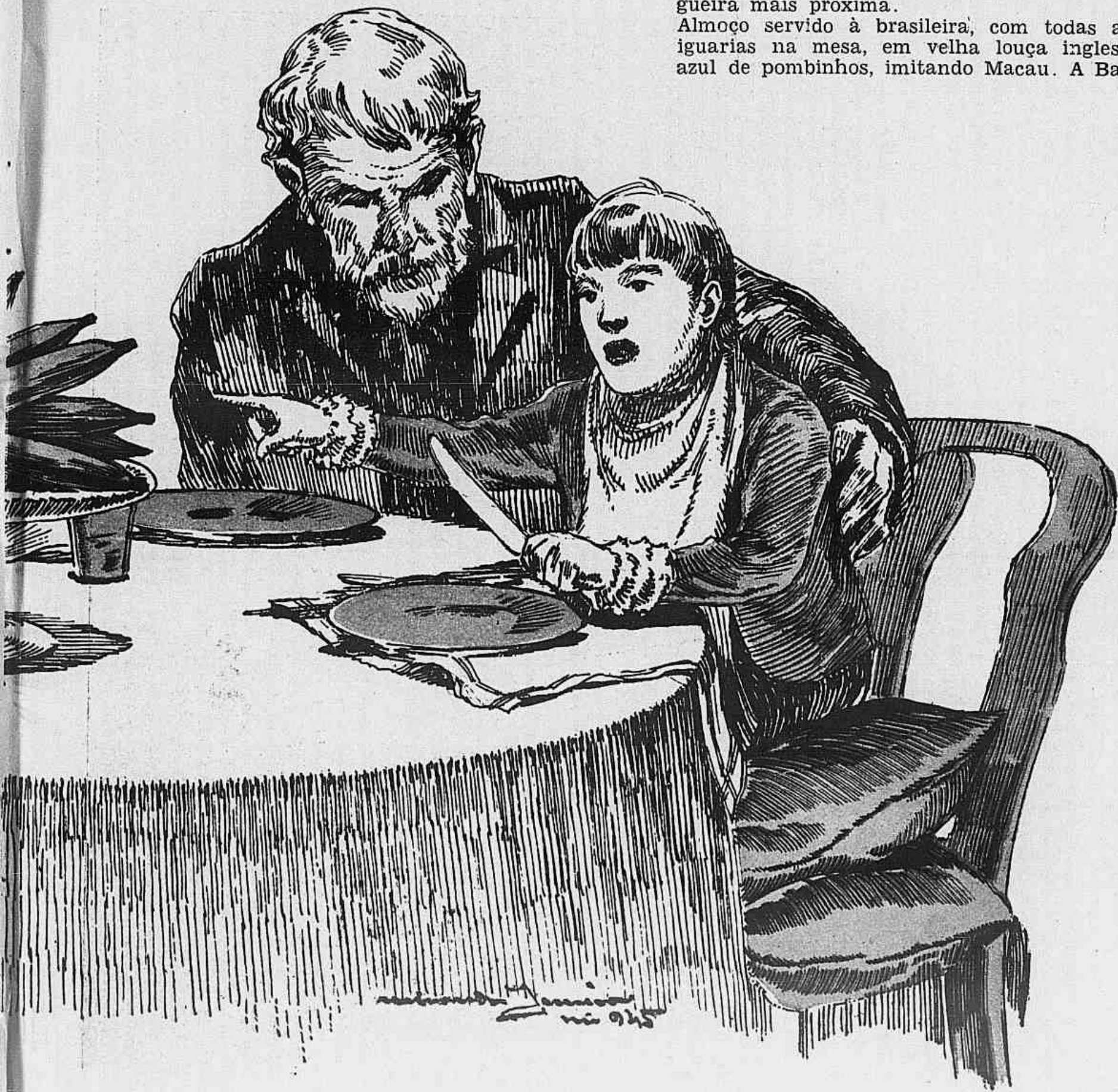
Por dentro, tinha ganas naturalmente de esganá-lo. Ai, o pirralho botou a boca no mundo, esperneando e continuando a bater com mais força no prato e na mesa, com o garfo por cima e com os pés por baixo, epileticamente. Berreiro terrível, no meio do qual, de quando a quando, vinha a explosão:

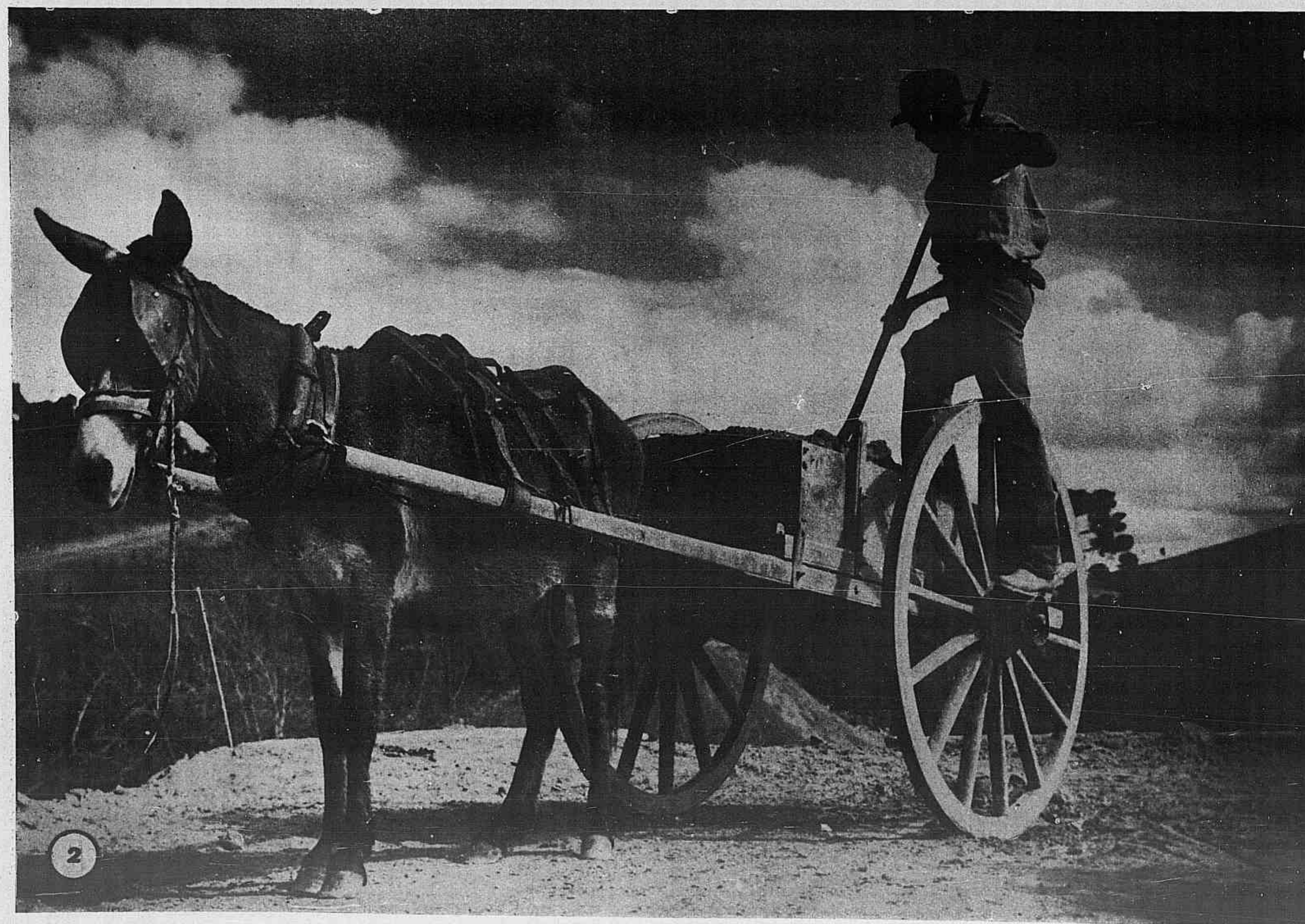
— Seu homem, coma já a banana! Já e já! Coma, se não eu morro!

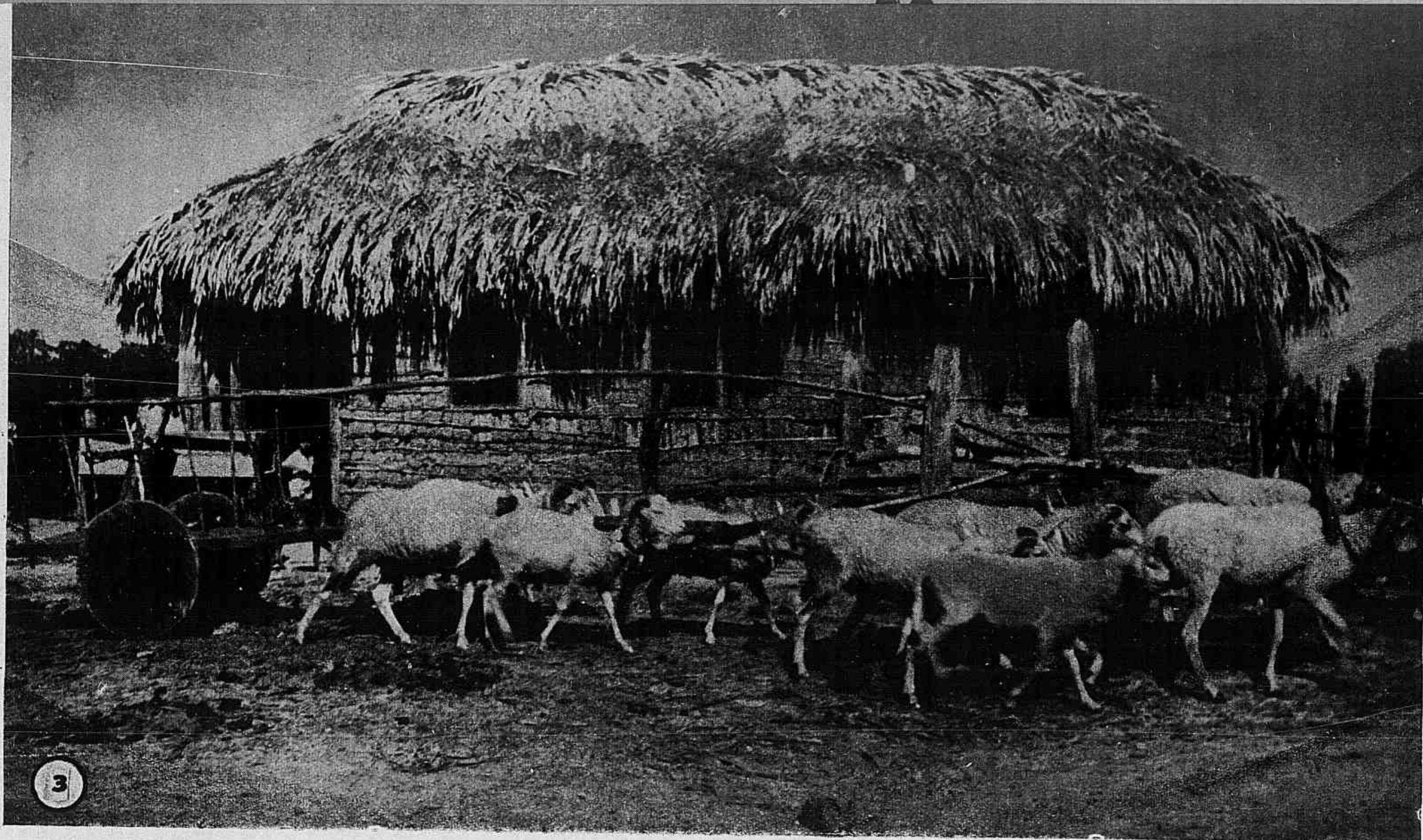
Os criados, receosos da crise, sumiram-se pela porta da copa. Os pais, aflitos, procuravam acalmar o malcriado, que continuava a berrar como um bezerro desmamado e a uivar como um cão prisioneiro noite de luar:

— Ai! ai! ai! Papaizinho, faça o homem comer a banana! Ai! ai! ai! Mamãezinha da

(Continua no fim do número)







3

# IMAGENS DO BRASIL RURAL

O progresso não chegou ao campo entre nós. Os camponeses do Brasil não têm, como os norte-americanos ou como os europeus, antes da grande tempestade de destruição e horror em que o mundo mergulhou, durante 6 anos, os benefícios da eletricidade, de transporte fácil e barato, saneamento perfeito, conforto e instrução. Mas nem por isso são menos belos os panoramas do campo. A poesia canta em torno deles, embora não se aperce-

bam da beleza que há nas coisas rústicas que os cercam.

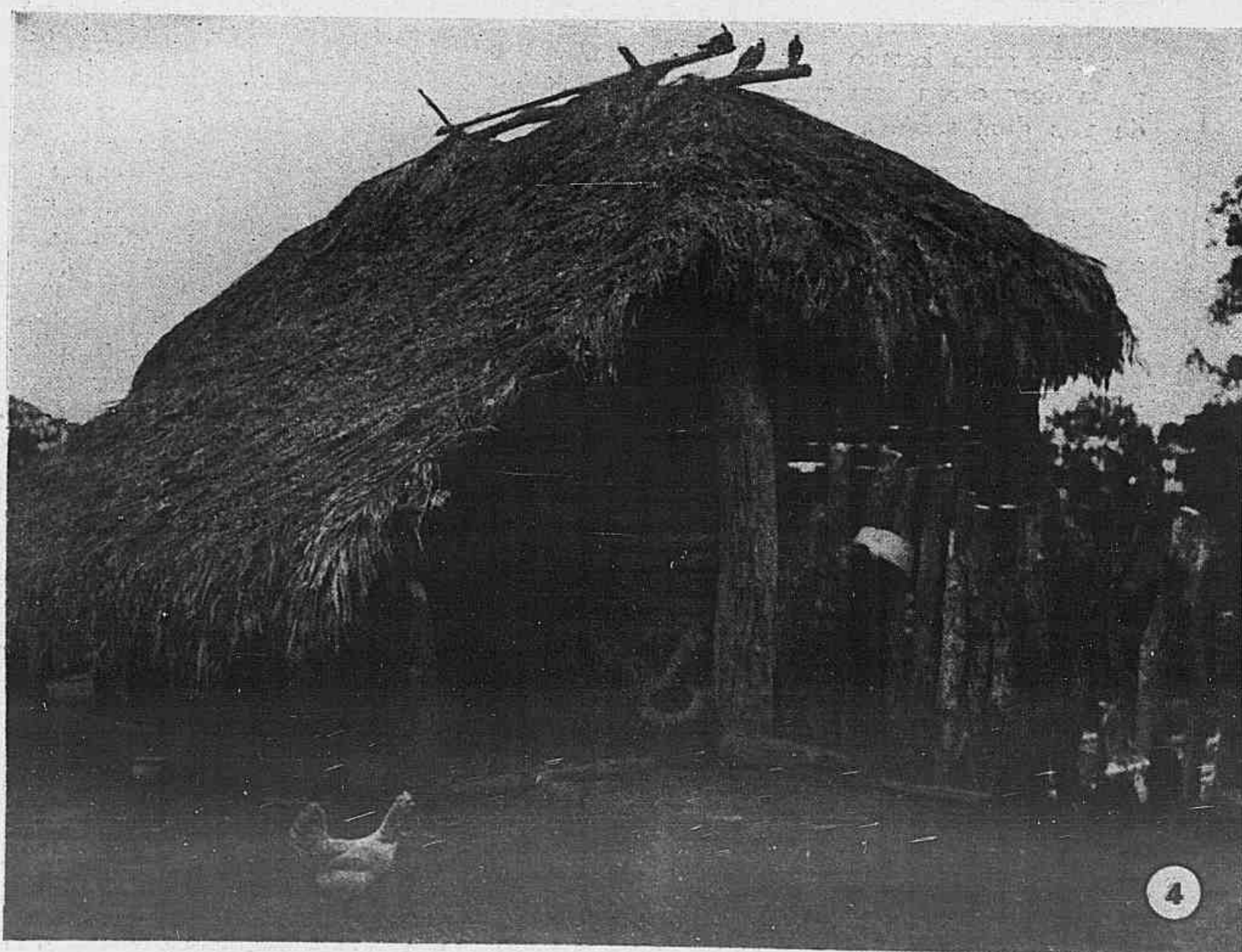
A gente da cidade percebe mais facilmente e encanto singelo da paisagem rural, decerto devido ao contraste que forma em seu espírito com as imagens da vida intensa e movimentada dos grandes centros de atividade humana. E os leitores hão de concordar que de fato há poesia e beleza mesmo naquilo que parece mais pobre e atrasado no interior.

1 — A Igreja de São Miguel, na fronteira do Brasil, ao lado do Museu das Missões, reconstruída pelo Serviço do Patrimônio Artístico e Histórico

2 — Uma cena comum do interior do Brasil: reparando uma estrada graças ao serviço de uma velha e modesta carroça de tração animal.

3 — O mais rudimentar veículo a tração animal: um velho carro puxado por ovelhas.

4 — Eis o pátio pauperrimo de uma casa de cabôclo: humilde, tosca, mas não desolada.



4



## A Conversão do MENINO ÍNDIO

Curumim-Guaianá era um índio menino que morava na Serra, altivo em seu destino como a terra cabocla em que nascera. O sol acendera em seu corpo ardência de arrebol, e puzera em sua alma a bondade e a poesia como um grande cocar tão claro como o dia.

Curumim-Guaianá amava o céu tranquilo e as noites de luar, onde encontrava aquilo que não sabia bem o sentido que tinha, e era doce e era bom como o sonho que vinha da voz dum sabiá escondido no mato ou da flôr que rolou nas águas dum regato.

Ao nascer da manhã pintalgada de rosa ou tremendo de frio, alvacenta e brumosa, lá ia o curumim à pesca no Anhembí que abria a bôca verde-azul de sucurí e engulia a distância em voltas côr de prata. No silêncio ensombrado e assombrado da mata corria a bicharada. Ali êle caçava as antas e os saguís. Quando a tarde chegava, seguia o curumim a explorar os mundéus que sua gente armava e onde a benção dos céus muita vez dominava a fúria do jaguar e a rapidez da corça. Em bandos pelo ar, baitacas, bentevis e rôlas cantadeiras eram sempre o alvo bom para as flechas certas do seu arco. A pontinha afiada do uamirí cortava pela haste a flôr do cambucí ou pregava no céu a alma dum beija-flor. Melhor que o guaianá ninguém guardava o amor à terra rubra e forte e às coisas desta vida que fazem da existência a eterna apetecida:

Comer bem, dormir bem, sestejar à vontade, sentir no chão, no ar, no amor, a liberdade de fazer o que entende o instinto sem juízo, na antevisão pagã dum novo paraíso.

Veio um homem então, aureolado de santo, olhos claros de mar, trazendo sob o manto a cartilha e uma cruz como um cétro divino. No simples coração selvagem do menino esta presença foi como um clarão de luar numa estrada insegura e incera a palmilhar. Como era mansa a voz saida d'esses lábios! Tão mansa e tão sutil que os pássaros mais sábios e bravos da floresta, em prodígios e assombros pousavam-lhe nas mãos, cantavam-lhe nos ombros! E um cachorro do mato, os dentes aguçados, lambeira-lhe os dois pés nos sapatões rasgados.

Para o indiozinho nú, era como uma festa o poder enxergar as fôrças da floresta abatidas a alguém. "Êle é mais que Tupã. Sim, Tupã não faz isto. Irei vê-lo amanhã." Essa idéia surgiu, lutou, venceu por fim. Quando a manhã chegou, já viu o curumim no terreno melhor, mais firme do planalto, ajudando a bater, a levantar mais alto a taipa de pilão erguida pela fé no pórtico da História. Ao ver a igreja em pé, disse Anchieta ao menino, agradecendo a Deus: — Seja feita na terra a vontade dos Céus! Todo homem deve ter um nome que o batise, que nos livros de Deus seus atos eternise de tudo que fizer por decisão e amor. — S. Paulo, eu te batizo em nome do Senhor.

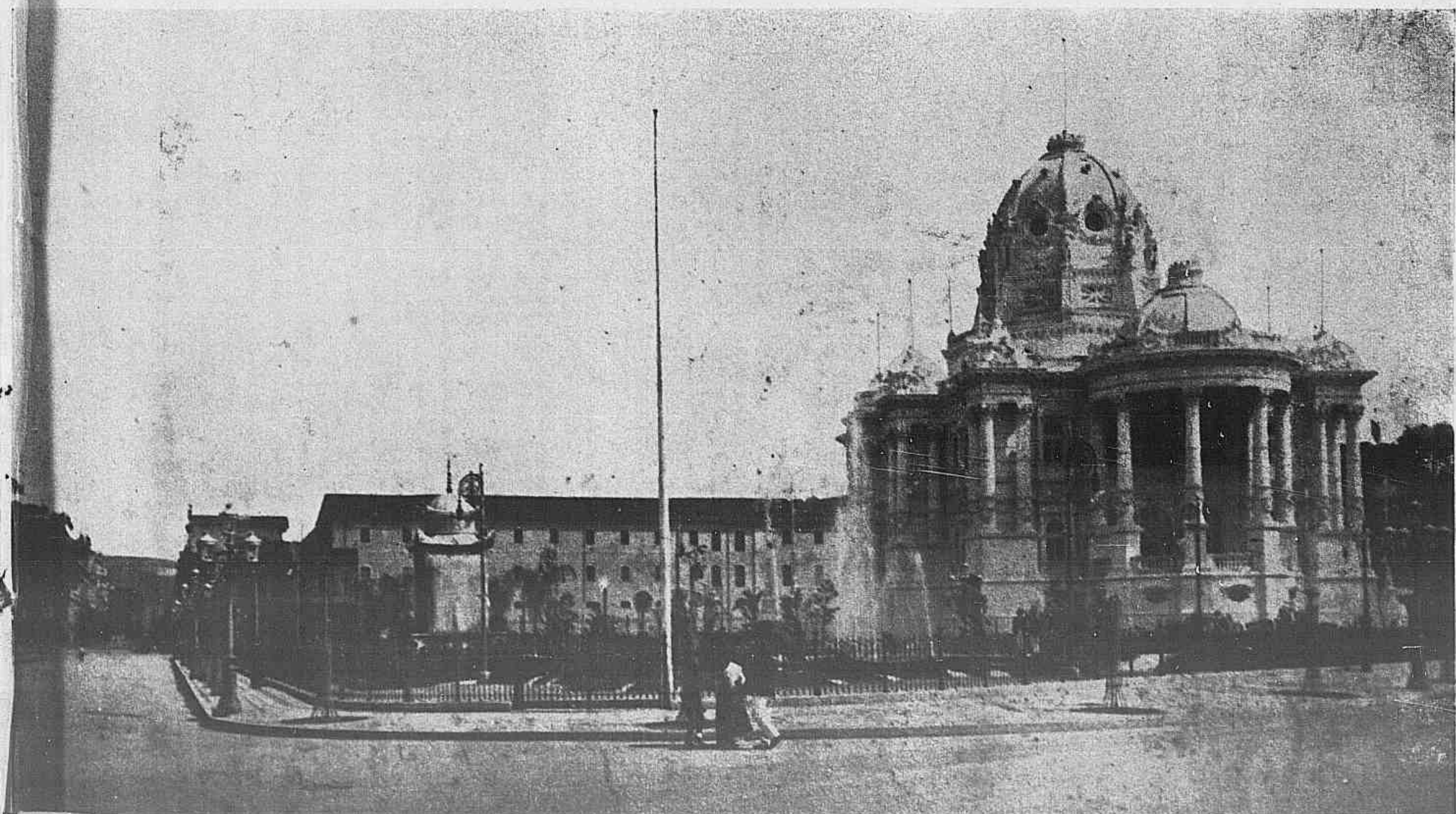
OLIVEIRA RIBEIRO NETO

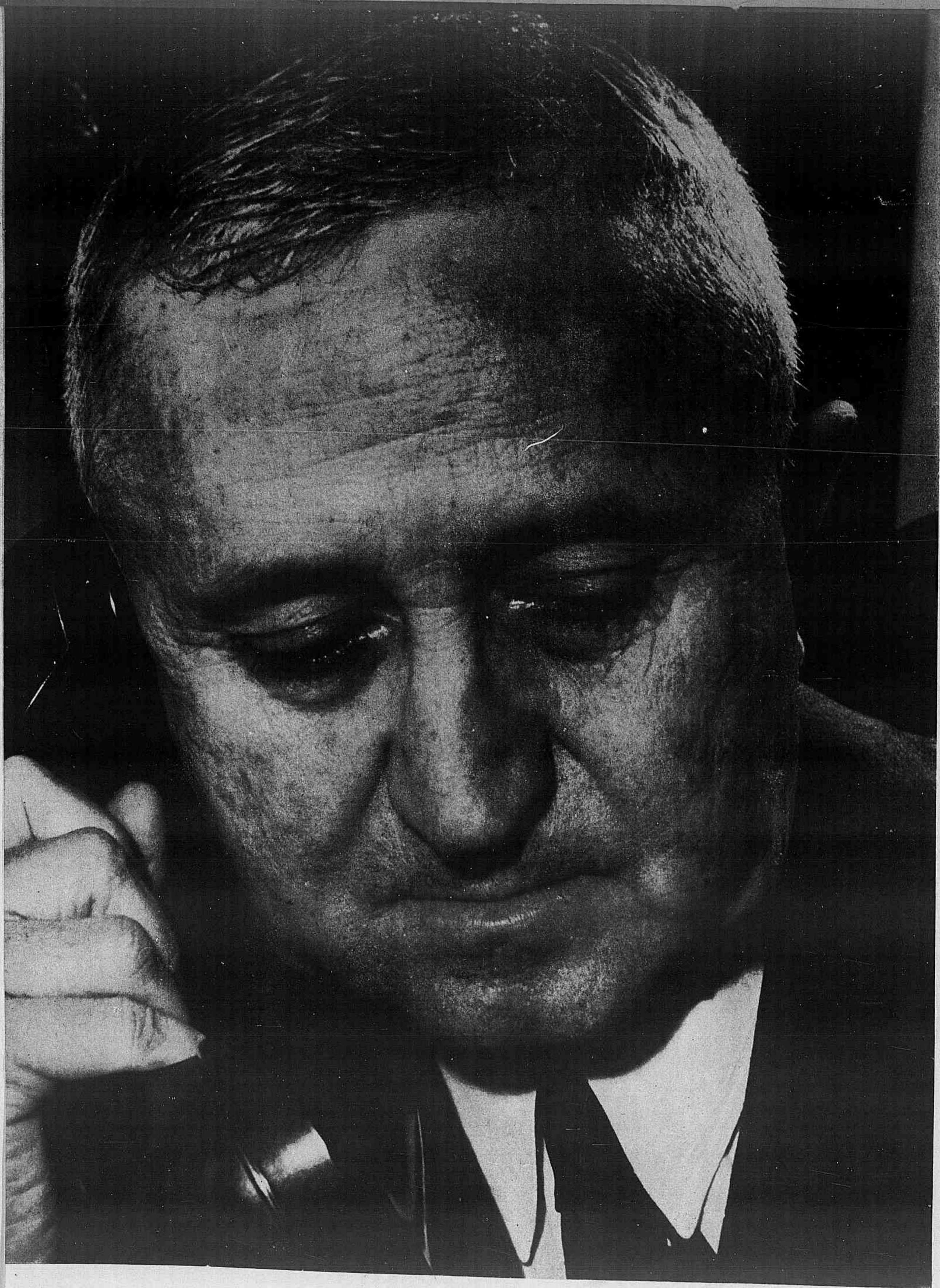


# RIO DE HOJE... E DE HÁ 36 ANOS

A fisionomia urbana do Rio sofreu sua primeira transformação quando as picaretas do Prefeito Passos abriram a Avenida Central. E foi precisamente em um dos extremos da grandiosa artéria que se iniciou a modernização arquitetônica da cidade, com o aparecimento dos primeiros arranha-céus. O velho convento da Ajuda desapareceu e em seu lugar nasceu a Cinelândia.

Daquêles dias só ficou, ali, o palácio Monroe que aqui aparece em duas fases distintas: em 1909, quando o convento ainda existia, e em 1945, após ter surgido o Edifício Serrador, um dos mais belos e mais modernos do Rio atual.





Um dos mais expressivos flagrantes do Sr. Eurico Gaspar Dutra, onde se denunciam as qualidades caracteristicas de sua personalidade, como o equilibrio, a serenidade e a energia de um grande administrador.



## EURICO GASPAR DUTRA

### E a Convenção do Partido Social Democrático

A numerosa assistência que compareceu à Convenção Nacional do Partido Social Democrático, no Teatro Municipal, foi agradavelmente surpreendida pela qualidade da decoração do ambiente. É que encontrou nessa decoração elementos que vinham responder a uma necessidade generalizada na opinião pública. Pelo seu feitio modesto e reservado, o sr. Eurico Gaspar Dutra, cuja candidatura à Presidência da República foi homologada na imponente assembléa, não teve de seus inegáveis serviços, como reformador do Exército e organizador da FEB, uma repercussão à altura no seio da opinião pública civil.

Seus serviços, seus méritos de organizador, de administrador de alta estirpe, ficaram mais ou menos circunscritos ao ambiente militar.

Era, pois, indispensável que se mostrasse à opinião pública brasileira quem é, o que fêz, como vive, como trabalha, como se dedica, em suma, à Patria, este eminente brasileiro a quem se vai confiar o futuro da Nação.

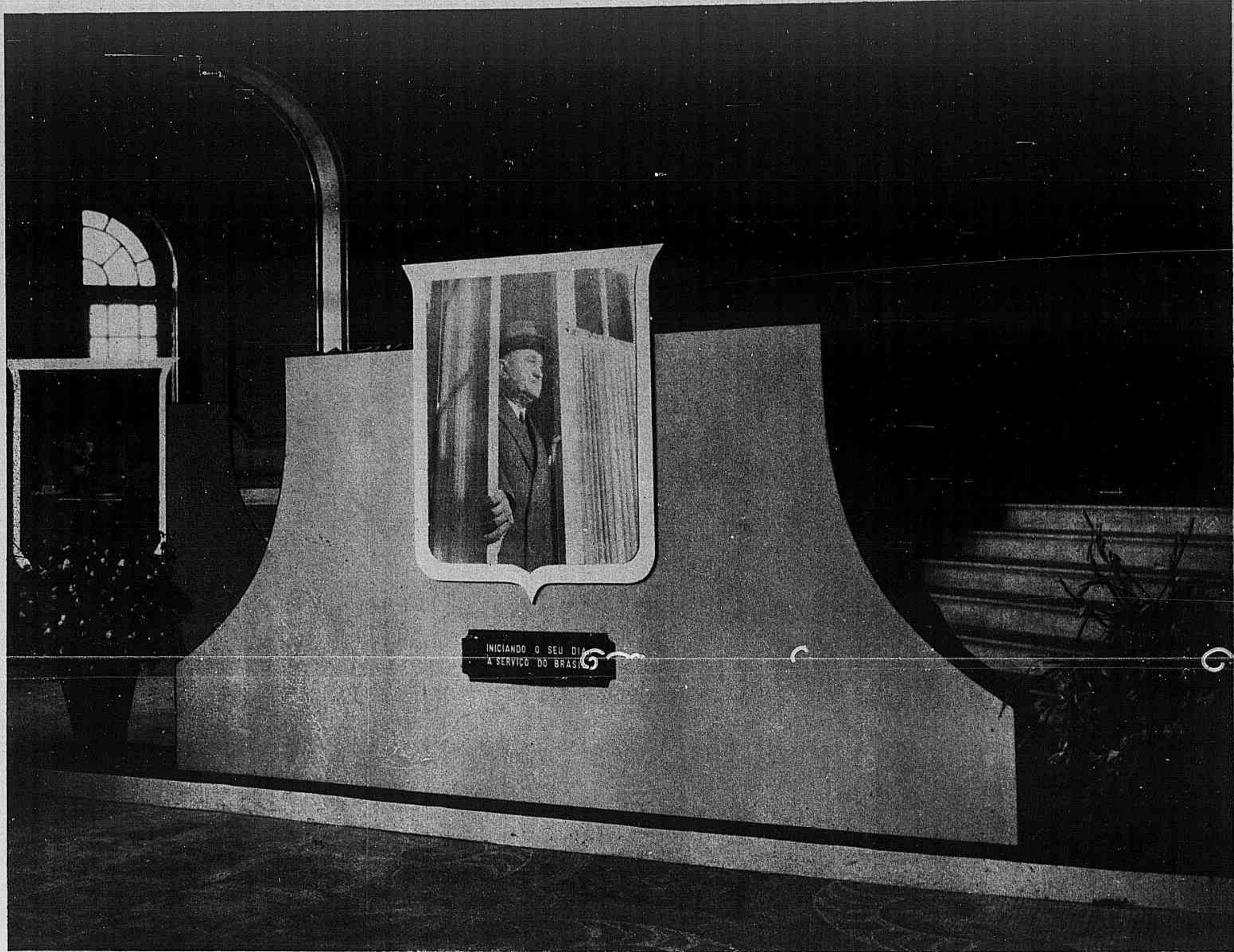
Ali não se visou atingir a grandiloquência, mostrando o candidato como um homem excepcional, nem fazendo ao povo absurdas promessas, nem atirando-lhe aos olhos frases pomposas. Ali se procurou e se conseguiu realmente pôr o povo em contacto com o homem simples, modesto, equilibrado e sereno, que é o candidato do Partido Social Democrático à presidência da República. A propaganda estabeleceu uma linha de visível harmonia em relação às características da personalidade do candidato, o que não é de admirar, de vez que foi dela que recebeu a inspiração.

De modo que, antes de sentar-se para acompanhar os trabalhos da Convenção Nacional do Partido Social Democrático, ou, ao sair, depois de ouvir o programa dessa organização política em suas linhas mestras, o público teve da personalidade do general Eurico Dutra uma visão direta e clara. É como se o tivesse visto, trabalhando em seu gabinete, entrando ou saindo em sua casa, lidando com os problemas de administração

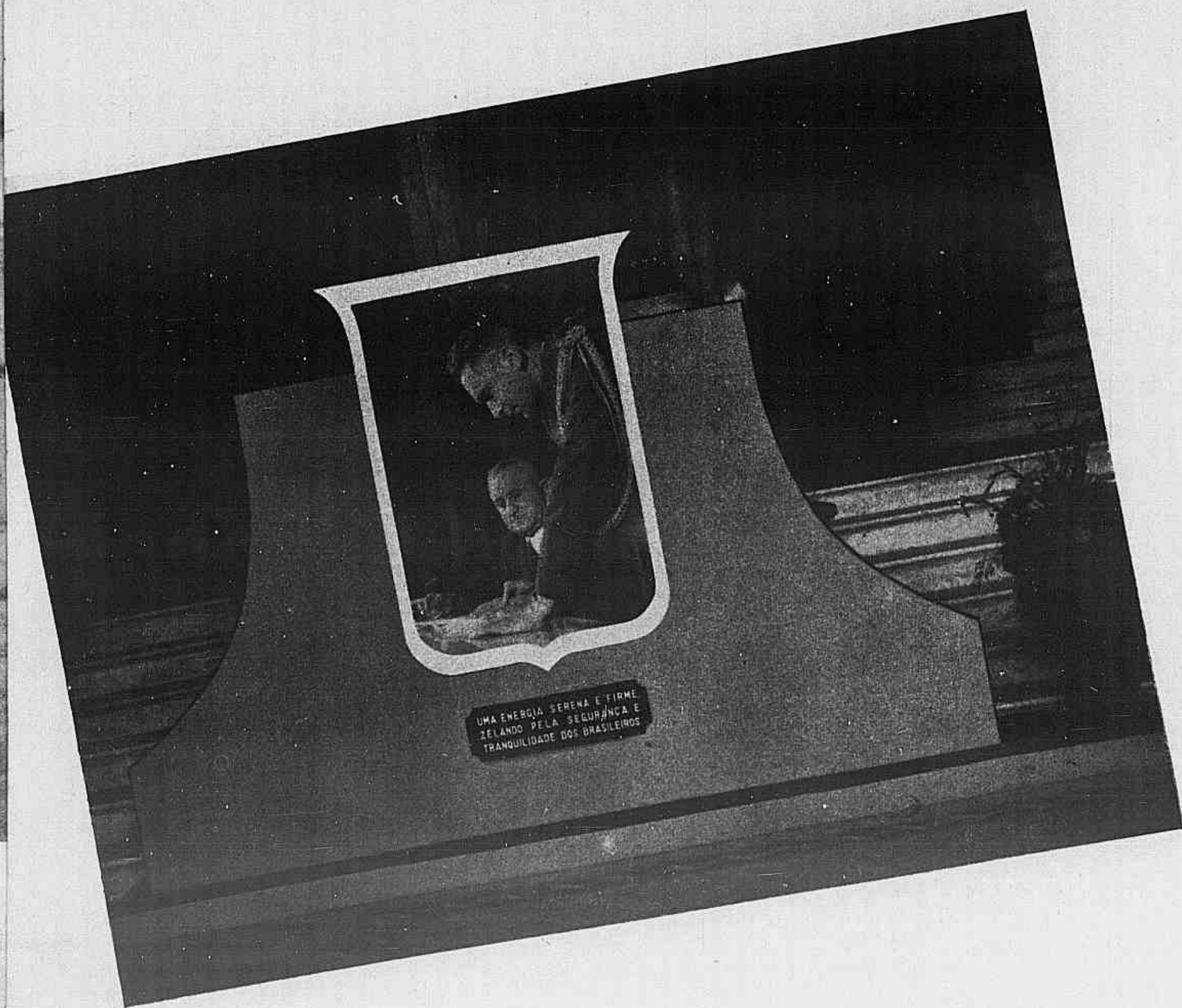
que cada dia se apresentam à sua atenção, absorvido nas preocupações comuns de um administrador que é também um grande patriota e que tem tido, mais do que ninguém, um contacto diário com as realidades do Brasil.

Em verdade, as forças políticas do situacionismo brasileiro, que têm a maior responsabilidade pelos destinos do país, foram buscar, para colocar à frente dos negócios públicos do país, no próximo período governamental, um homem sensato, experiente, trabalhador, bom filho, bom esposo, bom pai, um homem que, tanto na vida pública como na vida privada, pôde ser considerado um modelo de sólidas virtudes.

Embora seu nome se tenha coberto de glórias, como chefe do exército que vem de tomar parte saliente na batalha da Europa, embora seu vulto esteja definitivamente incorporado à História contemporânea do Brasil, como organizador e preparador das Forças Expedicionárias Brasileiras, embora seja imenso o seu prestígio no seio das classes



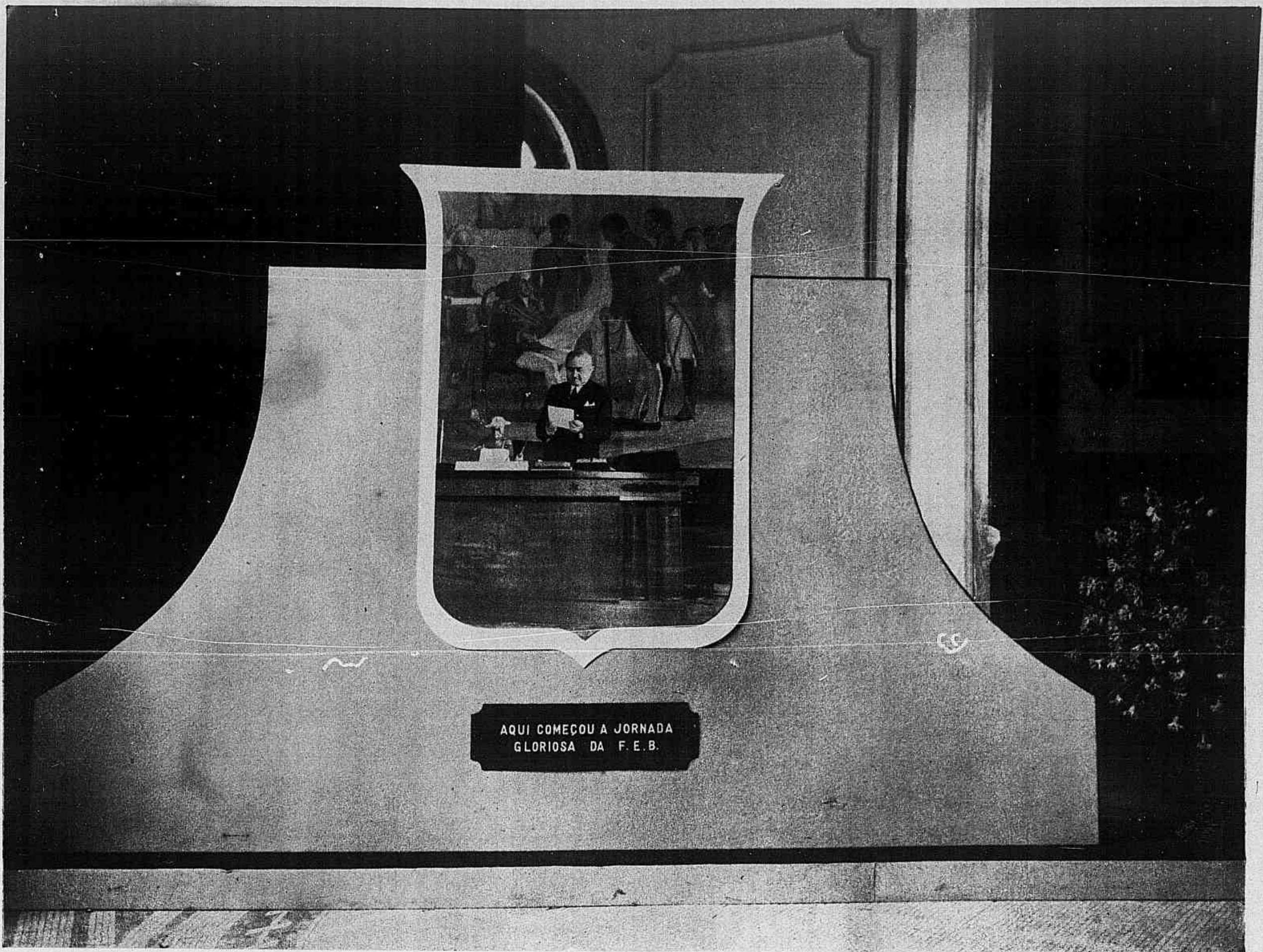
INICIANDO O SEU DIA  
A SERVIÇO DO BRASIL



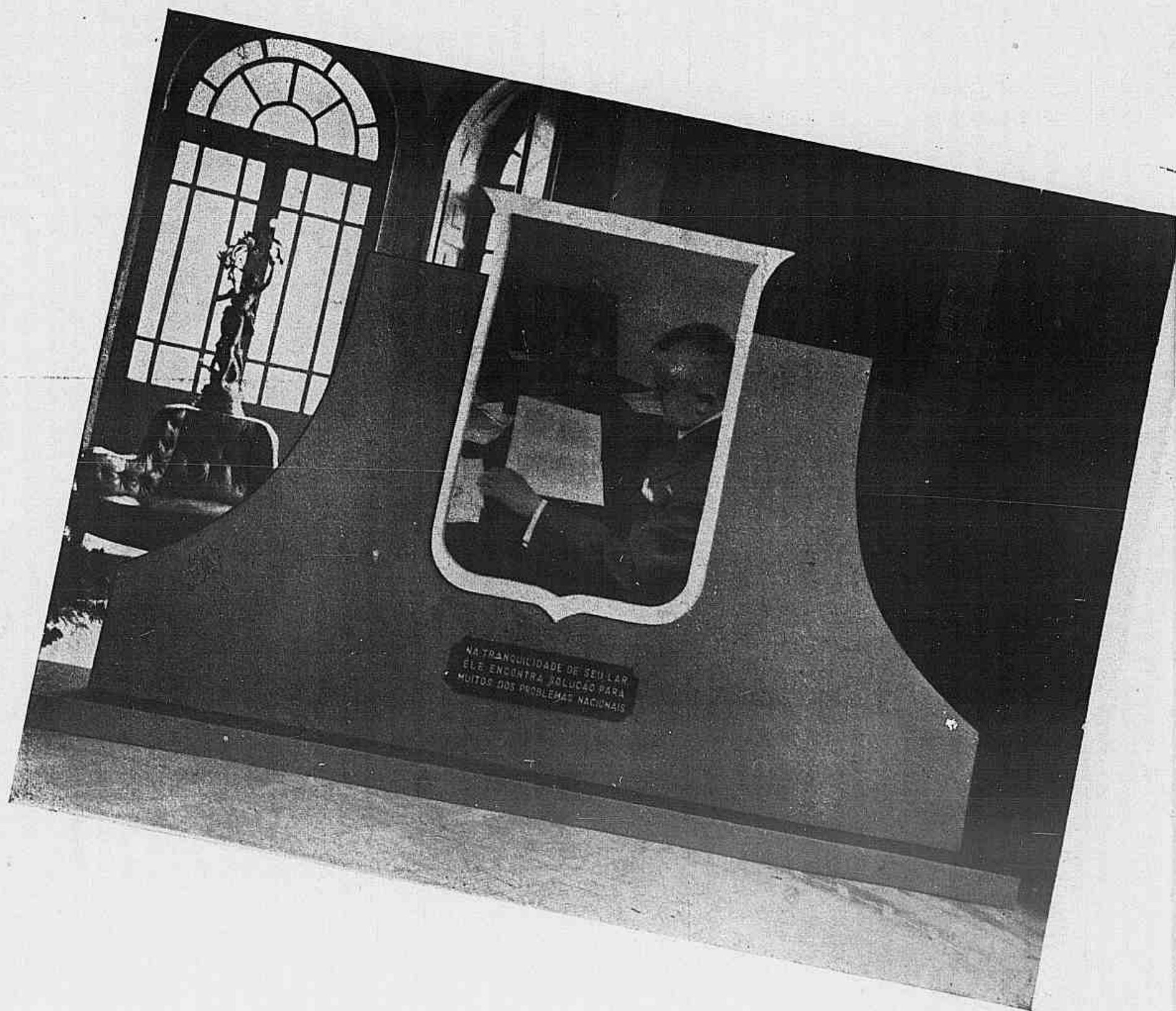
UMA ENERGIA SERENA E FIRME  
ZELANDO PELA SEGURANÇA E  
TRANQUILIDADE DOS BRASILEIROS

armadas do país, como administrador capaz e como comandante disciplinador, não foi por isso que o general Eurico Dutra foi escolhido candidato à presidência da República. Sua escolha foi motivada pelas provas de capacidade oferecidas durante toda a sua vida, em postos de responsabilidade, pelo equilíbrio que sempre revelou, pelo bom senso, critério e energia que tem demonstrado nos momentos mais difíceis de nossa vida pública. Sua conduta em todas as ocasiões é de molde a inspirar confiança e, mais do que confiança, certeza de que nele a Nação terá um administrador de pulso.

Assim, os cartazes do P. S. D. procuraram focalizar justamente es-



sas qualidades: o chefe de família exemplar; o trabalhador infatigável que sai de casa com a primeira luz da manhã e regressa à noite, ainda levando papéis para ler, meditar e despachar; o homem público que, em seu gabinete, recebe a todos que o procuram, sem procurar saber-lhes a condição social ou as convicções políticas; o ministro que se mantém ao par de todos os assuntos e problemas de sua pasta, desdobrando-se numa atividade contínua que abrange todos os setores do exército; o cidadão que acompanha com o mais vivo interesse tudo quanto se refere à nossa terra e à nossa gente e não poupa esforços, quando se trata de fazer alguma coisa pelo bem do Brasil; o patriota, cujos olhos estão constantemente voltados para as glórias de nossa His-





DEPOIS DE UM DIA DE INTENSO LABOR, ÉLE AINDA ACOMPANHA, EM CASA, OS INTERESSES DO PAÍS

tória e para os grandes nomes que avultam em nosso passado, procurando nas lições de ontem o exemplo e a inspiração para os dias de hoje. Em vez de promessas vagas, a poderosa afirmação de uma individualidade que é uma garantia de equilíbrio, sensatez e honestidade.

E não resta dúvida de que este é um dos melhores ângulos para uma propaganda eleitoral seria e eficiente. Porque utiliza elementos que todos percebem.

Não joga com expressões vagas e não apresenta ao povo senão afirmações simples cuja veracidade ele pôde facilmente comprovar. O público por si mesmo tira suas conclusões: quem soube dirigir os negócios de uma pasta como a da guerra, realizando o extraordinário progresso que o exér-

cito hoje ostenta, possui certamente a experiência necessária para dirigir os negócios de uma nação.

Quem trabalha com tão nobre afincamento, quem tem uma vida tão metódica, quem possui estas virtudes domésticas, não pode deixar de ser um bom cidadão, e só um bom cidadão pôde ser um bom chefe de Estado.

E' isso que os cartazes do P. S. D. sugerem

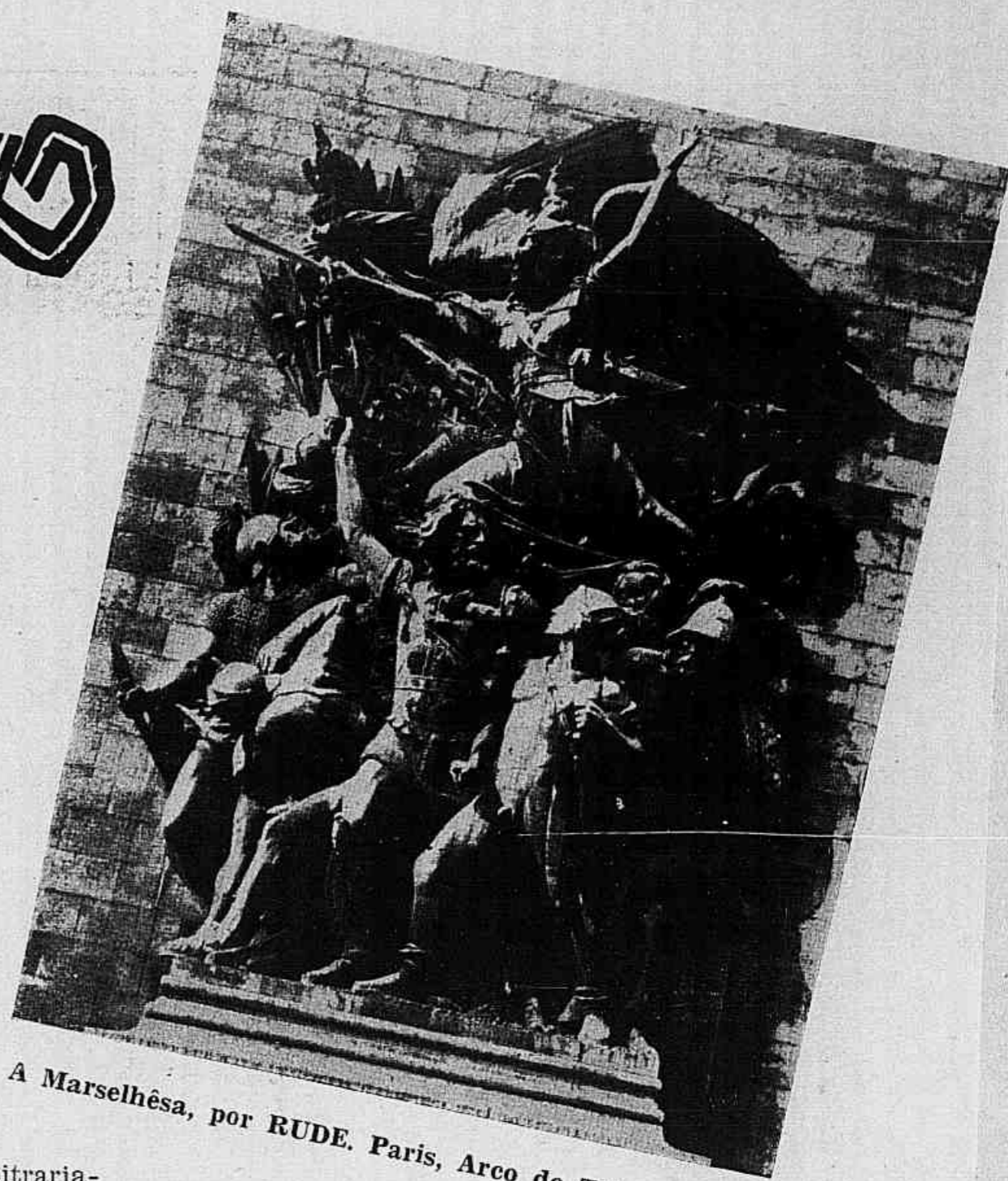
e é isso que fica na mente do povo, profundamente gravado no seu espírito. Ora, o mundo atravessa uma crise que é principalmente crise de confiança, e não há nada que as massas do mundo inteiro mais desejem neste momento do que segurança, certeza, tranquilidade, rumos seguros e claros. Quem pôde inspirar maior confiança ao público do que o administrador que já deu as melhores provas de capacidade, o cidadão que sempre se conduziu, na vida pública e privada, através de caminhos retos e limpos, o homem que se fez por si mesmo, pelo poder de sua energia e de seu caráter?

Estas foram as razões que inspiraram e nortearam a propaganda do P. S. D., de que tivemos uma excelente mostra no hall do Teatro Municipal, por ocasião da Convenção Nacional.



# DESRESO E GERNATIS

Por FLÉXA RIBEIRO  
PROF. CATEDRÁTICO DA ESCOLA NACIONAL  
DE BELAS ARTES



A Marselhêsa, por RUDE. Paris, Arco do Triunfo

**A**LGUNS problemas de arte, principalmente no que toca à técnica, continuam mal esclarecidos. Certos dêles não foram examinados fora de dados didáticos que nem sempre correspondem à realidade.

Bastará recordar-se o domínio de certa classe de modelo: fora dela não seria possível qualquer composição digna de prestígio. Ainda no século passado, a escola "clássica" francesa sustentava aquêles ditames. E tanto David como Ingres eram titânicos naquêles cometimentos. Como seria possível conceber qualquer tema de arte, longe das figuras da Mitologia ou da Bíblia, ou da História Antiga? Só o prestígio da epopéia napoleônica conseguiu em parte aquêles princípios. Foi

paciais da composição.

Por tais caminhos encontramos ornamentos que se realizam fora do compasso, por terem sido compostos longe imperativo da síntese formal.

A composição para a pança de um vaso ou para o painel de um biombo — não poderão ser concebidas nem executadas arbitrariamente. Cada um há de obedecer ao ritmo que a forma realiza, pois se ela é o conjunto determinado do objetivo pela aparência exterior...

Aliás, tão importante verdade, não é descoberta clássica, nem mesmo das épocas de esplendor das civilizações modernas. Vamos encontrá-la no seio dos ceramistas de Creta, pré-helênica, e entre os índios, brasileiros. Aquêles de mais de dois mil anos, e êstes, pelo menos, no fim da era pré-cabralia...

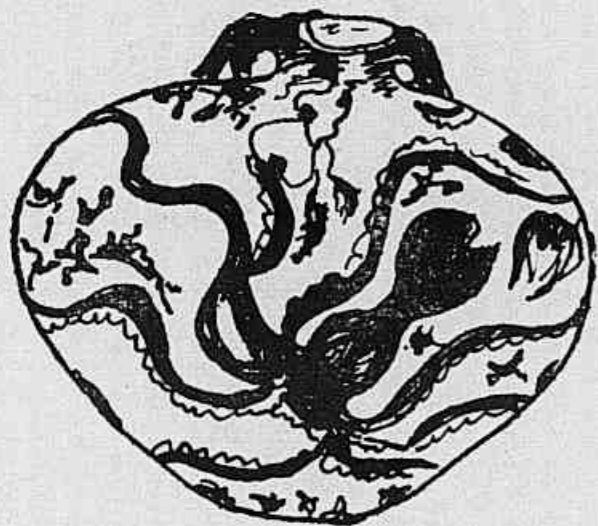
Na estilização, ou mesmo no desenho realista, vamos deparar com a composição subordinada à forma, na sua expressão de ritmo espacial.

Como falamos na Creta de segundo milênio, poderemos verificar como o decorador insular de Knossos ou de Palaicastro correu no mesmo campo ornamental com a visão segura. Agindo num cône, num cilindro ou numa esfera, não poderia isolar-se da idéia geral de ritmos circulares e de que estão povoados as superfícies arredondadas.

Possivelmente a obediência ingênita dêste princípio, levou o mundo creto-egéano a produzir os mais formosos exemplares cerâmicos decorativos da antiguidade oriental ou clássica. Para os cretenses a fauna marinha foi

uma fonte ornamental inesgotável. Dos animais da água, o polvo foi o melhor estudado: dêle aparecem nos vasos insulares algumas das obras primas do gênio humano, na arte decorativa. Nem a época aurea da Grécia, nem a Renascença Italiana ultrapassam aquêles gêneros ornamentais. Naturalmente que não me refiro à zoolatria que era a base da inspiração, pois para os artistas da Creta, o animal, no seu realismo vivo, era a própria Mãe Natureza. Mas tão somente aos períodos em que se poderia dividir a evolução técnica: da esquematização, do realismo e da estilização. Em todos êles o artista não esquece que num vaso, a superfície do cône, do cilindro ou da esfera determina o sentimento — da sua síntese formal — os ritmos que deverão ser seguidos para que se obtenha a unidade, e como a visão real do próprio mundo gerador dos seres que lhe abriram o segredo da harmonia da composição.

De fato, é dessa energia contagiosa, entre o campo ornamental e o motivo estilizado, que resulta a mais alta vitalidade decorativa, a unidade. E só por ela poderemos atingir, a grau maior da expressão artística.



Vaso de Creta. Estilização do polvo

preciso que o movimento gerado por Delacroix e Gericault determinasse conjunto de novos ideais. Eles criaram a escola chamada "romântica". Só depois os temas foram renovados, e, a composição ficou livre das regras clássicas. Por êste meio vieram à tona a exaltação do "eu", e o acentuado fervor do pitoresco, além do predomínio da cor sobre o desenho, ou da forma sobre a estrutura. Mas, em verdade, só com os "Impressionistas" é que a "luz passa a ser o assunto do quadro"...

No entanto, muitos pintores de Renascença Italiana, como Masaccio, Piero della Francesca e Antonello da Messina, haviam compreendido semelhante fenômeno.

Se procurarmos a origem funda dessa espécie de desprezo pela realidade, e, preferência por uma natureza ideal, como que estilizada, iremos, talvez, encontrá-la na arte bizantina, ainda através dos sonhos de Duccio, última flôr da pintura antiga.

Na translucidez dessa inspiração, que se modifica ao sopro milagroso de São Francisco de Assis, com Giotto, a aurora da pintura moderna aparece. Apesar disso, ainda até os nossos dias, muitos pintores continuam a operar debaixo daquêles códigos milenários, tal o prestígio envolvente da tradição discipular. Outro epítome dêstes agravos à verdade artística, encontramos, nos que não acreditam — e aqui é o campo decorativo — seja a silhueta da forma que determine os ritmos es-

Vaso de Marajó. Esquematisação de máscara humana



# ILUSTRAÇÃO LITERÁRIA

A Academia Brasileira aliou-se ao povo nas homenagens que vem prestando às Forças Expedicionárias que nos campos de batalha da Europa, por seus feitos heróicos, tão alto elevaram o nome de nossa pátria. Essa eminente instituição literária concederá um prêmio de 20.000 cruzeiros ao melhor trabalho histórico a ser escrito nos próximos anos sobre a ação dessas forças na Itália. O assunto é fascinante e o prêmio não o é menos: Nossos soldados que foram auxiliar os exércitos da Democracia a varrer da Europa a opressão nazifascista, tiveram realmente atuação destacada, concorrendo com seu destemor e seu sangue para que a liberdade voltasse a iluminar o mundo. Eles, portanto, concretizaram nossas aspirações, fortaleceram nossas esperanças em um mundo de paz e segurança no futuro. E' justo, pois, que seus feitos fiquem impressos em páginas belas e imorredouras para orgulho também das gerações vindouras. O autor da proposta foi o escritor e nosso colaborador Celso Vieira, que a justificou em brilhante página, esperando que venha a surgir em nossas letras outra obra tão notável quanto "Os sertões" ou "A retirada da Laguna". E concluiu: "Objetivando, assim, o meu desígnio — vêr belamente escrito um dos mais belos capítulos da História do Brasil, vê-lo escrito, com impressões originais e flagrantes, parcelas da vida que nos deu essa realidade aclamada ontem pelo nosso povo no delírio das suas homenagens — aventurei-me a esta iniciativa na Academia Brasileira de Letras. Deixo-lhe, agora, o destino à boa ou má estrela do seu curso. Bem pode acontecer que a vitória lhe sorria à passagem na temperatura glacial da Comissão de Contas. Vencedora ou vencida, porém, ficará nos anais esta proposta como sincero apêlo à compreensão e ao civismo dos senhores acadêmicos".

A Academia recebeu com muita simpatia a idéia do confrade, que, a par da fina sensibilidade de escritor, revelou tão grande coração de patriota.

O P.E.N. Club do Brasil reuniu-se em sua séde, na Esplanada dos Castelos, para deliberar sobre várias modificações em seus Estatutos. Visavam essas modificações melhorar as condições da instituição, tendo sido todas elas propostas pela Diretoria. O Presidente Claudio de Souza, que havia pouco tempo doára à agremiação a esplendida séde, explicou os benefícios que essas modificações trariam ao P.E.N. Club. Os sócios presentes reconheceram-lhes a utilidade e as aprovaram. O secretário notificou,

a seguir, a assembléia de que os membros da Diretoria haviam resolvido prestar homenagem ao Presidente, fazendo inaugurar brevemente na sala de sessões o seu busto, obra de conhecido e festejado escultor. Nessa ocasião foi lida pelo Dr. Faustino Nascimento uma indicação, assinada por vários sócios, para que a instituição adotasse sub-posto ao seu nome universal o de "Fundação Claudio de Souza", pelos grandes serviços prestados por êle. Esse preito foi aprovado com uma salva de palmas pelos sócios presentes. O acadêmico Claudio de Souza agradeceu comovido.

Uma de nossas grandes editoras está imprimindo, e lançará muito breve no mercado, uma das mais notáveis obras literárias contemporâneas. Trata-se de "A sabedoria da China e da Índia", de Liu Yutang, o admirável escritor chinês que se tornou um dos grandes sucessos de livraria entre nós. Esse livro, com cerca de 1000 páginas e 500.000 palavras, é uma antologia dos tesouros literários de dois grandes povos orientais coligidos, anotados e prefaciados pelo autor de "Minha terra e meu povo". A tradução foi feita por um grupo de poetas e prosadores brasileiros dos mais destacados. E' de supôr-se, portanto, que fuja ao lastimável padrão de traduções que rolam por aí em abundância e que está tão desacreditado pelos leitores inteligentes.

Repercutiu tristemente na alma brasileira a notícia da morte de Paul Valery, o poeta e escritor francês tão querido e admirado pelas nossas elites. Discípulo de Anatole France, tornou-se um mestre da prosa francesa. Desligou-se por fim do notável estilista e também renunciou ao simbolismo, dando outra fórmula e outro sentido à sua poesia. Teve, Paul Claudel e Paul Fort com quem manteve relações espirituais, grande destaque e influência nas letras contemporâneas. Muitos poetas em sua terra e fóra dela procuraram imitá-lo. A sua primeira solicitação a Academia Francesa lhe abriu as portas. Não somente as letras francesas sofreram grande perda. A literatura universal o pranteia. O suave autor de "Jeune Parque" pretendia visitar ainda êste ano nossa terra, que sempre lhe testemunhou carinho e aprêço. Arrebatando-o, a morte nos privou da oportunidade de um contacto mais íntimo com o primoroso poeta.

Foi apresentada, entre nós, mais uma coleção de livros de divulgação cultu-

ral — "Pensamento e Vida" — da qual já saíram quatro obras de fama mundial: "Entre lágrimas e risos", de Liu Yutang; "Do Cretino ao Genio", de Serge Voronoff; "O Poder", de Guglielmo Ferrara e "Três russos", de Máximo Gorki. Difundir cultura é do que mais precisamos, por isso iniciativas como essa merecem louvores. Resta que os livros sejam tão bem traduzidos quanto são bem apresentados e que seu preço seja acessível à maioria dos leitores.

Nas horas mais amargas que a França atravessou, procuramos não nos afastar dela espiritualmente, jamais deixamos enfraquecer nossa admiração. Asseguramos-lhe decididamente nosso apôio, nossa solidariedade. Foi, pois, com grande júbilo que recebemos a notícia de que se inaugurou em Paris, no Museu do Homem, onde ficará instalado, o Instituto Francês de Altos Estudos Brasileiros. Essa organização, presidida pelo Sr. Paul Rivet, intensificará as relações culturais, científicas e artísticas entre o nosso país e a França, essa nação admirável que inclui, em primeiro plano, no seu programa de reconstrução o intercâmbio espiritual com os povos amigos.

Durante o longo período da guerra não recebemos contribuição literária dos países do velho mundo. Isso, entretanto, não melhorou a precária situação do livro nacional. Em vez de estimular os escritores patrióticos — temos valores indiscutíveis, cujos livros são muito procurados — os editores visaram exclusivamente lucros excessivos, impingindo aos leitores incautos, graças ao excesso de propaganda, "best-sellers", obras de carregação, mediocres e caras importadas dos Estados Unidos. Perdemos, dêsse modo, excelente oportunidade para disseminar e valorizar a nossa literatura.

Macmillan Company tomou a iniciativa de realizar no Rio uma grande exposição de livros norte-americanos por ela editados. O certame foi inaugurado em 10 de Agosto último. Constituiu acontecimento literário de alta relevância. Pudemos apreciar o que de mais interessante se edita nos Estados Unidos, sobre todos os ramos da cultura. Constatamos também o má gosto (ou má fé) dos nossos editores que só escolhem daquêle imenso manancial literários e científico o que há de mais precário e vulgar. Isso é tão lastimável quanto prejudicial, especialmente pelo nosso feio hábito de imitar...



AMARILOS DE PETROPOLIS

Téla de Carlos Oswald



## Roberto Simonsen NA ACADEMIA BRASILEIRA

O escritor Roberto Simonsen, eleito agora para a vaga deixada por Filinho de Almeida na Academia Brasileira de Letras, tem assim coroados os seus merecimentos intelectuais pela mais alta consagração que o Brasil oferece a seus escritores. A Casa de Machado de Assis abre as portas para acolher um nome que já é uma tradição de cultura. Roberto Simonsen, como industrial e homem de negócios, vem dando a seu país uma inestimável contribuição pessoal, nas varias iniciativas a que se tem dedicado com o propósito de ampliar as forças economicas nacionais. Essa incursão no mundo dos negócios não serviu para empanecer o brilho do escritor, que resolveu construir a sua obra literária com os próprios elementos de sua profissão. Daí a série de livros que es-

creveu sôbre problemas econômicos do Brasil, destacando-se uma História Econômica de nossa Pátria que é, hoje, leitura indispensavel para quem pretende conhecer o panorama social e político brasileiro. Essa obra sintetisa a cultura e a vocação literária do novo imortal. Encontramos aí o escritor no pleno domínio de seus recursos de expressão. E travamos contacto também com uma vasta ilustração especializada, sabiamente distribuida paralelamente ao espetáculo da evolução do Brasil. A Academia Brasileira de Letras segue o rithmo de sua tradição de seleção de valores ao elege-lo. Seu nome pode ficar ao lado dos valores mais legítimos da Casa que Machado de Assis fundou. E sua obra, distribuida em mais de trinta volumes, pertence, agora, ao patrimônio intelectual do

Brasil. Roberto Simonsen nasceu na cidade de Santos, a 18 de fevereiro de 1889. É formado em engenharia civil pela Escola Politécnica de São Paulo. Pertence às seguintes instituições culturais: Institutos Históricos de São Paulo, Santos e Rio de Janeiro, Academia Paulista de Letras, Academia Portuguesa de História, Sociedade Capistrano de Abreu, National Geographic Society, de Washington, Royal Geographic Society, de Londres, British Institute of Philosophy, etc. Possui as seguintes condecorações: Comendador da Ordem de Nassau e Orange, da Hollanda; Comendador da Ordem Nacional do Mérito, do Paraguay; Medalha de Prata da Republica dos Estados Unidos do Brasil, Comendador da Ordem Nacional do Mérito, do Chile.

# O capote de PAIS

AFRANIO PEIXOTO  
DA ACADEMIA BRASILEIRA

A senhora trocou pelo antigo voltando sessenta contos, porquê pensava estar mais magra. Para ir à embaixada se apertou, e encolheu, e entrou nêlê... Porém lá, comeu e, já sem cuidados de elegancia, voltou para casa apertada no capote! E' isto! A bôa-milionária refletiu... Era isto mesmo... E concluiu, conformada: — E' isto mesmo! Não se fala mais no caso.

Que generosidade! A embaixatriz da Albânia ficou porê m certa quê, uma das dez suspeitas, era ladra. Todo o Rio aliás. Não se viu mais capote de *vison*, sobre granfina, que se não pensasse logo: "Não será o da bôa-milionária?"

Dona Leah tomou, porê m, a providencia, reparadora. Ia fazer regime, para caber, de novo, no seu capote. Bôa senhora!

ERA mesmo bôa, a milionária. A fama corria porque os pobres é que fazem a fortuna espiritual, e também a material, dos ricos. Quem tem dinheiro, deve ter tudo: é justo. E as outras, inclementes, umas contra as mais, eram todas propaganda, pela milionária. Quando se juntavam, eram para ela todos os louvores:

— Olhe, ninguém me disse, eu vi... Na porta da igreja, domingo, antes de tomar o seu carro, mandou ao chôfêr ajudar uma pobre a subir, no seu bonde.

— Mais vi eu, acudiu outra. Ninguém me contou. Eu a vi dar, a um pobre, um cruzeiro!... um bronze de mil reis... a um pobre!

— Isto não é nada... Na lista da Ação Social subscreveu dez contos acima da primeira dama do paiz, que deu apenas cinco. Também ninguém lhe disputa o seu lugar: ela é que é a primeira dama do paiz!

Pois bem, agora, um escândalo. Furtaram, na Embaixada da Albânia, o capote de *vison* (a moda é estrangeira: quem é que diz raposa, lontra ou grisisco é *renard*, *lontre*, *peit gris*...), a pêle da moda, da bôa milionária. Furtaram, propriamente, não, trocaram. Mas é quasi o mesmo. Foi o caso que, mesmo sem baixar o termômetro, à noite, jantar na embaixada, sessenta talheres, trinta damas se apresentaram, todas tremendo de frio, dentro de pêles riquissimas: *hermine detê* dourada, *astrakan*, *foca*, *lontre*... um esplendor de frio e de *fourrures*. Mas, de *vison*, apenas dez. a bôa-milionária, à frente. Na saída, as nove partiram antes, e o ultimo capote, o que ficou, foi o da bôa-milionária, a ser enfiado na dona. Com a azáfama das despedidas, não o notou. Mas, chegando a casa, sentia-se de mais no capote. Apertava. Trocaram - no, certamente.

Quis telefonar logo para a Albânia. Era tarde, porém e, depois, não lhe escapariam. Sabia quem eram as outras nove. Amanhã, se deslindaria a meada. Melhor, a embaixatriz iria fazê-lo. Quando esta resolução veio, já era manhã. Não pregara ôlho.

Cedo levantou-se e acordou a outra... e deu os nomes das suspeitas. E foi a embaixatriz, mal dormida, quem

andou pelas casas das nove, a pedir para ver os capotes respectivos, com a suspeita humilhante da troca voluntária... Um as tinham marcas nas mangas. Outras, dentro do fôrro... e isto, e aquilo...

Não era nenhuma das nove. Não se maguaram com o inquêrito, quasi busca policial, porquê todas pensaram... "Confundia-se o seu *vison*, com o da bôa-milionária: que honra!" E cada uma se incumbiu de contar o acontecido a noventa amigas, pelo telefone. Quasi dez mil pessoas foram informadas do incidente. Exatamente oito mil cento e noventa, multiplicando noventa por noventa, porquê a primeira turma a saber passou logo adiante... Muito mais, pois, que aquêles dez mil: todo o Rio de Janeiro!

A troca ou ladroeira se esqueceu... Era só ufania e inveja! Quem havia de imaginar Fulaninha tivesse um capote, como o da bôa-milionária! Pois tinha, tanto que aconteceu isto... E lá vinha a história, de novo. A bôa-milionária recebeu milhares de telefonemas, cartas e telegramas, alusivos ao caso.

A criada de quarto da bôa-senhora teve, já fatigada de tanto telefone, uma reflexão, abençoada:

Dona Leah... o seu capote é êste mesmo... Ninguém tem um assim no Rio. Custou cento e vinte contos. Está apertado, porque a senhora engordou. Não faz mais massagem, nem regime.





Maria de Sá Earp, o aplaudido soprano cujo renome artístico ultrapassou as nossas fronteiras, é, indiscutivelmente, um dos autênticos valores da cena lírica nacional.

Inexplicavelmente, seu nome não figura, entretanto, no elenco artístico que figurará na temporada deste ano, no teatro Municipal, onde, aliás, a apreciada cantora já teve oportunidade de comprovar a sua alta classe. Essa omissão, aliás, se torna ainda mais flagrante, diante do grande êxito que Maria de Sá Earp está obtendo no sul do país, neste momento, onde tem atuado no velho Teatro São Pedro, perante a culta platéia porto-alegrense, que lhe tem sabido apreciar os irrecusáveis méritos artísticos. No clichê vemos Maria de Sá Earp no papel de "Lucia", a que deu inextinguível beleza.



Margarida Maria é, sem dúvida, uma das mais impressionantes revelações pianísticas do momento. Seu recital de piano, realizado há dias no auditorio da A. B. I. constituiu verdadeiro acontecimento artístico, tendo sido muito aplaudida na execução do magnífico programa organizado, em que figuraram Mozart, Beethoven, Chopin, Schubert, Schumann, Barroso Netto, Francisco Braga, Debussy e Granados.

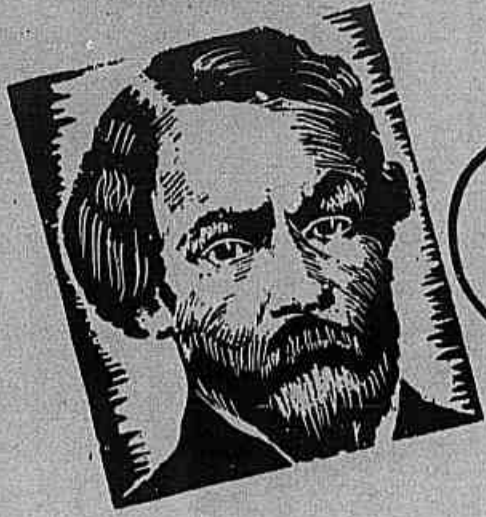
## ARTES E

# Artistas



Entre os magníficos recitais de arte que a A. B. I. vem promovendo em seu auditorio, e nos quais sempre se faz ouvir artistas de real valor, teve especial destaque o realizado no dia 30 de Julho pelo soprano ligeiro, cuja voz todo o Brasil admira, Alma Cunha de Miranda, perante numerosa assistência e sob os mais entusiásticos aplausos.

Do seu escolhido programa constaram peças de Handel, Chopin, Gabriel Fauré, Darius Milhaud, Francisco Braga, Olga Pedrário, Giovanni Bononcini, Renzo Massarani, Homero Dornellas, Villa-Lobos, Liza Lemann, Virgilio Mortari, Mario Castelnuovo-Tedesco e Fernando Obradors.



# Gonçalves Dias e os olhos bonitos

JOSUE' MONTELLO

ENTRE as poesias líricas de Gonçalves Dias, há duas igualmente famosas e que cantam em épocas diversas os olhos das namoradas. Essas poesias têm os seguintes títulos — “Seus Olhos” e “Olhos Verdes”. Ambas se acham impregnadas daquela beleza nova que deu renome imediato ao poeta. Uma nasceu no Maranhão; outra surgiu no Rio de Janeiro. Uma foi escrita em louvor de uns lindos e rasgados olhos negros; a outra foi composta sob a inspiração de uns fascinadores e perigosos olhos verdes.

Isso é bastante para se concluir que a côr não tinha importância nesse fetichismo amoroso do Poeta. Verdes ou negros, castanhos ou claros, rasgados ou pequenos, desde que fossem realmente belos Gonçalves Dias os admirava. Admirava-os e cantava-os. Quando não lhe sobrava tempo, nas aperturas prosáicas da vida, para enaltecê-los em versos, louvava-os em cartas aos seus distantes amigos que moravam no Maranhão.

Tanto “Seus Olhos” como “Olhos Verdes” têm uma história pitoresca, registrada por Antonio Henriques Leal no volume do “Panteon Maranhense” dedicado ao estudo da vida e da obra de seu conterrâneo.

Lembremos aqui êsses dois episódios curiosos que pertencem ao mesmo tempo à vida romantica e à vida literária do Brasil.

Em fins de Janeiro de 1846, ainda na condição de poeta sem livro, chega Gonçalves Dias a São Luis. Vem de Caxias, onde deixara fama de criatura afetada. As más línguas o haviam ferido. A sociedade local o suportara contrafeita. A chamado de Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, seu grande amigo, o Poeta resolve deixar a terra natal e embarcar para São Luis. E aí se hospeda em casa do amigo — um casarão bonito da rua de Santana. Dias depois, a 6 de Fevereiro, Gonçalves Dias escreve

“Seus Olhos”. A inspiradora era uma moça que frequentava a casa. Extremamente linda, possuía um par de olhos rasgados e negros. Imediatamente o Poeta se apaixona. E escreve:

“Seus olhos tão negros, tão belos, tão  
[puros,  
De vivo luzir,  
Estrelas incertas, que as águas  
[dormentes  
Do mar vão ferir.”

E concluía, depois de louvá-los à vontade, num ataque direto ao coração da moça:

“Seus olhos tão negros, tão belos, tão  
[puros,  
Assim é que são,  
Eu amo êsses olhos que falam de amo-  
[res  
Com tanta paixão.”

A poesia foi imediatamente publicada num jornal e de São Luis. E Alexandre Teófilo, que era parente da jovem, resolveu livrá-la de novos poemas perigosos. Diplomáticamente, conseguiu com o governador do Maranhão uma passagem de vapor para Gonçalves Dias. Tempos depois, com essa passagem, o Poeta chegava ao Rio de Janeiro. Mais tarde ainda êsses olhos seriam os responsáveis pela grande paixão que foi o martírio e o romance de Gonçalves Dias.

E' essa a origem de “Seus Olhos”.

“Olhos Verdes” têm uma história mais burlesca.

Em 1848 o Poeta está sem emprego no Rio de Janeiro. Para ganhar a vida é obrigado a desdobrar-se em uma multidão de pequenos trabalhos. Por êsse tempo trava conhecimento com a sobrinha de um major que, apesar de reformado, é ainda uma truculenta criatura. Gonçalves Dias fascina-se pelos olhos da moça. Vejamos o que a respeito dêles nos diz o Poeta:

“São uns olhos verdes, verdes,  
Uns olhos de verde-mar,  
Quando o tempo vai bonança;  
Uns olhos côr de esperança,  
Uns olhos por que morri;  
Que ai de mi!  
Nem já sei qual fiquei sendo  
Depois que os vi!”

A poesia é longa. E o Poeta, aí, dá mais uma demonstração de que, sob a inspiração de uns olhos bonitos, a sua pena caminhava facilmente no papel, enquanto o coração batia mais forte à flama das paixões violentas. O major, ao saber dos versos, achou que o caso requeria casamento imediato. E escreveu ao Poeta, colocando-o neste dilema: ou casar-se ou bater-se em duelo. Gonçalves Dias optou por uma terceira solução: não deu resposta ao major. E esqueceu a inspiradora.

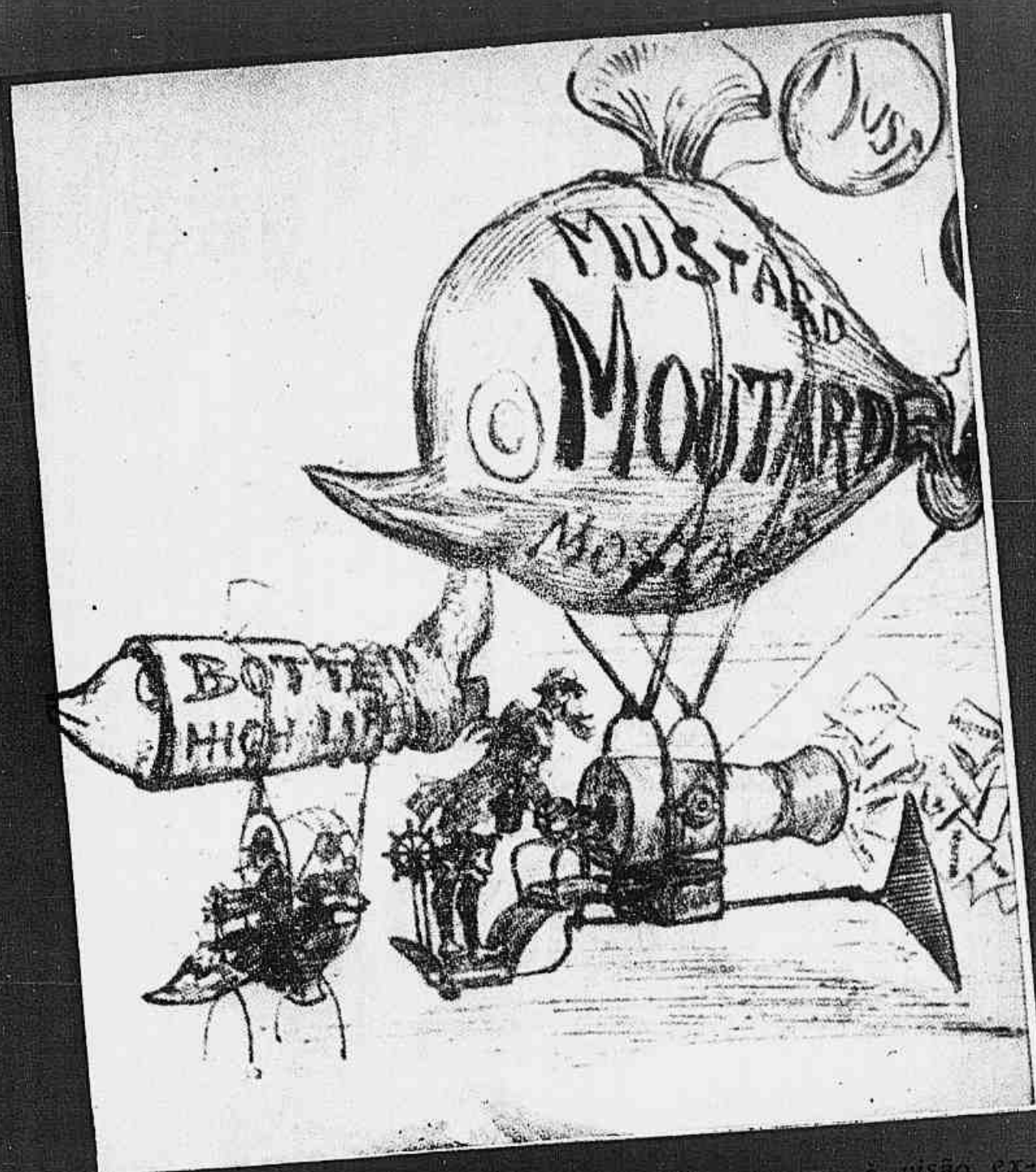
Graças a “Seus olhos”, Gonçalves Dias embarcou para o Rio de Janeiro. Com “Olhos Verdes”, o Poeta, que nada entendia de duelos, esteve na iminência de fazer uma viagem mais longa. E desta vez definitiva!

Mesmo assim não apagou do espírito a sedução dos olhos das mulheres. Em outra ocasião apaixonou-se pelos olhos de uma judia. As pestanas desta inspiradora, longas e lentas, fechavam-se vagarosamente como se quizessem demorar aos espetáculos do mundo a adaptação das pupilas. Desta vez, Gonçalves Dias, prudentemente, não cantou em versos êsses olhos bonitos. Preferiu referir-se a êles numa carta para o Maranhão. Escrevendo a Alexandre Teófilo de Carvalho Leal encontrou, nessa carta, uma comparação exata e imprevista para as pestanas preguiçosas da judia: comparou-a pano de boca do Teatro de São Luis!

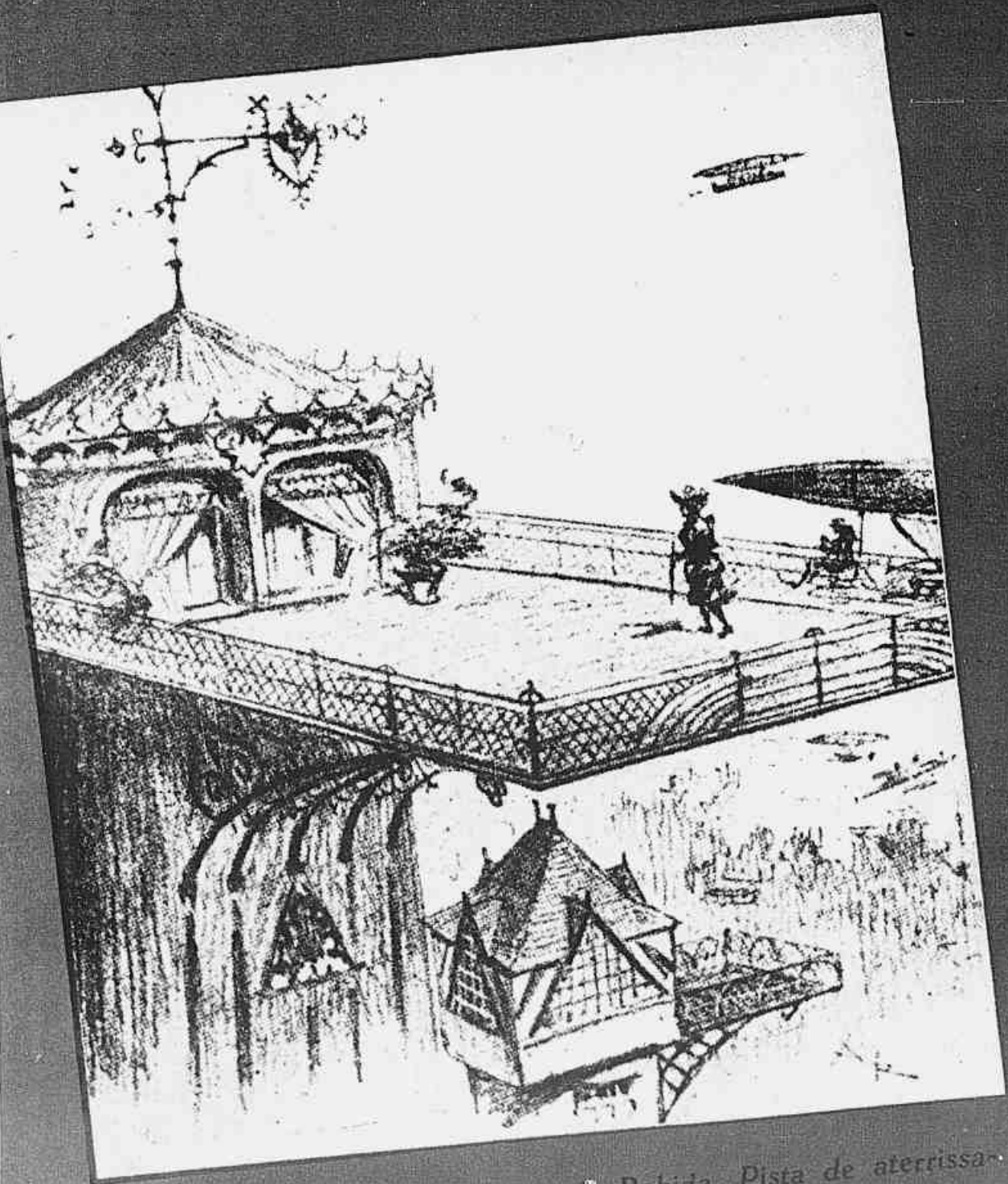
Como o amigo maranhense era discreto, a paixão do Poeta não teve complicações. E o pai da moça, por isso mesmo, não se lembrou de oferecer a Gonçalves Dias — que o casamento ou nova oportunidade para o poeta fazer uma viagem...

## O VISIONARIO DE COMPIÈGNE

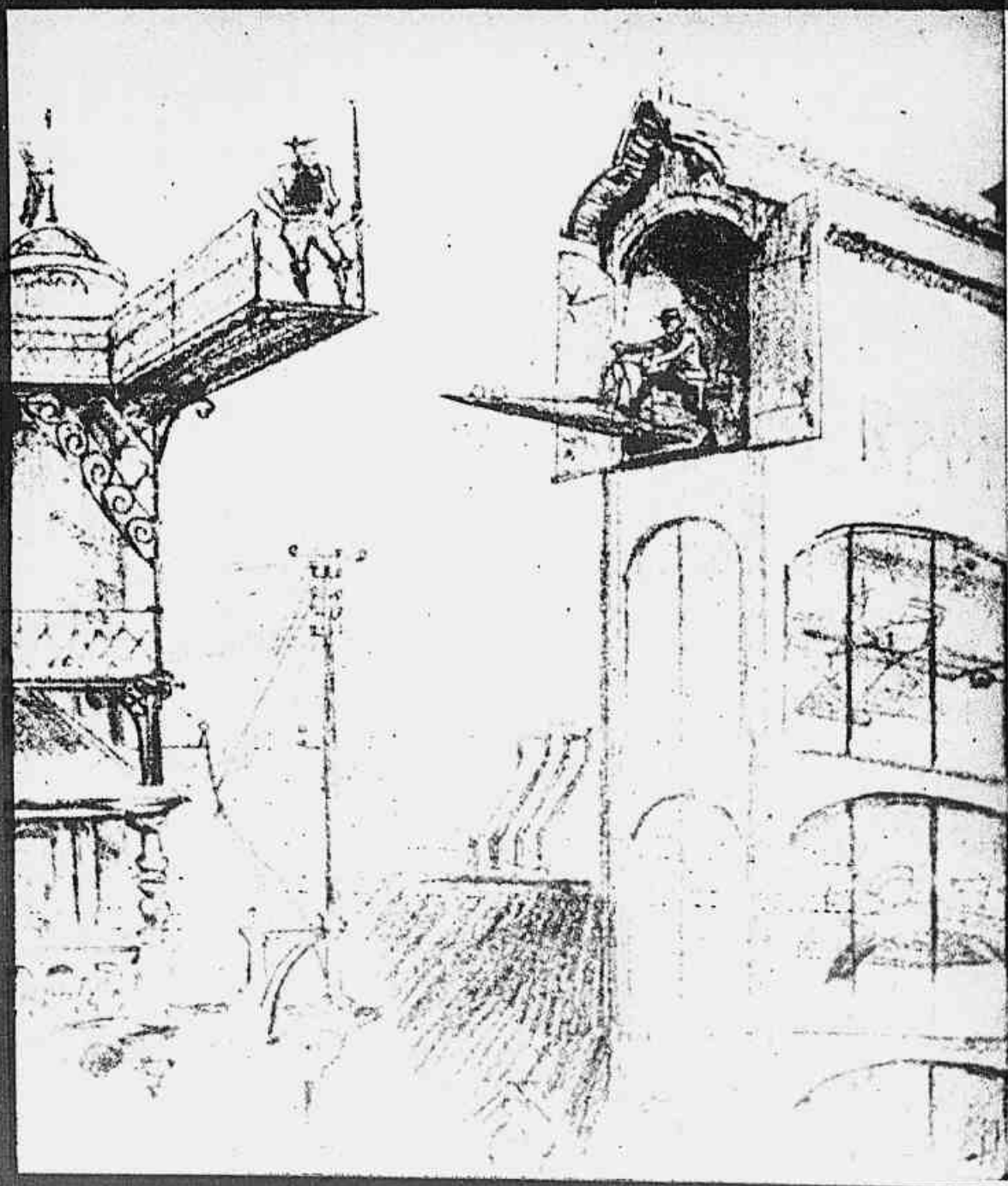
A ALBERT Robida, desenhista *à double* de escritor, nascido em Compiègne (França) em 1848, foi o visionário do progresso científico e o profeta da guerra moderna. Ele vislumbrou o apogeu a que atingiriam, neste século, os meios de transporte, anteviu a construção dos arranha-céus e predisse a *blitzkrieg*. Os seus desenhos singulares acham-se dispersos pelas revistas, livros e jornais de Paris de seu tempo, e hoje são reproduzidos nas publicações das grandes cidades como trabalhos prodigiosos. Os apaixonados de raridades procuram, atualmente, com avidez as edições famosas de "Caricature" e "Polichinelle", revistas parisienses, de que era colaborador assíduo o imortal humorista francês e das quais trasladamos para aqui algumas das ilustrações curiosas de Robida.



A importância do anúncio comercial não escapou à visão extraordinária de Robida. O século XX e o século do reclame. Grandes letreiros gravados no dorso dos balões, preconizam os méritos dos produtos.



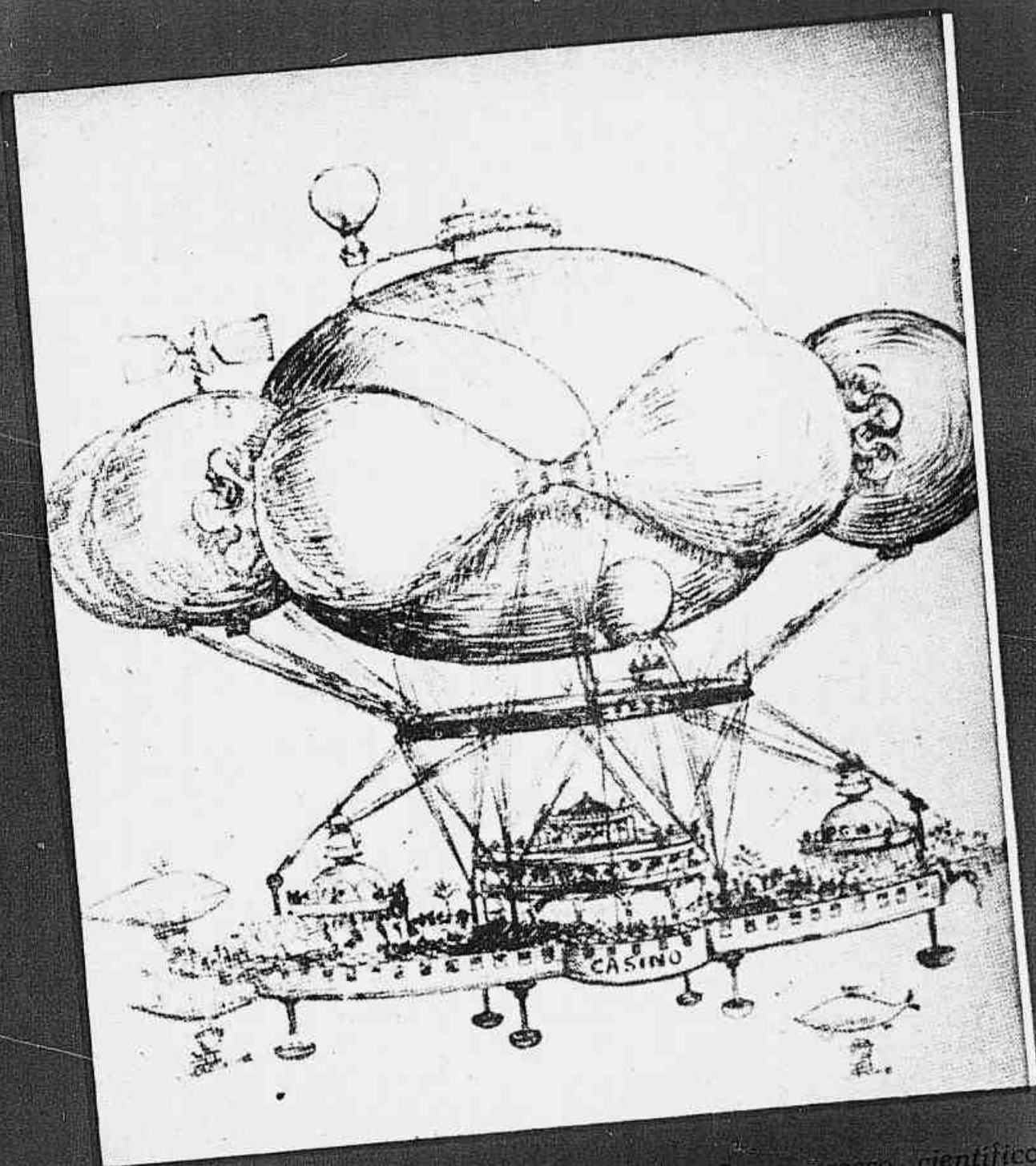
A casa do futuro, sonhada por A. Robida. Pista de aterragem para o avião de todos os dias. Robida compôs este desenho em 1882.



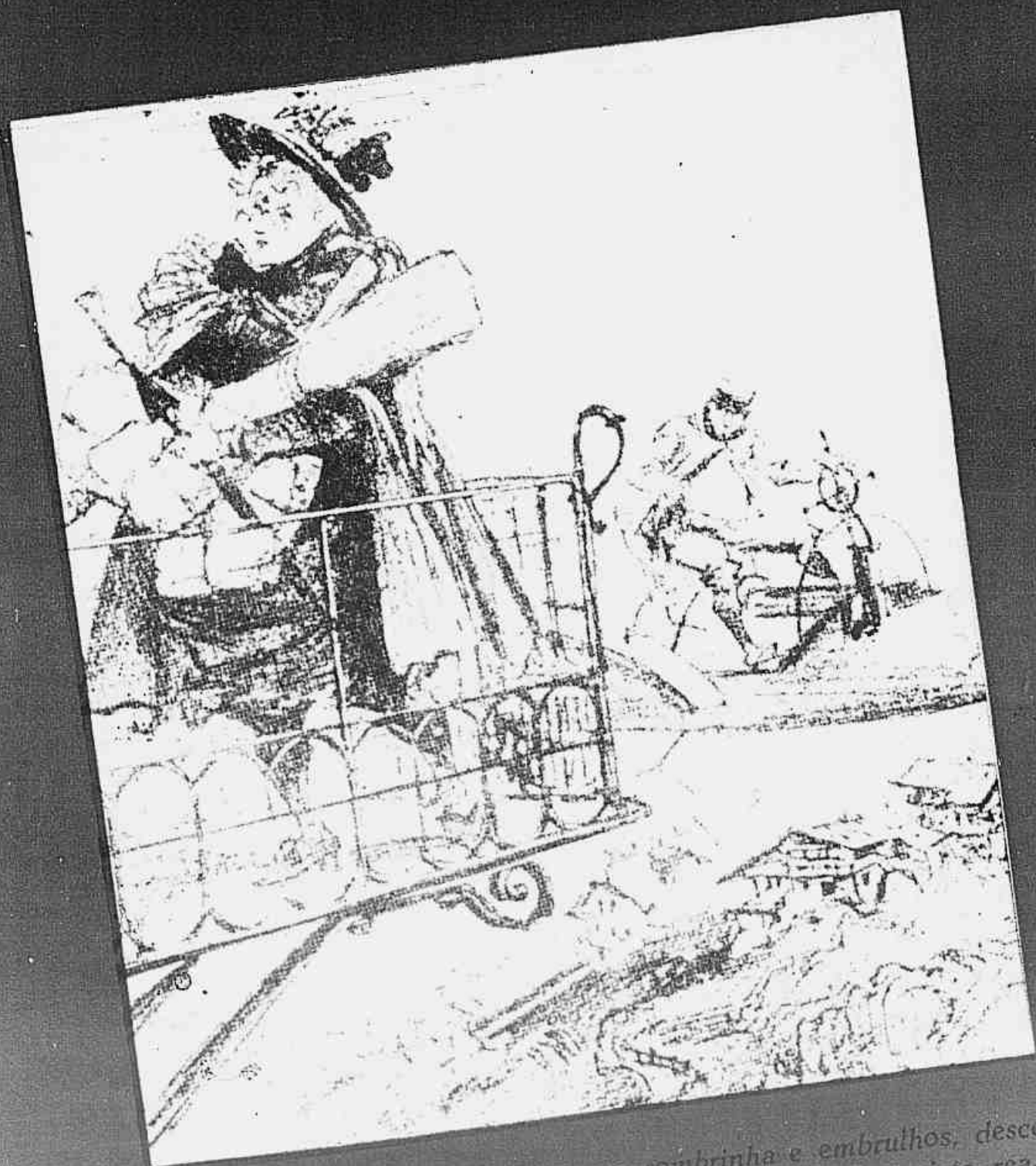
Da garagem de auto-gramos, construída nas vizinhanças da cidade, partem os aparelhos para o início de suas atividades. Há mais de 60 anos que Robida resolveu o descongestionamento do tráfego.



Férias à beira-mar. A casa-gondola, com flores, cachorros e gatos, suspensa sobre a praia. Dos arredores chegam, montados em burros, forasteiros para fazer compras.



Palácio-aéreo preso a botões cativos. O progresso científico, posto a serviço do "sport" e das diversões por A. Robida, que dedicou este desenho, feito no século passado, aos milhões de 1952.



Dia de compras. "Madame" com sombrinha e embrulhos, desce do taximetrio no terraço de sua residência, após um trajeto realizado sem atropelamentos. Nada melhor que a via aérea.



Correio matinal. O taximetrio aéreo faz uma parada e o estafeta entrega a correspondência ao porteiro de um arranha-céu. A moda e a arquitetura correspondem no ano em que o desenho foi concebido: 1882.

# Tupí em São Paulo

J. DAVÍ JORGE (AIMORÉ)

## GUAPIRA

COM o nome de Guapira, em São Paulo, são conhecidos: um serrote (ramificação da serra da Cantareira); um afluente do rio Tietê (na margem direita); um bairro (nos arredores da Capital), e uma estrada (na Vila Galvão).

O Dr. João Mendes de Almeida, no seu precioso "Dic. Geog. da Prov. de S. Paulo", regista o vocabulo "Guapira", dando-lhe, quanto ao nome do serrote, o seguinte significado: "Cortado". De Gu, reciproco, A, "Cortar", Pira, verbal para formar participio passivo. Decompondo desta forma a palavra: — Gú-á-pira. Quanto ao "Guapira", denominação de o afluente do rio Tietê, diz o autor, que é corruptela de Gú-á-pira, significando "Alagado". De Gú, reciproco, áá, "alagar, espalhar em lagza, encharcar", pira, particula do participio passivo", etc. Teodoro Sampaio, o grande mestre baiano, tratando do termo "Goapira", comenta: "O vocabulo Goapira, tão comumente empregado em São Paulo, é o mesmo que goá-pira e se traduz Cabeceira do vale" (Pag. 55, "O Tupí na Geog. Nacional").

O mesmo autor, no vocabulario que vem junto à obra supra citada, consigna: "Guapira, c. guá-pira, começo do vale, as cabeceiras, as nascentes; alt. guapyra, guapy, gapira".

O erudito Dr. Batista de Castro (Voc. Tupi-Guarani) anota: "Guapí: seu irmão, seu filho; cabeceira".

"Guapira, a parte alta do vale, a cabeceira", escreve Noel Carlos dos Santos.

"Gapiira-quetê-para cima, nos rios", explica Frei Francisco de N. S. dos Prazeres.

O douto tupinologo patricio, Dr. T. Sampaio, à pág. 89 da sua excelente obra "O Tupí na Geog. Nacional", ensina-nos o que é indispensavel para se "identificar" e traduzir com exatidão os vocabulos de origem selvagem:

"O problema mais importante, o estudo mais serio, e a meu ver essencial, é o da identificação histórica do vocabulo ou a restauração da sua grafia primitiva, tal como ella simbolicamente representou em outro tempo a palavra falada. E' mister, portanto, ler os documentos mais antigos, as crónicas, roteiros, relações de viagem, os mapas geograficos que primeiro se publicaram e que possam encerrar o tema ou o vocabulo a interpretar e aí surpreender-lhe a grafia antiga, de certo, a mais verdadeira, pois que é de supor fosse a representação simbolica mais fiel dos sons recolhidos directamente do gentio ou dos seus imediatos descendentes, e, portanto, mais isenta dos efeitos provenientes do diuturno contacto com a lingua que ficou prevalescendo. Conseguida a restauração histórica do vocabulo, facil s'rá explicar como ele se alterou ou como evoluiu até nós, porque invariaveis e

positivas são as leis filologicas que regem as espécies".

Seguindo pois, os sabios ensinamentos do mestre, consultámos, esperançosos, os reenseamentos inéditos da capital bandeirante que existem no rico e copioso Departamento do Arquivo do Estado. Fomos felizes na nossa pesquisa, porque, logo de inicio, encontrámos, no caderno de Santana, de 1768, o tão anciosamente procurado "Bayrro do Uruguapira"! Uruguapira, note-se, e não Guapira como atualmente é grafado. Teodoro Sampaio tinha razão quando recomendava a pesquisa nos documentos antigos para a devida identificação dos termos selvagens, surpreendendo-lhes a forma primitiva.

O "Bayrro do Uruguapira", naquella longinqua época, tinha apenas dez fôgos ou lares.

Uruguapira, portanto, é a verdadeira denominação do bairro paulista. A "Guapira" de hoje é apenas uma contração do legitimo nome.

Mas... a Cesar o que é de Cesar... Nuto Santana, o talentoso jornalista que todo mundo conhece, já em 1940, num longo artigo que escreveu para o "Estado de São Paulo", sobre o distrito de Tucuruvi, esclarece, em certo ponto de seu escrito: "Os nucleos populosos mais velhos da zona da Cantareira são, com o Gabuçú, Mandaqui, Tremembé, Cachoeira e Guapira, que não se escreve Oro ou Uroguapira". (\*)

Vejamos, pois, o significado de Uruguapira. 1.º — Uruguapira (Yru + guá + Pyra) = péie, a casca, a concha ou cascalho de caramujos (Teria originado esta denominação, talvez, a grande copia de cascalho deste moluscos no lugar). De Urú (yrú, arú, rurú, guarú, yarú): o sapo, a rã; (tambem designa o peixinho fluvial, mais conhecido por "barrigudinho"); continente, vaso, o que contem; DANOSO, PREJUDICIAL, ADVERSO. Guá ou Goá: Vale, depressão, baixada, golfo, seio, ventre, vasilha, redondo, fruta, curvo, INDIVIDUO, HABITANTE, MORADOR.

URÚ-GUÁ (O danoso ou prejudicial individuo, isto é, o caracol, o caramujo) — Os caracóis, entre as hortaliças, de fáto, são uma verdadeira praga! Que o digam os nossos horticultores.

Pira (apira, apyr, pirêra, pi, pir, mbi, mbir, imbi, imbir, bira): cabeça, cabeceira,, começo, principio, empinado, corpo, vergonha, timidez, o que ha de nascer, curto; cru, pé, elevado, alçado, picar, picante, CASCA, CASCALHO, CONCHA, PÉLE, COURO.

2.º — "Caracól tímido, envergonhado" (Alusã), certamente, ao fáto de aquele molusco se recolher brève para o interior da concha ou casca, quando se lhe toca, "como se estivesse envergonhado ou tímido"... Os nossos aborícolos tinham destas infantilidades, às véses.

3.º — Uroguá-pyra "o saído do buzio ou da casca", se pyr ou pyra, neste caso, funcionar como participio passivo. "Saído da casca ou do buzio, póde ser referencia ao molusco propriamente dito, ou alusão às antenas de que são providos, à guisa de orelhas, aqueles antraesinhos (o apendice movel que trazem à cabeça). Exemplo: cunhã-byra = o saído da femea ou da mulher, o sobrinho. (O p de "pyra" foi mudado em b, devido o som nazal precedente, como é de regra na lingua tupi).

(Urú-guá, ainda póde significar: "O que contém vasilha", isto é, ôco da cóncha, ou "o que contém mordor" (o molusco).

Especies de caramujos: Os gasterópodes, de concha em forma de espiral; caracóis terrestres ou de água doce; os que habitam as matas ou vivem nos cafesais ("Bulimus, strophocheilus"); os que se encontram nos jardins e hortas (Helix similis) foram importados da Europa. As especies conhecidas pelo nome de "dextrorsas e sinistrorsas, são mais raras.

T. Sampaio anota: "Uruguá, c. Yru-guá, o caracól, caramujo, o buzio".

Em o "Caderno na lingua brasilica" (cordeado pelo Dr. Plínio Airosa) regista:

"Caracol dagoa doce-Urugoá. Outros da terra grandes: yatna. Yautu-guassu. Caramujo-Çacoarítã. Teicoareima. Cupaci. Cupaci-guassú-çaima".

No "Dic. Português-Brasiliiano" — Caracol-Japuruxitã. Caramujo Aroaim".

O Dr. Vicente Chermont de Miranda, nos "Anais da Bibliotéca Nacional", vol. LXIV, consigna: "Uruá, guar. uruguá. Caracol."

Frei João de Arranches no seu "Caderno da lingua" diz: "Caracól-Eporizitã (a grafia dessa palavra é claramente arbitraria. Caracól, no D. B., é Japuruxitã. Stradeli escreveu: Tapurucitã, uruá e uruai".

Uruá tambem é chamada a fruta do uruaizeiro.

Parece-nos, que a primitiva forma tupi para designar o caracól ou caramujo, era-Uruá e não uruguá. O "G" introduzido no interior dos vocabulos de origem selvagem, é obra dos castelhanos. Assim como de Uruá fizeram Uruguá (g e u), de iuápe saiu Iguape, de Parauá-Paraguá, de caussú-caguassú, de Jacarépauá-Jacarépauá, etc., etc.

Uruguai, o nome da vizinha Republica, mais exatamente se deveria grafar-Uruai. Esta denominação, tanto póde significar-Rio dos caramujos, como Caramujo pequeno. E' Rio dos Caramujos, se o i final designar "agua", "rio" ou "liquido"; é Caramujo Pequeno, se esse mesmo i tiver função de gráu diminutivo.

Agua, rio, aguada, liquido, sumo, suco, licôl, corrente: i, hi, ig, ú, hú, ic, ip, gi, yg, ty, ti, hy, y, etc.

Pequeno, fino, delgado, miudo, breve, pouco: meri, miri, merim, mirim, mini, minin, im, i, y, etc.

(\*) — O grifo é nosso.

# EXPOSIÇÃO

## Georgina de Albuquerque

Mulher Paraense



Na Estrada

**G**EORGINA de Albuquerque, a pintora brasileira cujo nome está já consagrado pela realização de tantas obras primas, vem de realizar mais uma exposição no salão nobre do Palace Hotel, sob o patrocínio da Sociedade Brasileira de Belas Artes. Essa mostra de arte constituiu um perfeito êxito, atraindo na inauguração grande número de admiradores e entendidos, despertando viva curiosidade durante o tempo em que esteve aberta e provocando entusiásticas apreciações da crítica.

Nesta página, apresentamos a reprodução fotográfica de três dos mais belos quadros expostos por Georgina de Albuquerque.

Jardim Botânico



# Páginas Antigas

## O Relógio da Catedral

OLAVO BILAC

Como acabam as cousas! O relógio da Catedral lá está regulando, como qualquer relógio vulgar, no ramerrão quotidiano, no seu uniforme e estúpido officio de contar os passos do Tempo. Como acabam as cousas!

Não lhe valia a pena ter permanecido por dez anos, e meio, no nobre emperamento de um sebastianismo ferrenho, para assim, de chôfre, sem pudor e sem disfarce, aderir ao regime negregado!

Não venhais dizer-nos, ó almas cétricas, que o relógio da Catedral esteve tanto tempo parado pela razão única e simples de não haver quem lhe desse corda. Não! a voz do povo, que é a mesma voz de Deus, não se engana: quando ela afirma uma cousa, podeis estar certos que essa cousa é a expressão fiel da mais limpida e inalterável verdade.

O relógio da Catedral era dedicado à monarquia. Que fez êle, durante tôda a sua vida, senão grifar com o seu tic-tac sereno tôdas as fases da existência imperial?

Pois não era êle que marcava a hora solene do batismo dos imperiais pimpolhos, a hora alegre dos Te-Deum laudamus nos dias de gala, a hora triste das exéquias que se celebravam de quando em quando pela alma de qualquer arquiduque mais ou menos aparentado com as excelsas casas dos Braganças e dos Bourbons? Pois não era êle que definia e regulava as relações de cordial estima, que,

como de justiça, existiam entre D. Pedro, imperador do Brasil, e Deus, imperador dos mundos?

Quando Sua Magestade, depois de um espetáculo fatigante ou de uma sessão no Instituto Histórico, pernoitava no Paço da Cidade, ali, a poucos metros da Catedral, era a voz esperta daquele relógio que, de quarto em quarto de hora, lhe ia adoçar as insônias, dedicadas as cogitações enfadonhas da politica ou aos serenos labores da metrificação.

E, ouvindo a voz sagrada do regulador católico, Sua Magestade pensava: "Bom amigo! quantos quartos de hora marcarás ainda da minha existência? Quantas vêzes tenho ouvido a tua voz, bom amigo! Menino e moço, quando andava agarrado às saias das aias, ou quando a primeira barba louna me pungia o queixo alvo, já eu te via e ouvia regulador fiel da minha fé! Viram-te e ouviram-te os meus filhos e os meus netos; e Deus, que te pôs ainda como o cronômetro da minha Casa, há de permitir naturalmente que, como estás marcando os quartos de hora da minha velhice, marques também os da velhice dos meus tetranetos, afei-rados ao trono perpétuo com a mesma segurança com que te aferras a essa parede branca!"

Ai! a parede branca da Catedral ficou, e o trono ruíu...

Do alto dessa parede sagrada o relógio fiel viu, cá em baixo, como um mar agitado, o motim republi-

cano. Que era aquilo? A que iam aquelas tropas? A que iam aquêles magotes de demagogos dando vivas a Deodoro? E por que motivo, num simples carro de praça, sem postilhões agaloados e sem escolta ruidosa, passava tão triste o velho imperador, com os olhos marejados de lágrimas?

E, quando o regulador compreendeu o que se passava, uma grande dor lhe torturou as entranhas dentadas do maquinismo.

Então, era possível aquilo? Então, nunca mais veria êle as cerimônias religiosas da Côrte; as vastas seges douradas atroando os ares com o fragor das suas rodas altas; os vereadores e os camaristas rutilantes de ouro e prata; as soberbas damas de honor dando aos beijos do sol a pele encarquilhada dos colos nus; e a imperatriz pequenina e velhinha com um sorriso bom na face descorada, e o alto porte do imperador, já vergado e bambo como um tronco de árvore carcomido pelos anos; — e o bispo, de mitra e báculo, implorando as bênçãos do céu para todos os rebentos daquela estirpe sagrada; e o povo lá fora, de boca aberta, pasmando para todo aquêles luxo barato de Côrte burguesa? Então, era possível aquilo?

E o ódio e a indignação ferveram dentro da sua alma de aço...

E uma noite, por horas mortas, o velho relógio ouviu um tropel de batalhões. Cordões negros de soldados se estenderam, cercando o Paço, deixando livre o caminho do cais. De minuto em minuto, uma voz de comando soava na treva misteriosa da trágica noite. Uma lancha silvou, no mar.

No céu impassível, o impassível Cruzeiro do Sul não mostrava indignação contra o que via... Abafado, ouviu-se o rolar de um côche. O portão do Paço rugeu nos ferrugentos quícios, abriu-se fechou-se logo com um estrondo de tampa de túmulo.

Uma corneta guinchou. A epopéia imperial acabara. O *Alagoas* bufava, com as caldeiras acesas... E, compreendendo tudo, o relógio da Catedral sentiu que alguma cousa se quebrava em seu seio. Tôdas as complicadas molas da sua máquina se atropelaram, desandaram, gemeram, num estertor de agonia. E os ponteiros ficaram, por dez anos e meio, paralisados, agarrados àquela hora sombria...

Dez anos e meio!... Por que esqueceste num só minuto de adesismo fraco, todos êsses cento e vinte e seis meses de intransigência politica, ó desmoralizado relógio da Catedral?! Quanta cousa, nesses dez anos e

meio! Parado, no seu feroz embezerramento, viu o regulador tanta mudança, tanta transformação! Viu a multidão cá em baixo borborear na loucura do ensilhamento; ouviu as conversas dos deputados que passavam chalrando para a Câmara; viu Deodoro cair, viu Floriano subir; viu, no mar, a sarabanda dos coraçados em briga; ouviu o sibilo das balas de fuzis, e o ronco dos "schrapnells" assassinos; viu passar, uma bela manhã, Marcelino, escondendo cautelosamente a garrucha; — quanta cousa, nestes dez anos e meio! E êle parado, e êle teimoso, e êle amuado, e êle feroz, esmoendo em silêncio o seu despeito...

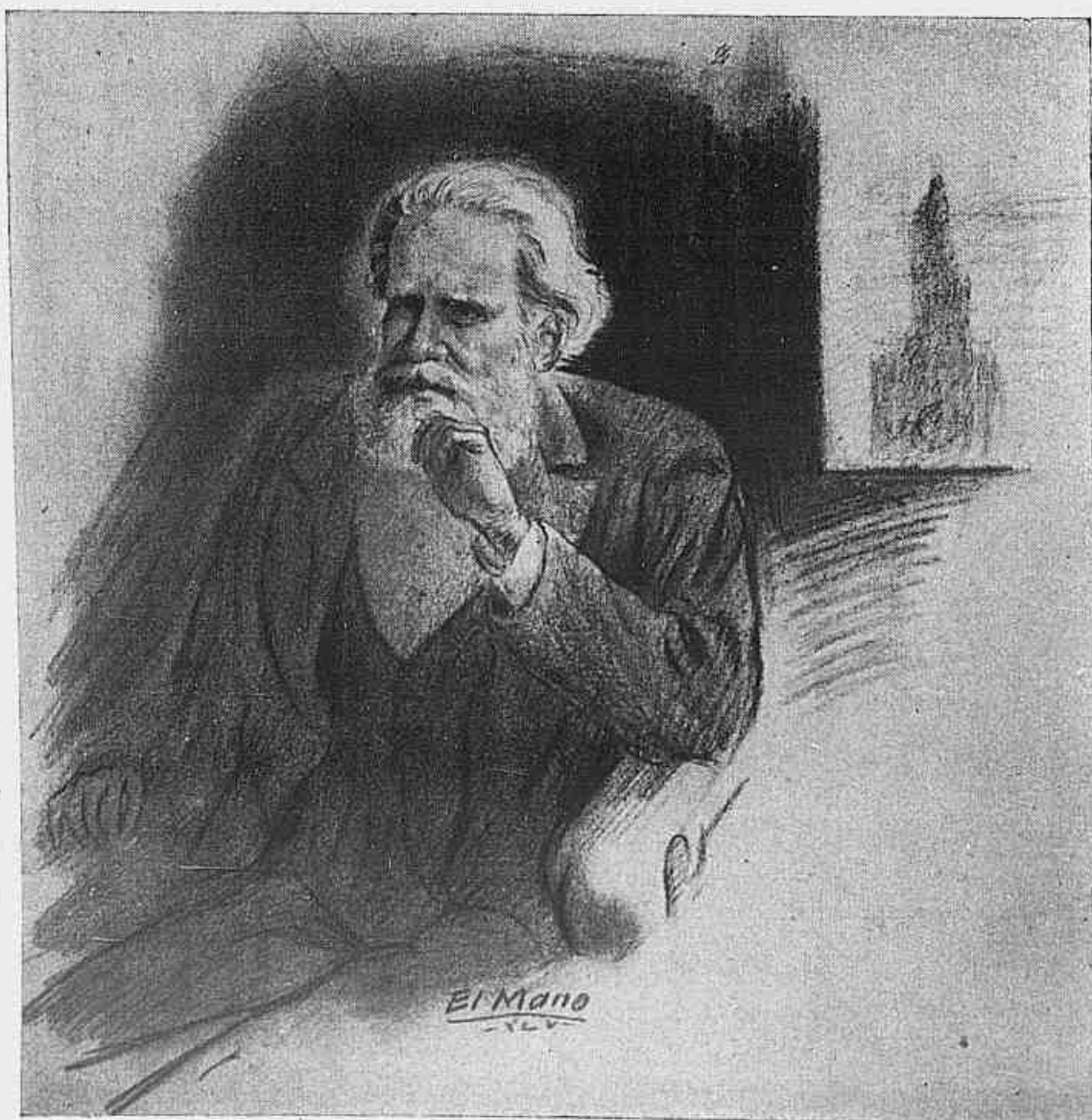
Mas não há despeitos eternos. Quando o velho relógio soube que o Sr. arcebispo ia reabrir ao culto a Catedral abandonada, estremeceu de espanto: "Como? pois a glorificação do Senhor, naquela casa da crença dos Braganças, não era incompatível com a República, com um governo de jacobinos sanguissedentos? Como? pois o Sr. arcebispo não temia que, durante a celebração do officio divino, uma onda de Marats maltrapilhos, de Robespierres famélicos invadissem o templo, profanando os vasos sagrados, conspurcando as custódias, chacinando os fiéis? Como? pois era possível que aquêles teto não desabasse sob uma punhada colérica de Deus?!"

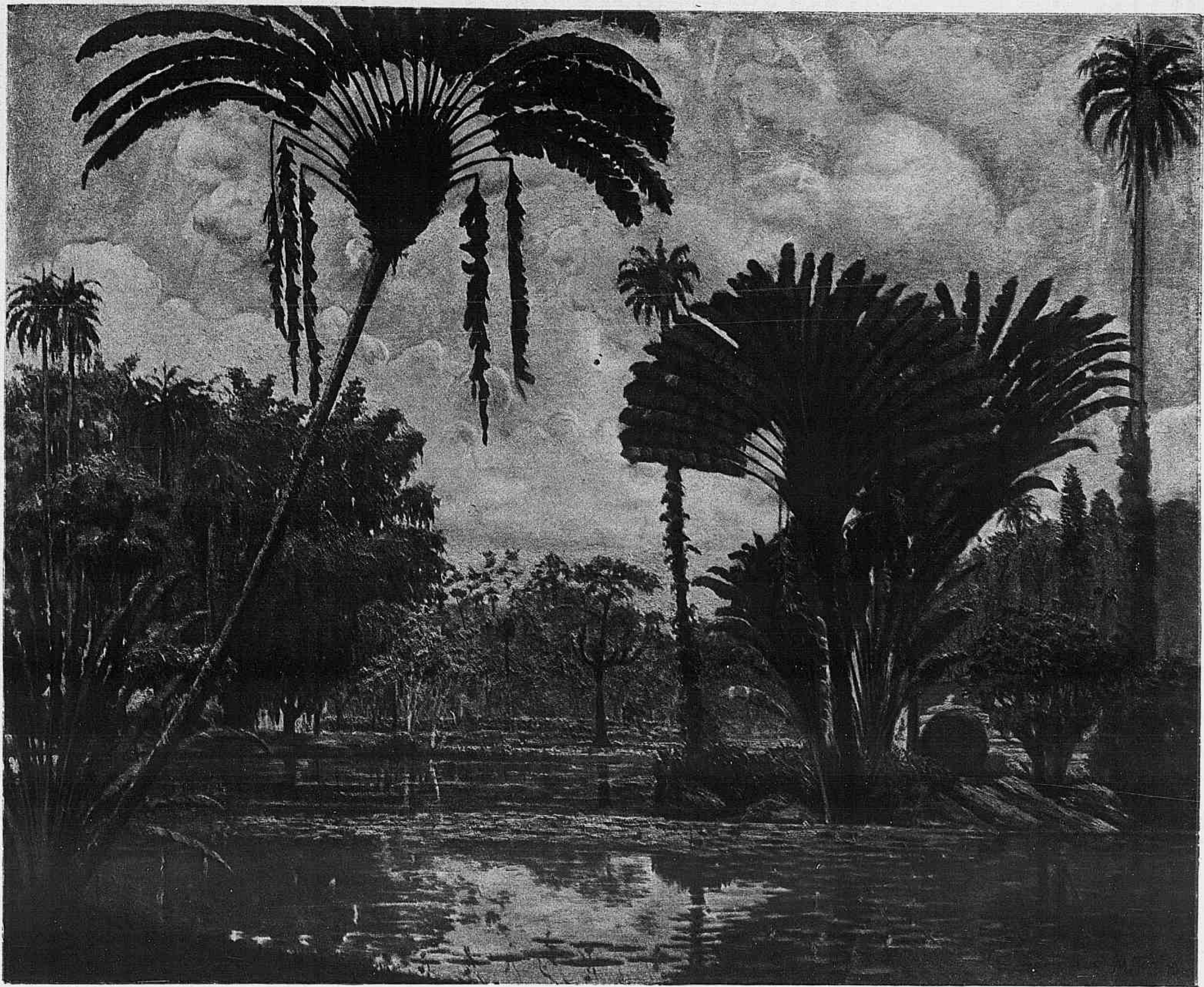
E, cada vez mais espantado, o relógio viu abrir-se a porta da Catedral... Santa Maria! quantas fardas!... então, tôda aquela gente de guerra era católica? então, aquêles mesmos homens duros, que na trágica noite haviam empurrado para o mar a família representante de Deus na terra, tinham a coragem de vir rezar aos pés desse mesmo Deus injuriado?!... Santo Cristo! e lá vinha todo o cabido, paramentado e grave! e lá vinha o Sr. arcebispo, com a sua meiga face inundada de uma onda inefável de alegria, debaixo da fulguração do pálio ondulante! e lá vinham (oh espanto!) segurando as varas de prata do pálio, os generais, os marechais, os almirantes!

Mas o que mais espantou o embezerrado regulador não foi ainda isso...

O que mais o espantou foi ver que ali estavam os representantes do presidente da República, e, no meio dêles, quem o diria? o general Cunha, o representante de um Bragança, o plenipotenciário do sobrinho do Exilado, o embaixador de uma Magestade Fidelíssima!

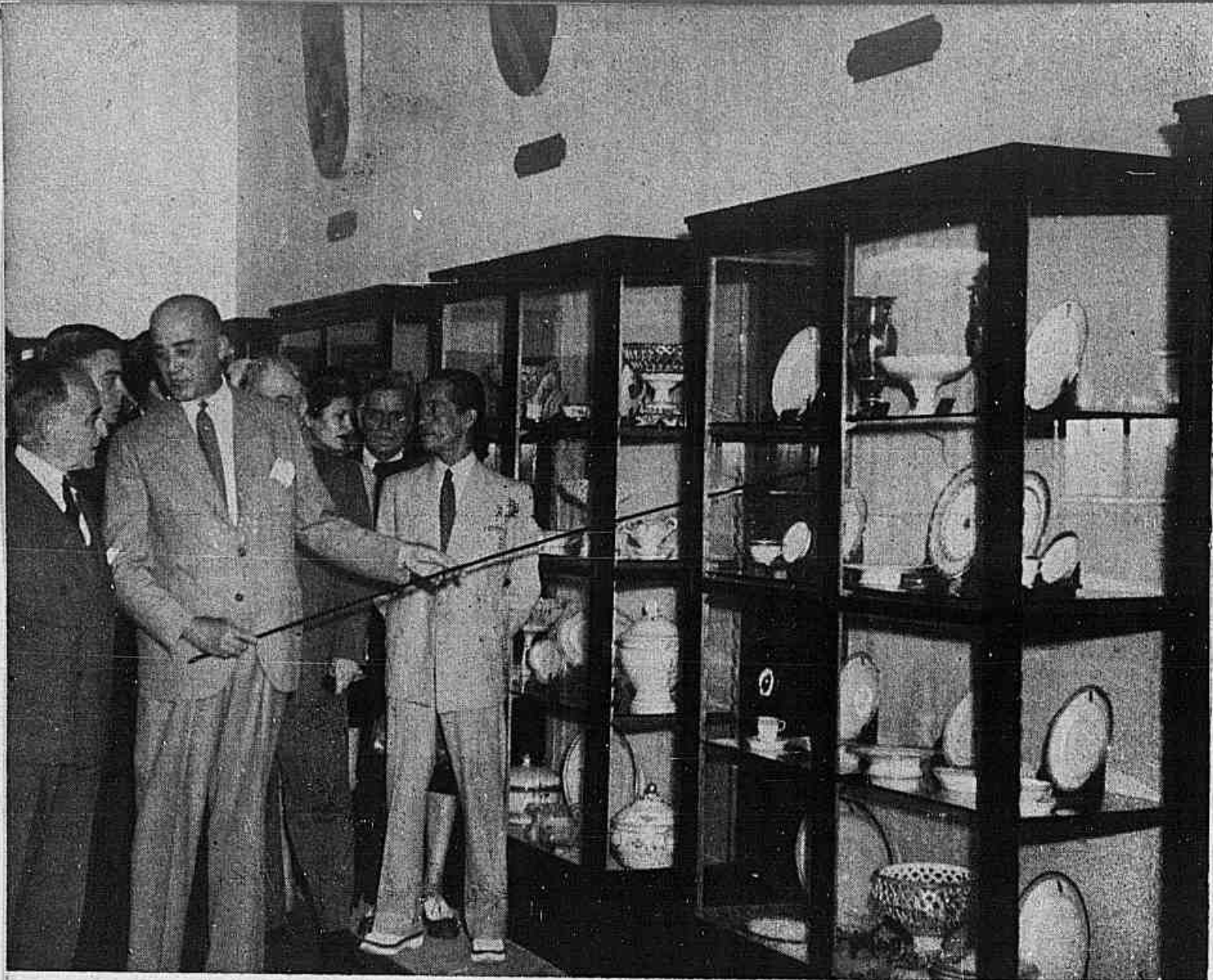
E, então, vendo que não lucrava mais nada com o seu embezerramento, o embezerrado desapertou as molas, e recomeçou a trabalhar...



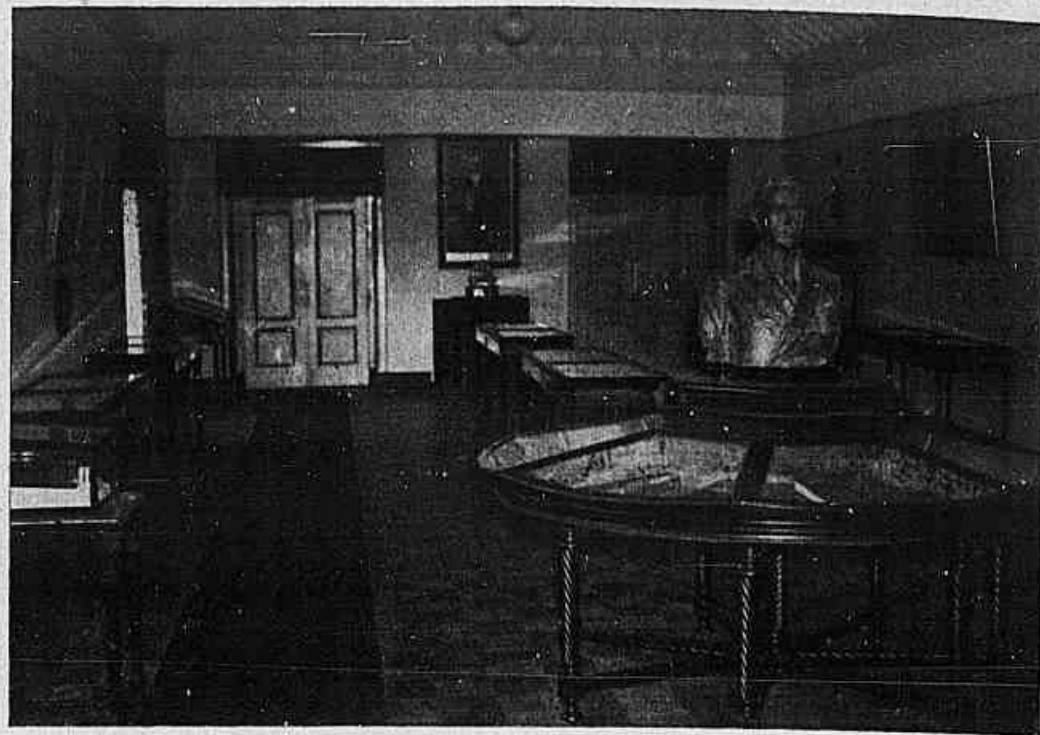


LAGO DAS NENUFARES

Téla de Manoel Faria

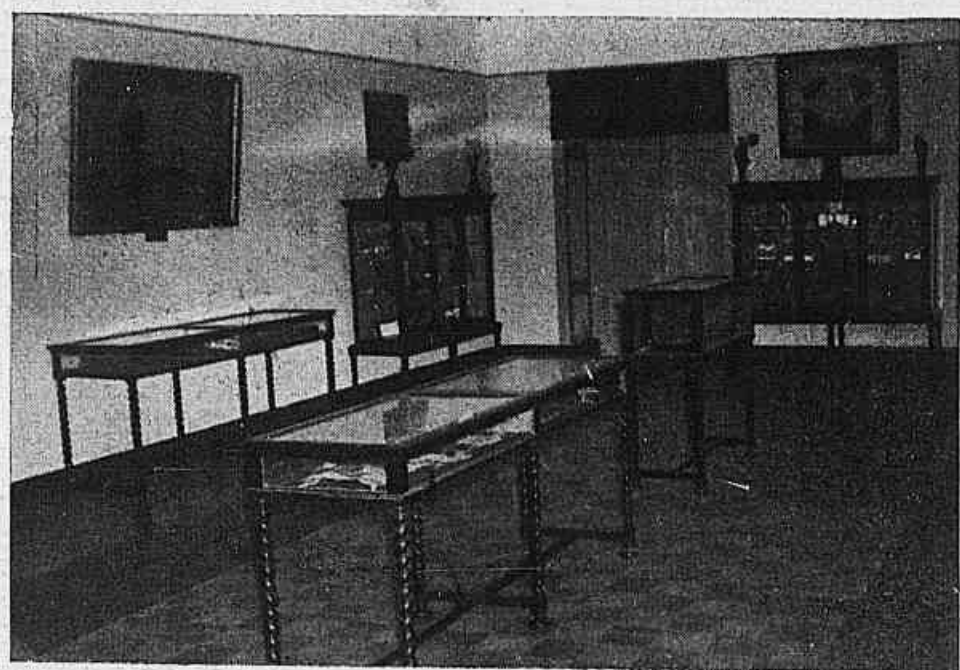


O Diretor do Museu Histórico, Dr. Gustavo Barroso, mostra ao Presidente Getulio Vargas as riquíssimas peças brasonadas de porcelana dos serviços do Barão de Penedo.

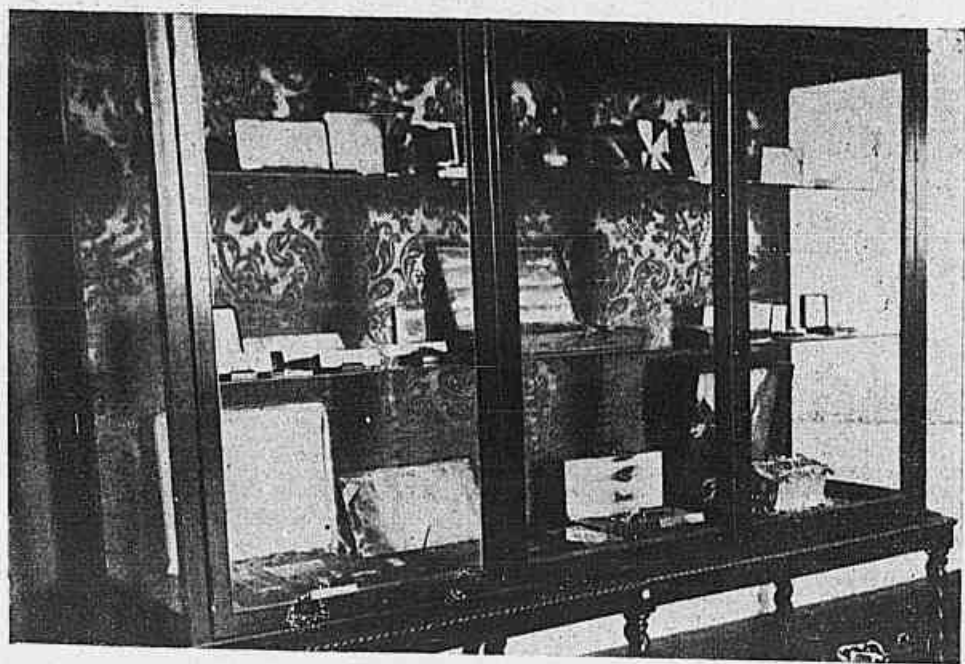


Busto de bronze do Presidente da Republica dominando o centro do Salão.

## A SALA GETULIO VARGAS NO MUSEU HISTORICO

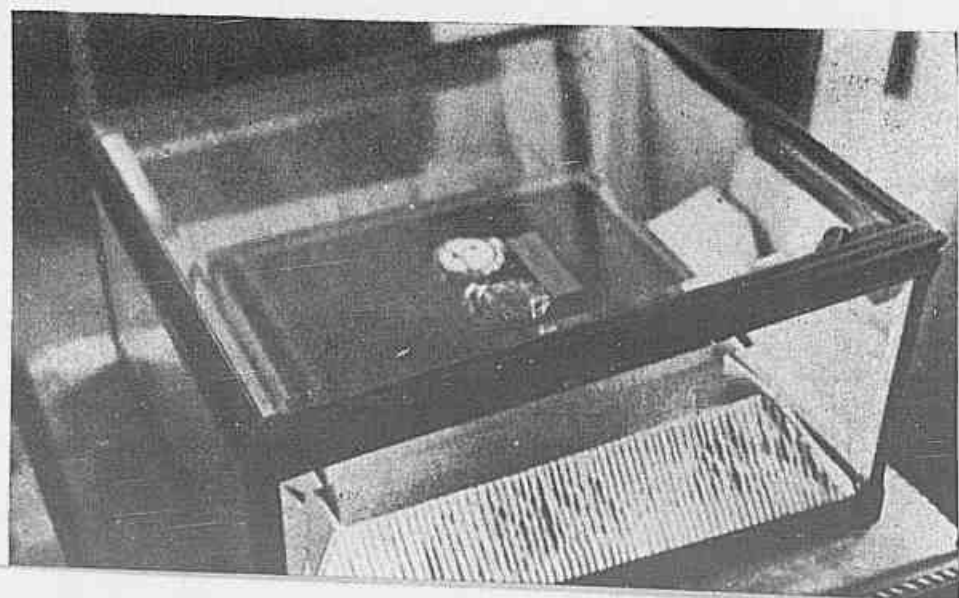


Aspecto de um dos lados vendo-se na vitrine central mais alta, o estôjo da espada de D. Pedro I oferecida pelo Exército Português ao Exército Brasileiro e transferida a Sala Getulio Vargas pelo Ministro Eurico Gaspar Dutra.



Vitrine contendo preciosos objetos oferecidos ao Presidente Vargas e por ele dados ao Museu Histórico.

Valioso album oferecido na Argentina ao Presidente Vargas, quando de sua visita aquele país.



A inauguração da Sala Getulio Vargas no Museu Histórico Nacional a 16 de julho deste ano foi uma solenidade memorável a que compareceu o Chefe da Nação, acompanhado do Ministro da Educação e Saúde, e de inúmeras outras altas autoridades. O Museu, organizando a referida sala, não prestou uma homenagem ao Presidente da Republica, mas praticou um ato de justiça, pois, como se sabe, S. Exa. tem prestigiado e favorecido constantemente aquela instituição, além de interessar-se sempre pela defesa das nossas reliquias e tradições.

A sala Getulio Vargas contém mais de 600 objetos — quadros, albuns, documentos, moedas, medalhas, joias, pratas, bronzes, móveis, etc. — que representam lembranças pessoais do Chefe do Estado, recordam fatos históricos ou lhe foram oferecidos em diversas circunstancias, os quais por ele foram recolhidos ao Museu Histórico desde quando assumiu o governo do país. Algumas dessas doações são valiosíssimas e sua oferta à Casa do Brasil mostra o espirito publico de que é dotado o Presidente da Republica.

A figura do sr. Getulio Vargas representa hoje, sem duvida, um periodo de nossa história, do mesmo modo que os vultos de D. João VI, Pedro I, Pedro II, Deodoro e Floriano sintetizam outros periodos. O Museu é um instituto destinado a lembrar todos eles e não se justificaria que não possuisse, ao lado das secções referentes às épocas monarchicas e republicanas, a que recordasse as ultimas transformações politicas e sociais por que tem passado a nação. Se doadores mais modestos e sem nenhum caracter oficial mereceram ter seus nomes de benemeritos do Museu ligados a varias salas, não se explicaria fosse esquecido o do generoso doador de tantas preciosidades. Assim, de fato a inauguração da sala Getulio Vargas traduziu um ato de inteira justiça, como fez ressaltar no seu discurso, inaugurando-a, o Diretor do estabelecimento.

O Ministerio da Guerra associou-se à organização da sala Getulio Vargas, transferindo para ela a gloriosa espada com que o nosso D. Pedro I, como D. Pedro IV de Portugal, fez ali a campanha liberal contra seu irmão D. Miguel. Trazida pelo Embaixador Julio Dantas em nome do Exército Português para ser entregue ao Exército Brasileiro, ele recorda o feliz trabalho realizado pelo sr. Getulio Vargas de aproximação luso-brasileira, que culminou na notavel embaixada do saudoso General Francisco José Pinto no ano dos centenários da nação irmã. O Barão do Brasil também trouxe à sala valiosa contribuição, adquirindo aos herdeiros do Marechal Hermes da Fonseca um jarrão de Sevres de 1812, que pertenceu a Napoleão I e pelo Governo Francês foi oferecido áquele Marechal, quando de sua visita oficial à França como Presidente eleito da Republica. O proprio Museu Histórico enriqueceu ainda a bellissima mostra com um mobiliário sobrio e belo, e com algumas peças adquiridas graças aos recursos fornecidos à repartição pela decisiva influencia do Chefe do Estado. Aberta ao publico, a sala Getulio Vargas tem atraído a atenção dos numerosos visitantes do Museu Histórico, que se encontra hoje grandemente ampliado e enriquecido de novas dependencias sob a merecida protecção do sr. Getulio Vargas.

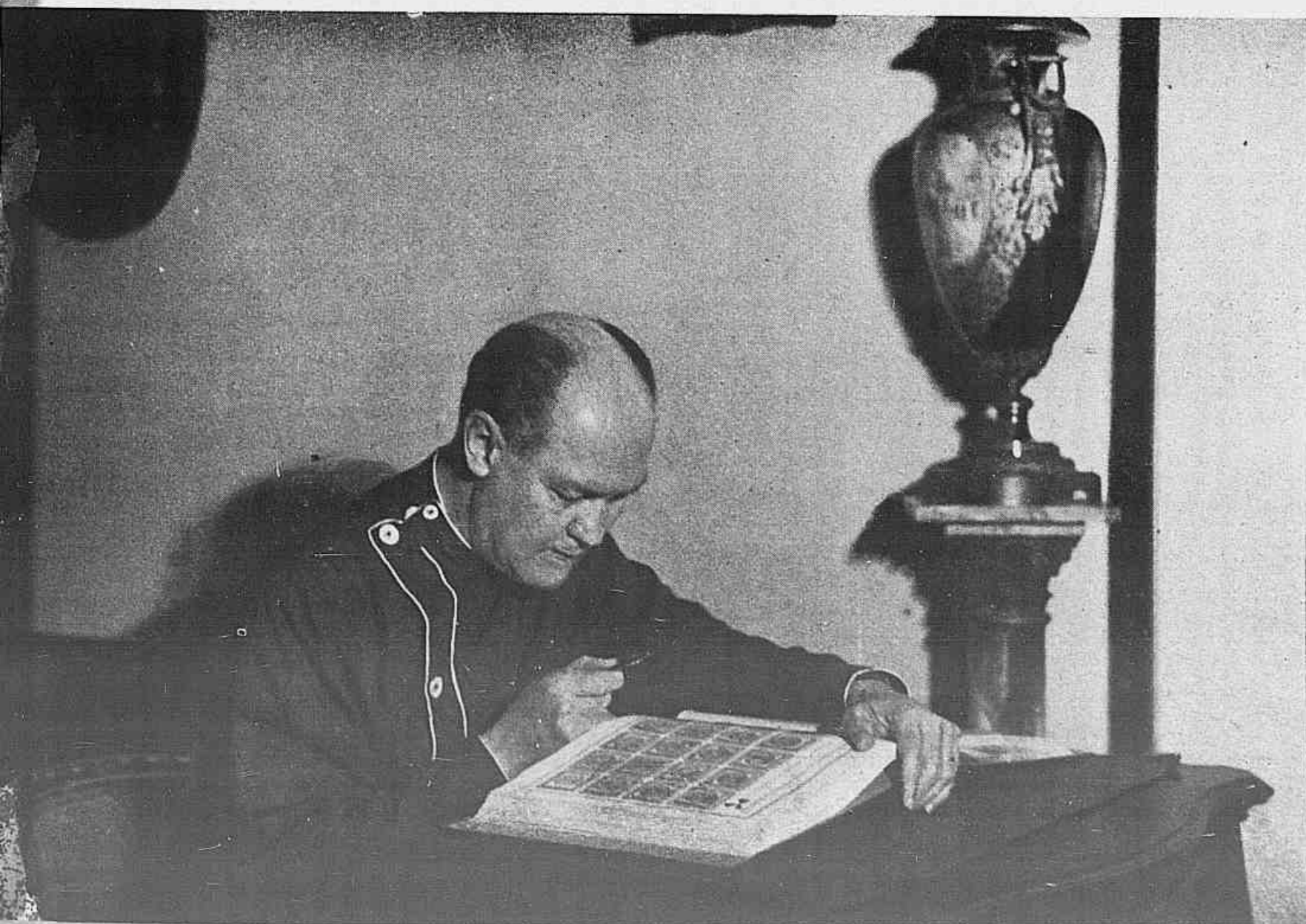
O filatelista número um  
do  
**BRASIL**

**H**Á criaturas cuja paciência, cujo gosto, cujo amor ao estudo, cujo senso estético as predeterminaram a ocupar lugar de destaque na admiração das pessoas de sensibilidade. Reunem, com dedicação evangélica, preciosidades para encanto de todos aqueles que delas se aproximam. Algumas se dedicam a colecionar moedas. Outras, selos. Muitas percorrem o mundo à procura de maravilhosos objetos de arte, de finos ornamentos que recordam seres e épocas inolvidáveis. Uma dessas criaturas privilegiadas é o Sr. Djalma da Fonseca Hermes. Organizou e infelizmente dispersou, há algum tempo, uma coleção de objetos de arte, móveis antigos, pinturas, porcelanas e cousas históricas que se tornou famosa. No leilão, o maior arrematante foi o govêrno, que doou aos nossos museus obras de grande valor. Passou o Sr. Fonseca Hermes a dedicar-se exclusivamente à sua coleção de selos do Brasil, iniciada em 1892, quando tinha 8 anos de idade. Tornou-se um dos mais conhecidos filatelistas patricio. Viajou por quasi tôdas as nações em busca de variedades para essa coleção, que está avaliada em mais de um milhão de cruzeiros. Relacionou-se com as mais célebres autoridades no assunto. Possui peças únicas, de perfeição impressionante e valor inestimável. Muitas outras estão avaliadas em dezenas de milhares de cruzeiros.

O maior colecionador de selos do Brasil examinando um dos seus álbuns



O Sr. Fonseca Hermes mostra-nos algumas de suas raridades filatélicas

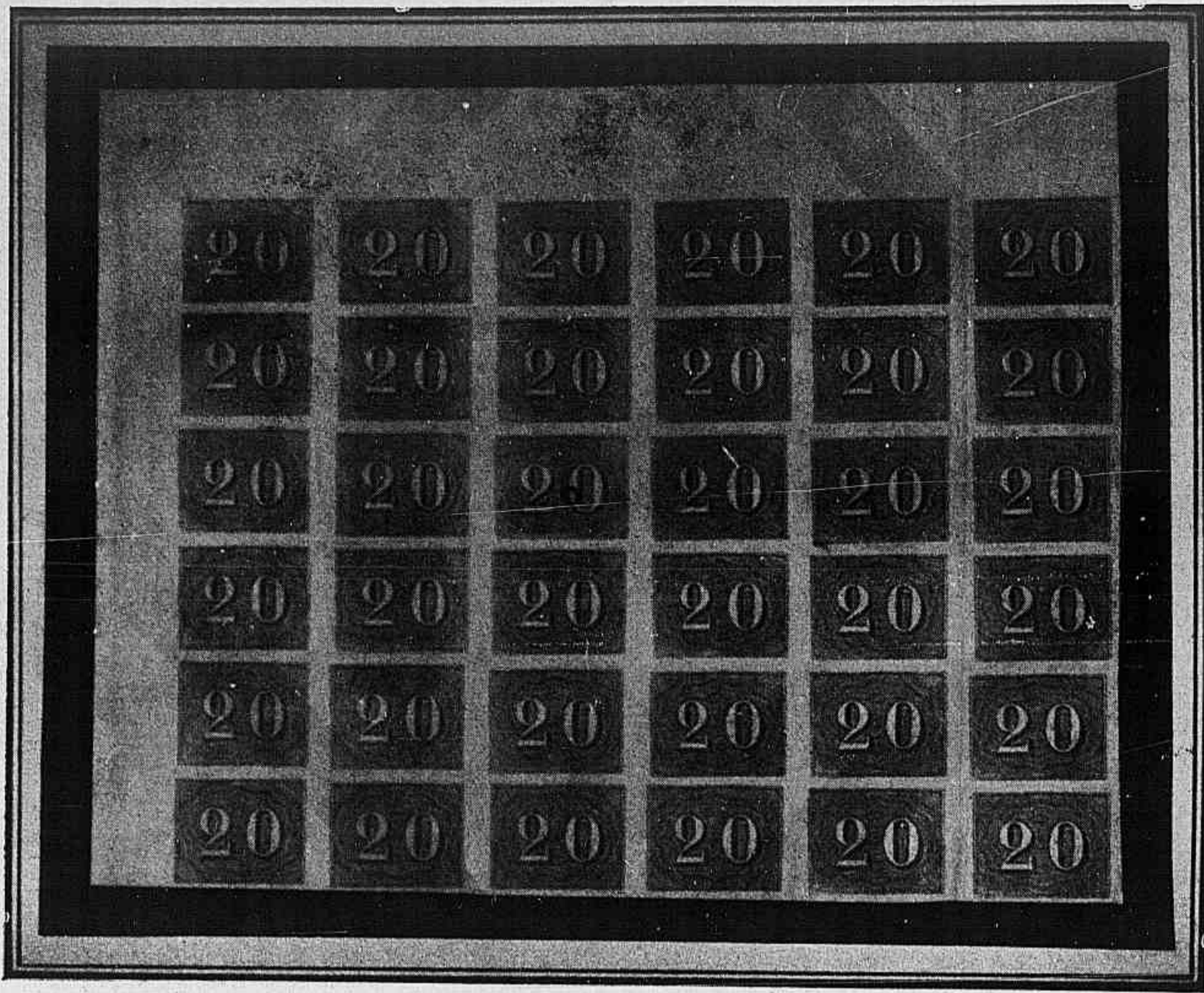


Vários prêmios lhe foram conferidos em exposições internacionais, como representante do Clube Filatélico do Brasil, nesta Capital, em São Paulo, Petrópolis, Paris, Tóquio, Pequim, etc.

Em Buenos Aires recebeu duas medalhas de ouro. Entre nós, por ocasião da comemoração do centenário do "olho de boi", em 1943, coube-lhe o Grande Prêmio.

Em palestra que com êle mantivemos em sua aprazível residência, revelou seus conhecimentos sobre o assunto:

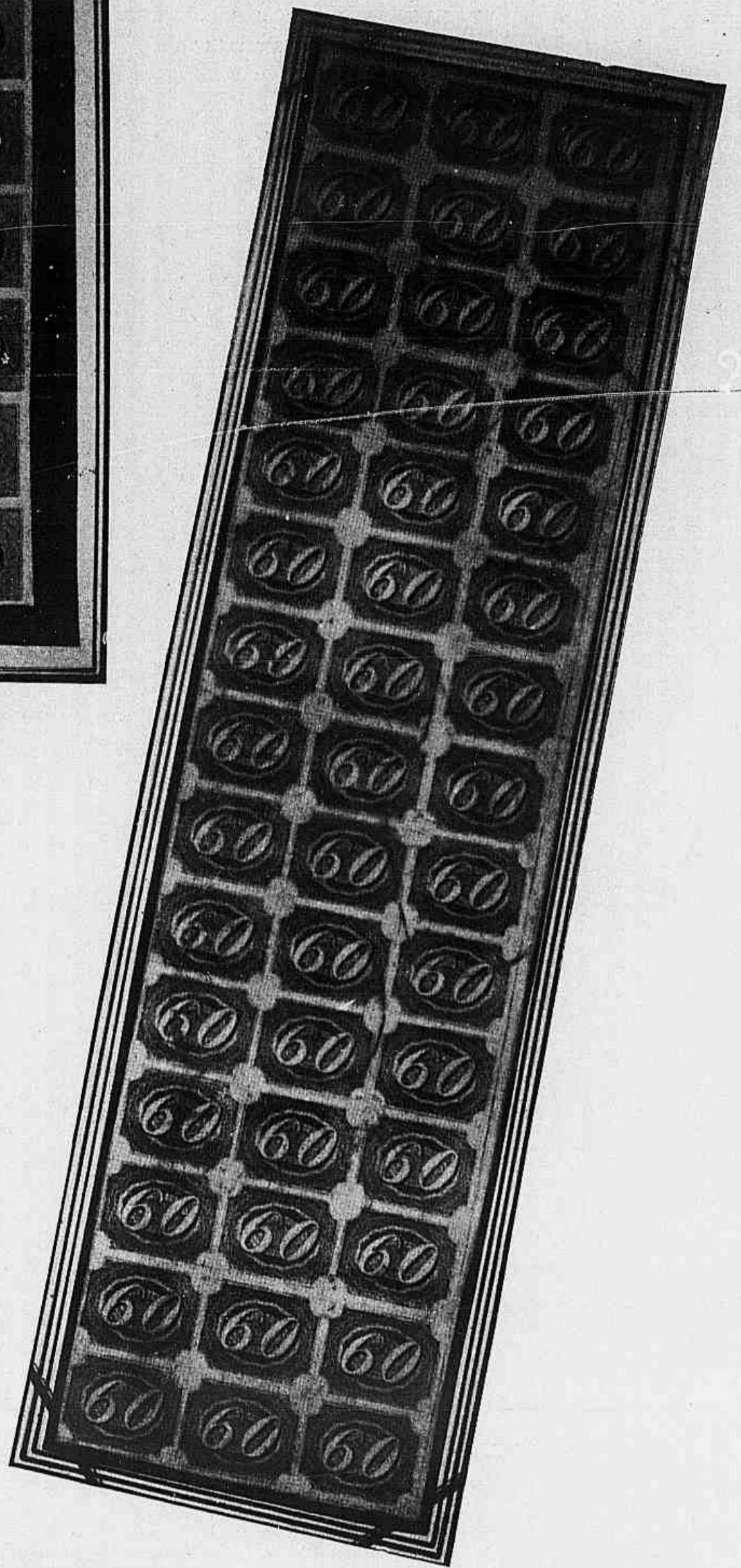
— O primeiro selo circulou em maio de 1840. Emitiu-o a Inglaterra. Foi ideado por Rowland



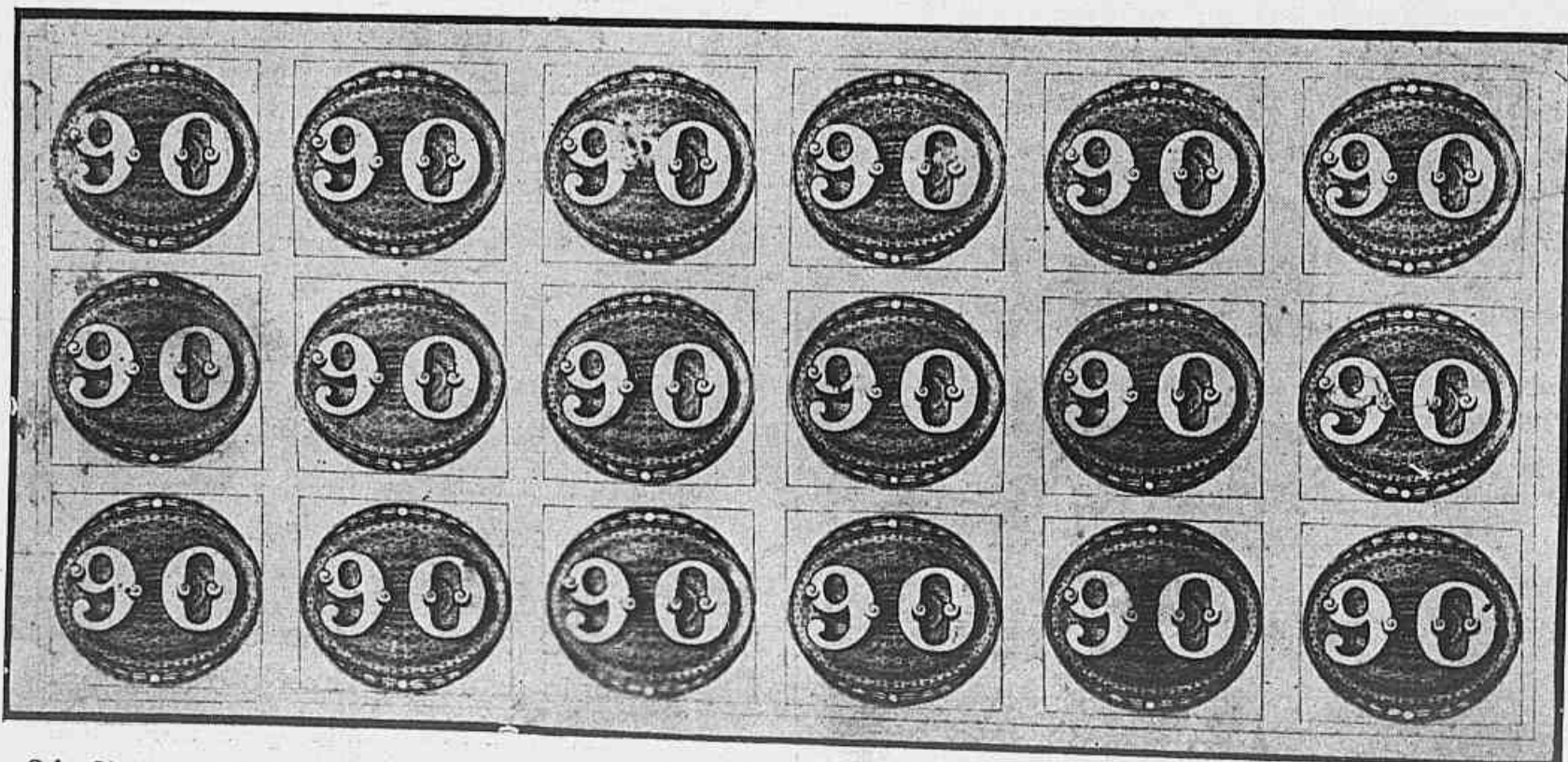
Bloco de selos de 20 réis, de grande valor, peça única conhecida

Hill, que se inspirou no seguinte episódio: o carteiro de certo logarejo entregou a uma jovem uma carta que ela examinou com atenção. Depois devolveu-a, declarando que não podia pagar o "portê". O carteiro afastou-se. Hill investigou o caso. Soube que a destinatária não tinha necessidade de abrir a missiva de seu *sweetheart*, porque no envelope se encontravam sinais convencionais que lhe diziam tudo o que ela precisava saber... Isso vinha ocorrendo havia muito tempo! Pensou pois, em evitar essas burlas por meio de selos postais.

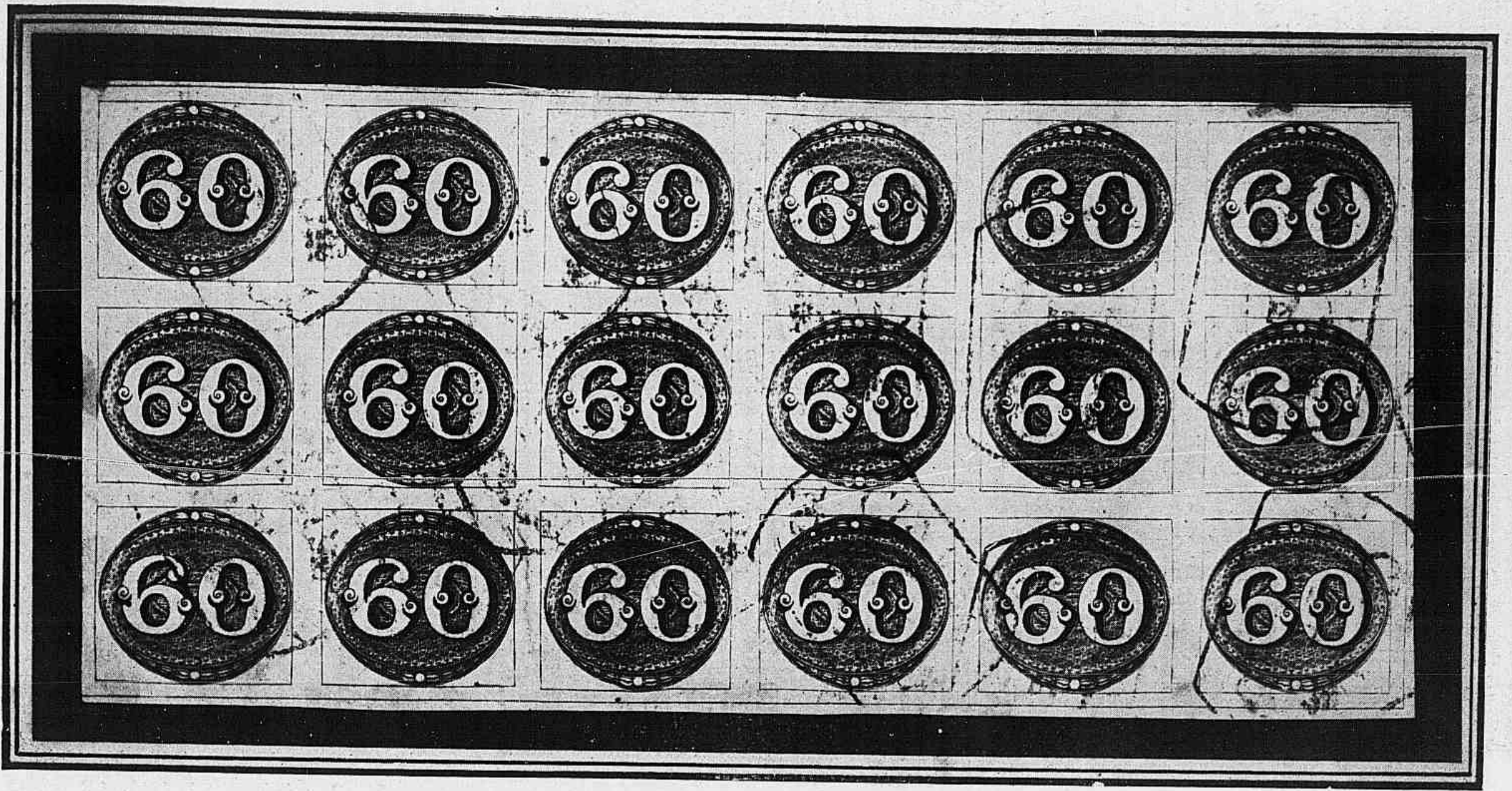
Nosso país — continuou — foi o segundo a emití-los com franquia universal. D. Pedro II autorizou a Casa da Moeda a imprimí-los em 29 de novembro de 1842. Alguns meses depois — 1 de agosto de 1843, que passou a ser considerado "dia do selo", apareceram os famosos "olho de boi". Os Esta-



Bloco de 45 selos de 60 réis, carimbo vermelho de Niterói



Fôlha do 90 réis novo "olho de boi" — peça única conhecida, de valor inestimável.



Outra peça única, talvez a mais importante da coleção

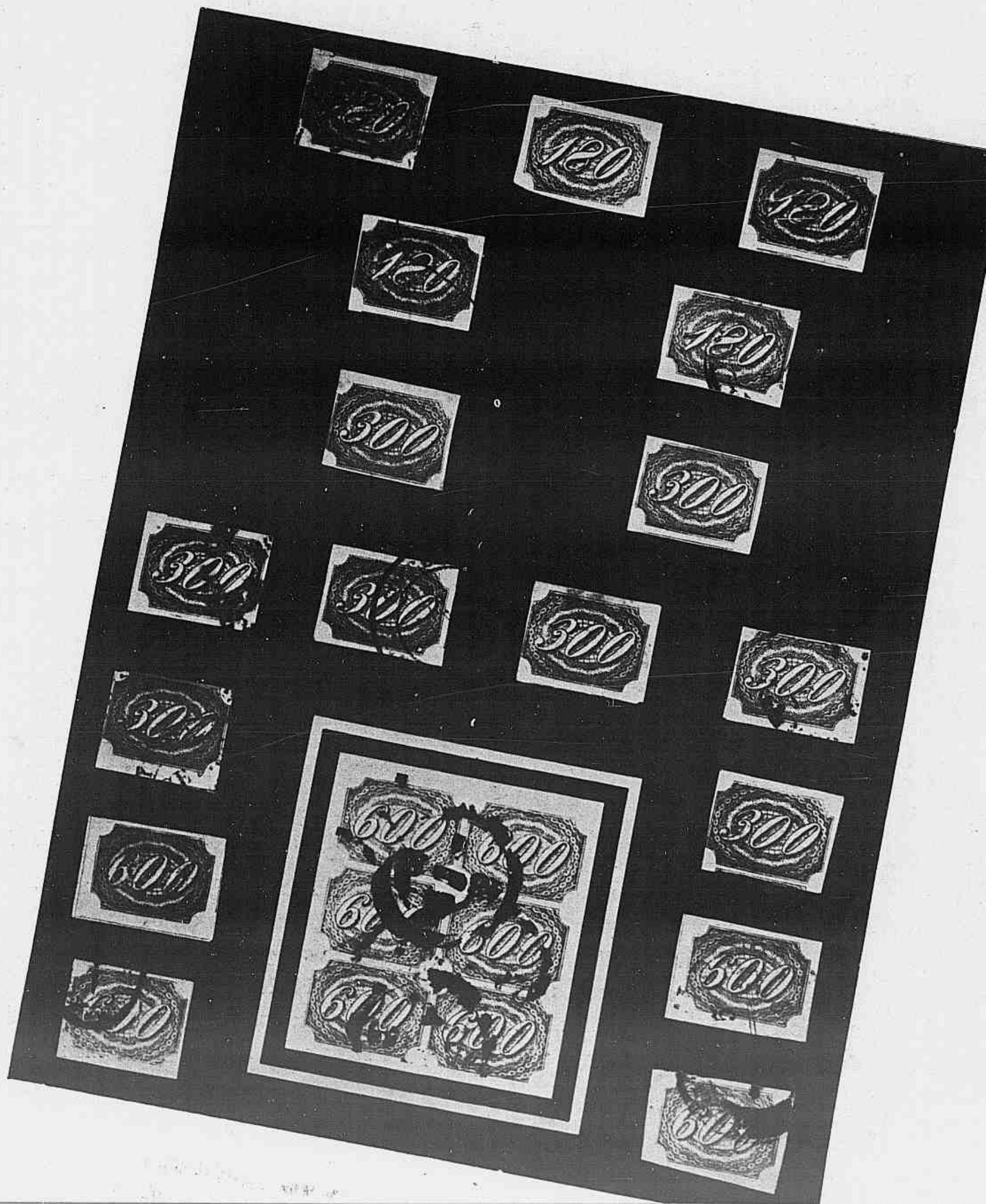
dos Unidos vêm em terceiro lugar. Sua primeira emissão começou a circular em 1846. Seguiu-se a França — 1849.

São muitos os colecionadores de selos do Brasil, dentre os quais se destacam Paulo Ayres, Edgard Conceição, Ferdinando de Almeida, Niso Viana, Cavalcanti de Lacerda, Pericles da Silveira, Anisio de Sá, Muniz de Aragão, nosso Embaixador em Londres, e outros.

Além do prazer, do encanto e da fama que as coleções de selos proporcionam a seus aficionados, podem ser úteis, trazer benefícios aos povos.

Deve-se evitar, porém, ferir-lhes os melindres, para que se estreitem

Alguns dos selos inclinados — novos e carimbados com belas margens, que muito valorizam os selos



# Humorismo dos Outros

**C**ONTA François Mauriac, da Academia Francêsa, que Saint-Beuve apelidara Dubois, que era da Loire-Inférieure, de "Dubois de la Gloire-Inférieure".

Duelo. Batiam-se à pistola. Foi épico, — o céu era cinzento. Chovia torrencialmente. Saint-Beuve abriu seu guarda-chuva, e disse: — Sei que posso morrer, mas não quero me molhar.

Escreveu Alpin René Fontaine:

— Goebbels, embaixador do "bluff" alemão, estava na América, e se encontrava com diversas personalidades do mundo do cinema.

— Neste momento, em Berlim, disse, nós temos um filme com trinta mil figurantes.

Os americanos sorriram, e responderam:

— Nós, na América, temos muitos filmes com cinquenta mil pessoas.

Goebbels não respondeu. Quando voltou a Berlim contou o fato a Hitler, e que precisavam fabricar filmes com cem mil pessoas.

O famigerado Hitler ficou logo furioso, e lhe fez acres censuras.

— Entretanto, concluiu Hitler, a resposta era simples. — "Na Alemanha nós temos atualmente Os Miseráveis

com quarenta e oito milhões de figurantes".

Nova York, Mark Twain.

Era o dia do seu aniversário natalício, e os seus amigos lembraram-se de enviar-lhe uma carta de felicitações. Como não tinham o seu endereço, escreveram apenas no envelope, — "Para Mark Twain — Deus sabe onde".

Semanas depois chegou-lhes da Itália uma carta com esta frase, — "Deus soube".

Esta eu li algures. Onde? Não sei. De quem? Não me recordo. Copio do retalho de jornal antigo:

— A noção que Pascoal tinha do trabalho era realmente uma curiosidade. Eis um exemplo: Um dia entrou no seu escritório um pobre homem com uma carta de recomendação. Queria um emprego. Aconteceu que Pascoal não tinha emprego nenhum para dar. Mas acontecia que a carta de recomendação era de uma criatura que não podia deixar de ser atendida. Pascoal coçou demasiadamente a cabeça. — Apareça aqui, amanhã, às duas da tarde. Às duas da tarde, pontualmente, o homem entrara no escritório. O

empresário recebeu-o amavelmente. — Já arranjei o seu emprego. O senhor vai ser clarinetista da minha banda de música. — Não pode ser, sr. Pascoal. — Porque não pode ser? — Porque eu não toco clarinete. — Mas vai tocar. — Mas eu não toco instrumento nenhum. — Mas vai tocar clarinete. — Mas eu não sei música, sr. Pascoal. — Mas vai saber. — Como? — Aprendendo. Um homem é um homem. O homem só não faz o que não quer. A questão é ter capricho. O senhor é o clarinetista da minha banda. Começa a ganhar de hoje. Arranje-se como puder. O pobre homem saiu desolado. Na rua considerou: o homem só não faz o que não quer. E arranjou um clarinete emprestado. E arranjou um professor de música. E tornou-se, de fato, o clarinetista da banda de música do Pesscoal, aquela singularíssima banda de música que, durante muitos anos, azucrinou os ouvidos de quem passava nas vizinhanças da "Maison Moderne".

— Que tens, minha filha? Teu marido te engana?

— Não, mamãe, mas êle me surpreendeu em flagrante delito.

— Ah! O ordinário!



O Dr. Djalma da Fonseca Hermes quando recebia das mãos do Barão de Mitsú, Presidente da Associação Filatélica do Japão, em Tóquio, riquíssima caixa de xarão, com dedicação, contendo um volume com selos japoneses



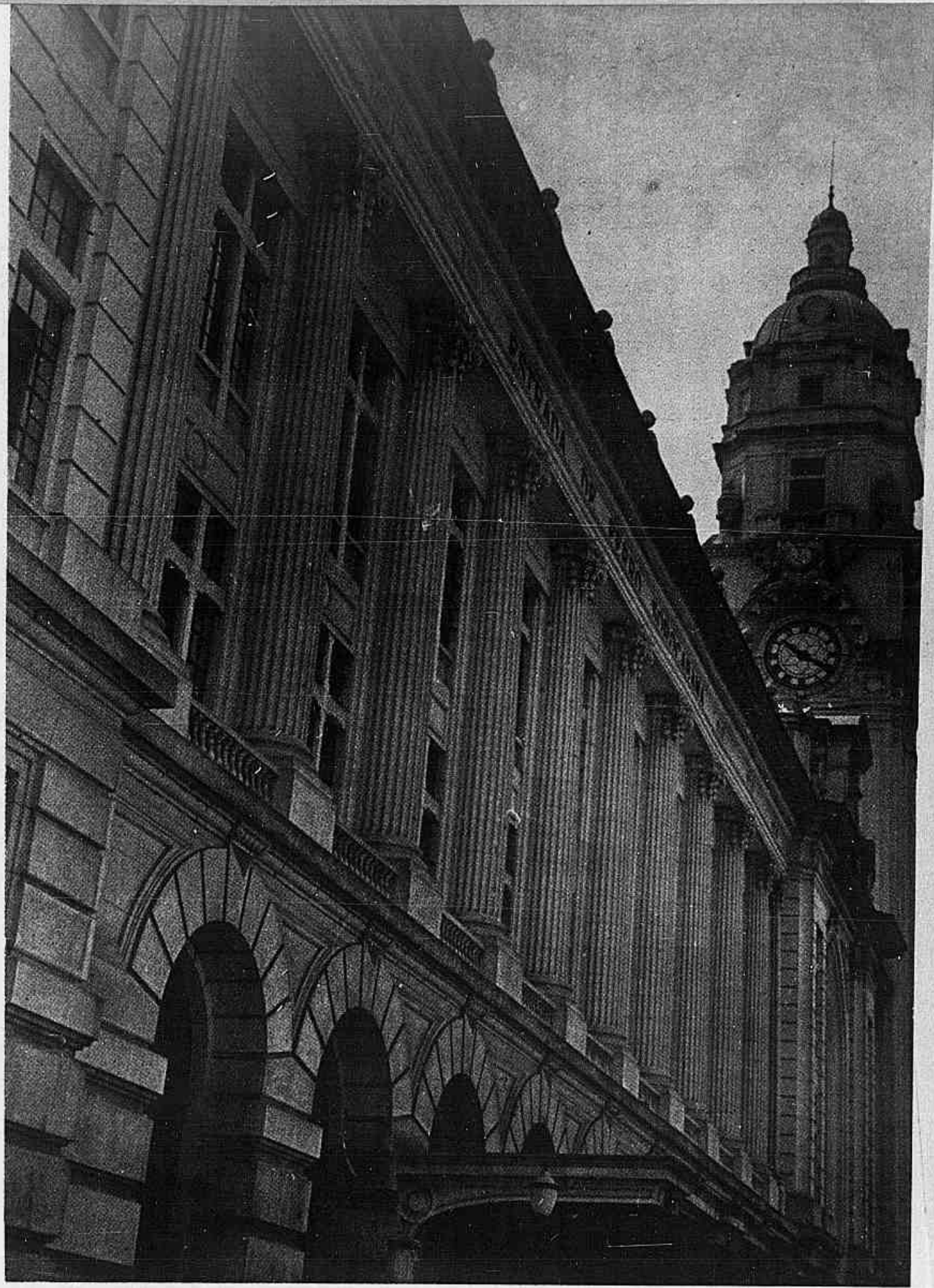
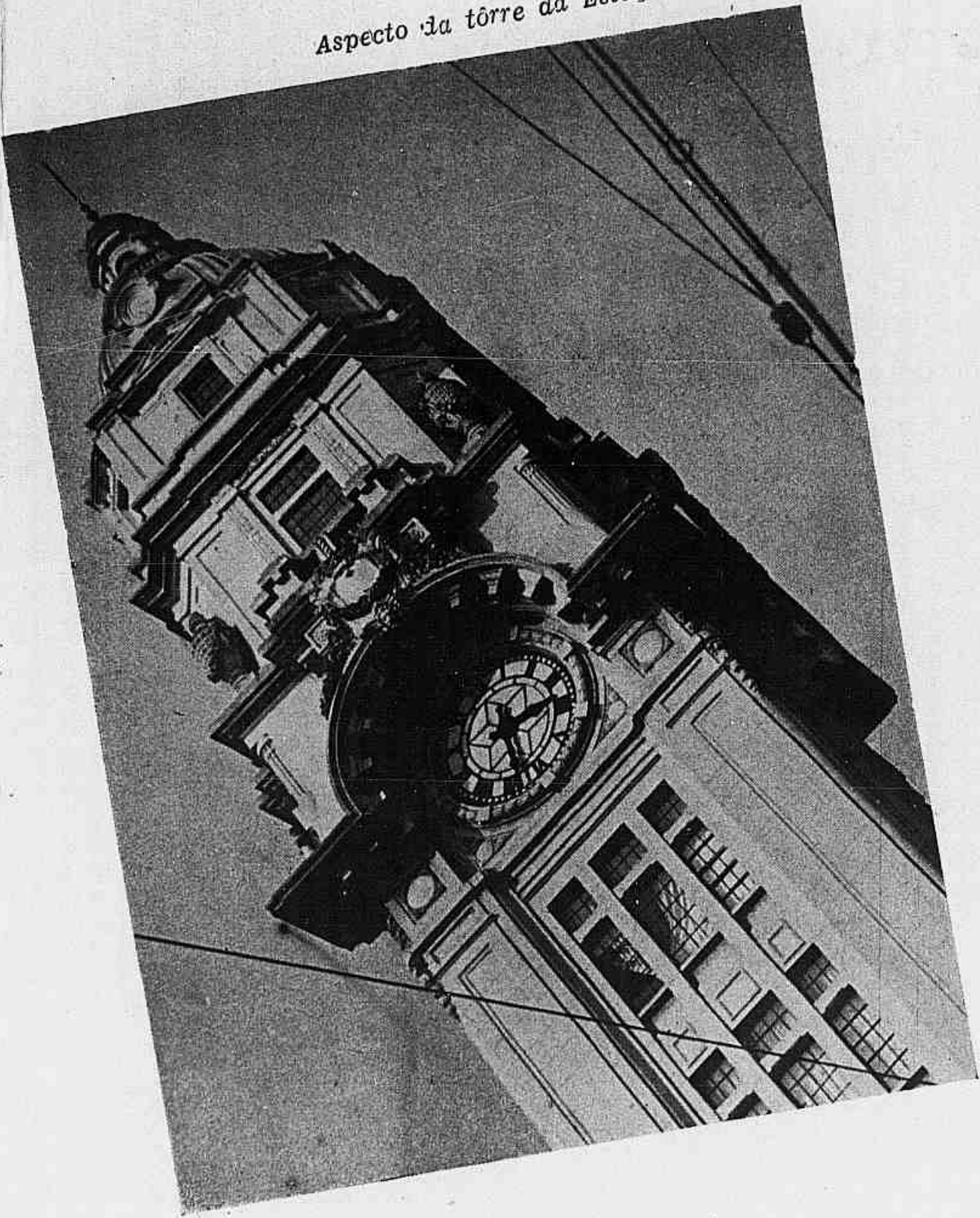
Em Buenos Aires, quando o Embaixador Adrian Escobar entregava ao Dr. Fonseca Hermes as medalhas de ouro que lhe couberam como prêmio na exposição universal, realizada naquela capital em 1939

suas relações. E' o que se deduz da sugestão apresentada pelo Sr. Fonseca Hermes por ocasião do banquete oferecido em Buenos Aires, ao encerrar-se a exposição filatélica de 1939. Sugeriu êle que não se

deve utilizar os selos para comemorações de batalhas ou outros acontecimentos que possam afetar a suscetibilidade ou os brios de outros países. Realmente, afirmamos nós. Os selos que são, em geral, mensa-

geiros da alegria, do afeto entre as criaturas humanas, poderão ser também símbolos da cordialidade entre os povos, levando-lhes em suas gravuras a imagem dos nossos melhores sentimentos.

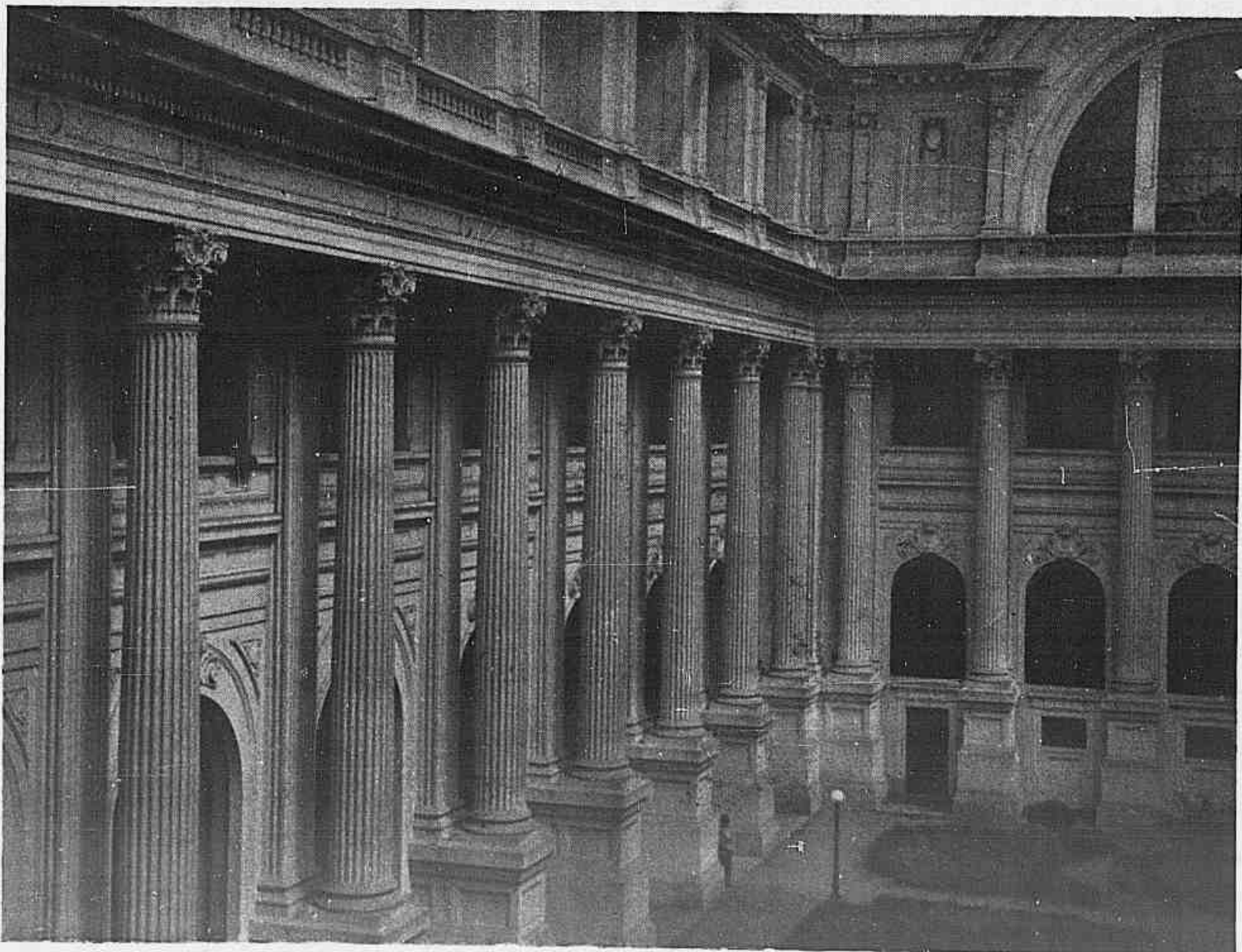
Aspecto da torre da Estação Central.



Aspecto exterior da Estação Central da E. F. Sorocabana, em S. Paulo.

## A ELETRIFICAÇÃO DA E. F. SOROCABANA

Vista interior do magestoso edifício.



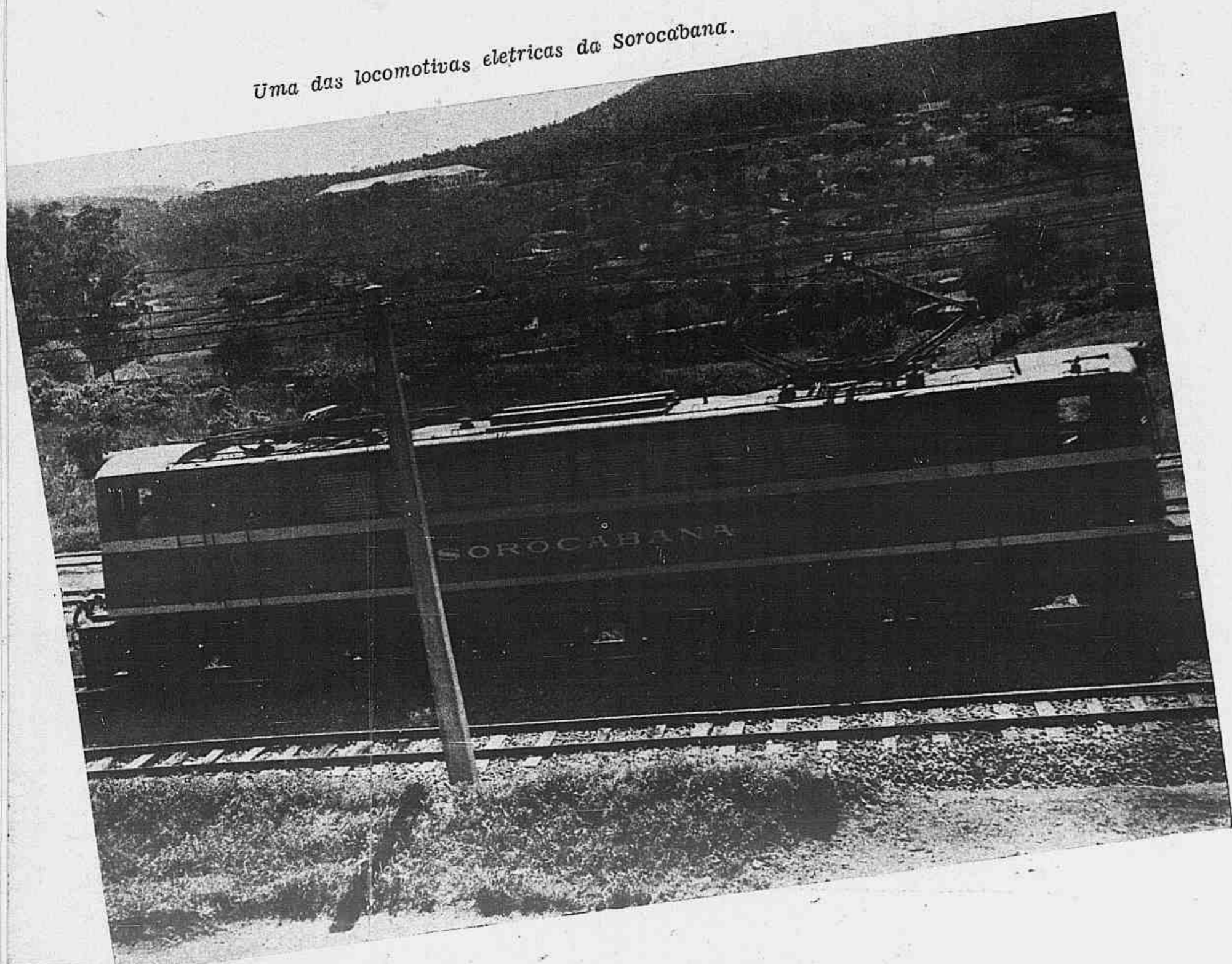
**D**ESDE muitos anos o renome da Estrada de Ferro Sorocabana se projetou para além do seu âmbito regional, conquistando-lhe muito justa admiração. Pela extensão e importância de sua rede, pela capacidade e pelo tirocinio de seus administradores, deixou de interessar unicamente a orbita restrita ao proprio *habitat*, ao vasto e variado *interland*, para pertencer destacadamente ao serviço nacional e internacional, em surtos cada vez maiores, dizendo muito de perto a troca de riquezas de todo o sul do país e Brasil central. Nada pode encarecer demais as grandes vantagens que advirão, para as zonas por ela servidas, para a economia do Estado e da Nação, da eletrificação de suas linhas, cuja continuidade, levada a efeito em todo o percurso, até as barrancas do rio Paraná, como se projeta, constituirá sem duvida uma das mais grandiosas obras em materia de construção ferroviaria do país.

As linhas da Sorocabana vão de São Paulo às margens do Rio Paraná. Estando ligada à São Paulo Railway, à Companhia Paulista, à Companhia Mogiana, à Estrada de Ferro Noroeste, à Rede de Viação Paraná-Santa Catarina, à São Paulo-Paraná, verifica-se que, sobre ser via ferrea eminentemente estrategica, é uma das mais importantes do Brasil, porque põe em comunicação, entre si, os Estados de Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do



*Vista exterior de uma das composições automotoras elétricas para o serviço de subúrbios.*

*Uma das locomotivas elétricas da Sorocabana.*

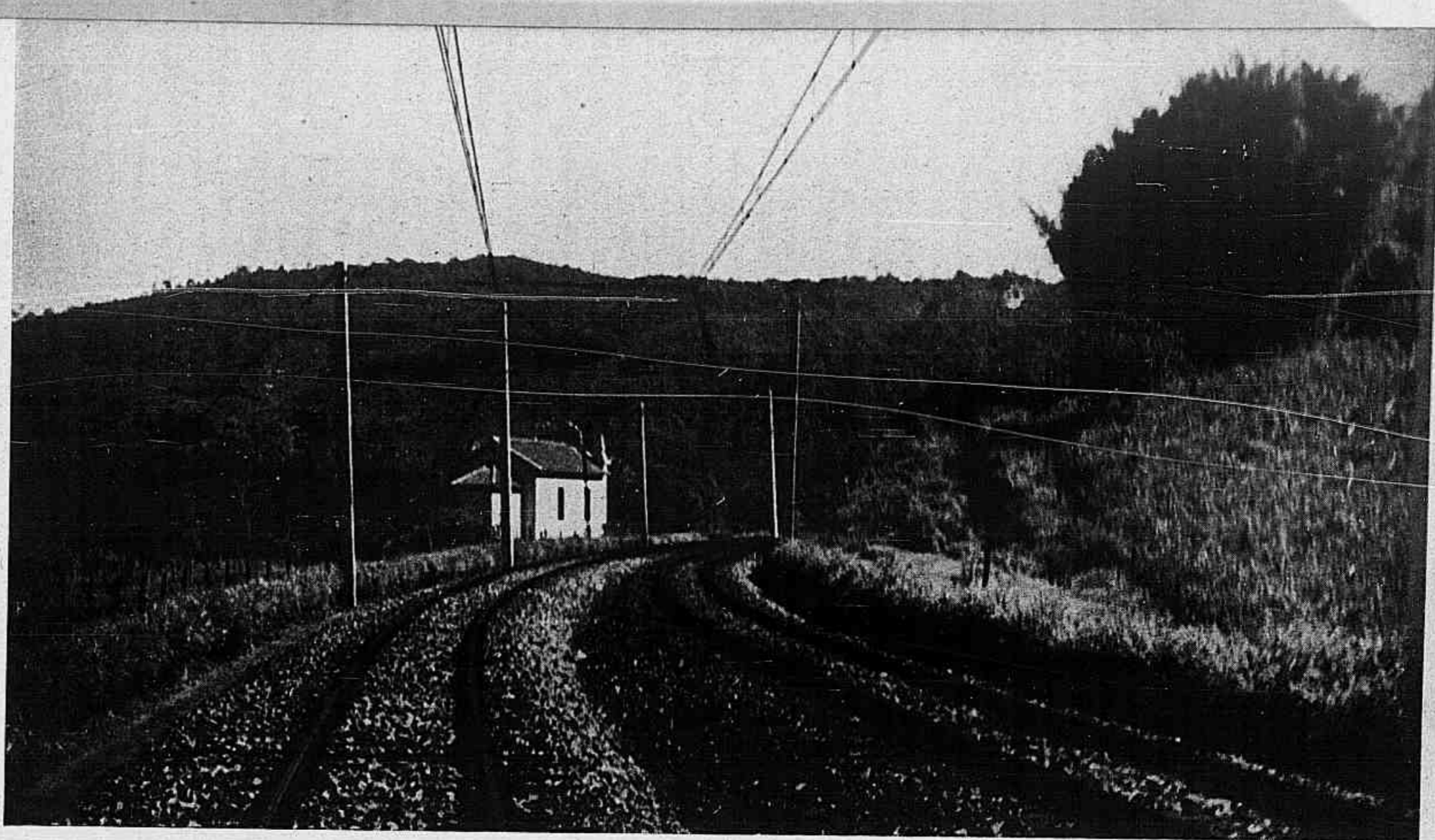


Sul e São Paulo. E' através de suas linhas que defluem as grandes correntes de riqueza entre todo esse "hinterland" e o Oceano Atlântico. E agora, com a eletrificação da Sorocabana, mais se acentua sua importância, mais valorizados se tornam os seus serviços, que se ampliam grandemente, num alto índice de progresso.

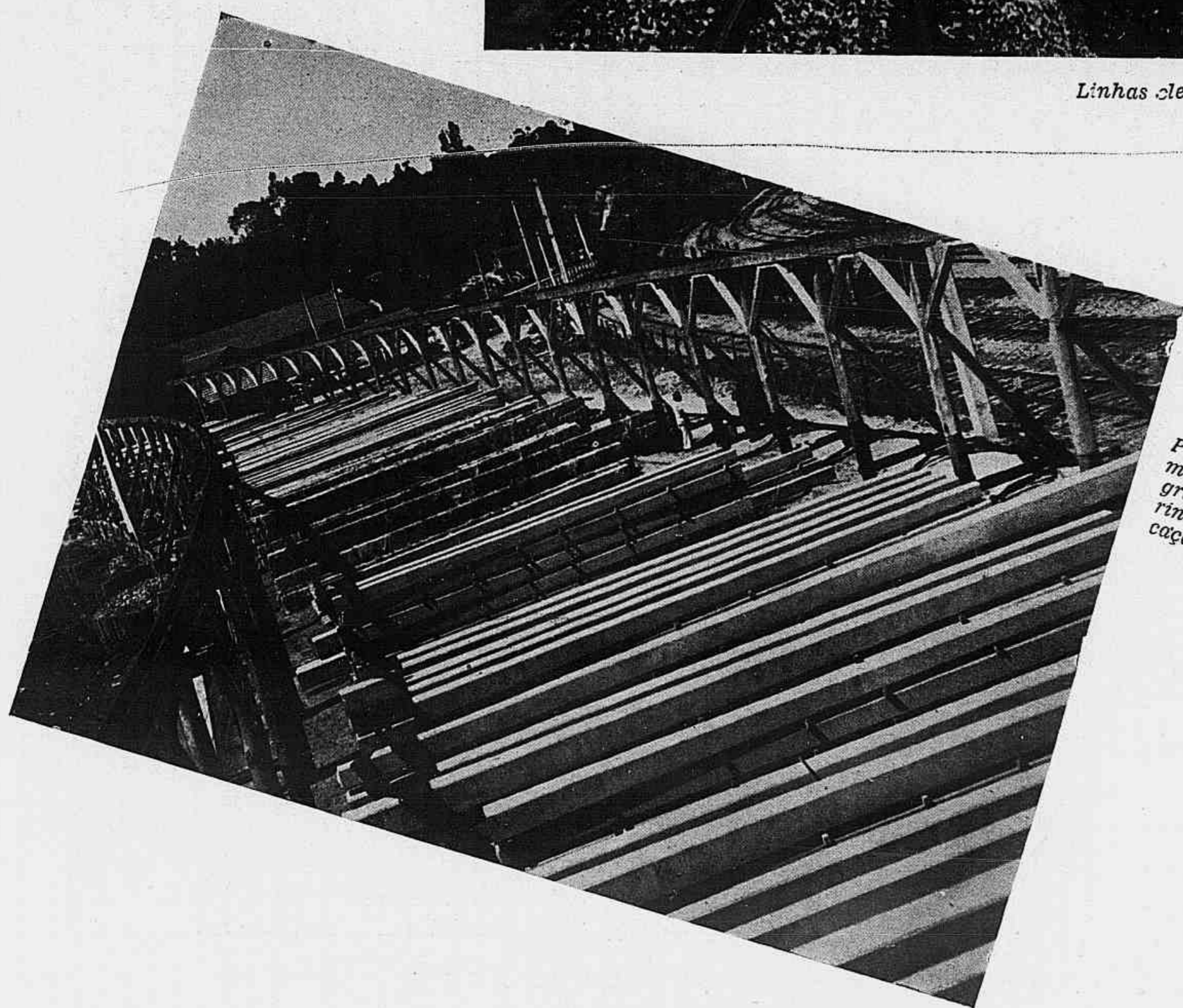
Além da economia considerável, poupando as nossas matas da devastação dos últimos anos, há que considerar igualmente a notável economia do material rodante, da preservação dos desgastes dos trilhos, da maior durabilidade dos dormentes, não se falando na comodidade e no conforto que virá representar a eletrificação, extinguindo as fagulhas, que tantos e prejudiciais danos e incêndios provocam constante-

mente. Há ainda a notar a ampliação, por outro lado, das possibilidades de maior rapidez, do aproveitamento do tempo e, incontestavelmente, do aumento extraordinário da capacidade da tração de carga e passageiros, que a eletrificação da E. de F. Sorocabana vai proporcionar.

A eletrificação da E. F. Sorocabana, embora prejudicada pela guerra, continua progredindo satisfatoriamente, com o emprego de material nacional.



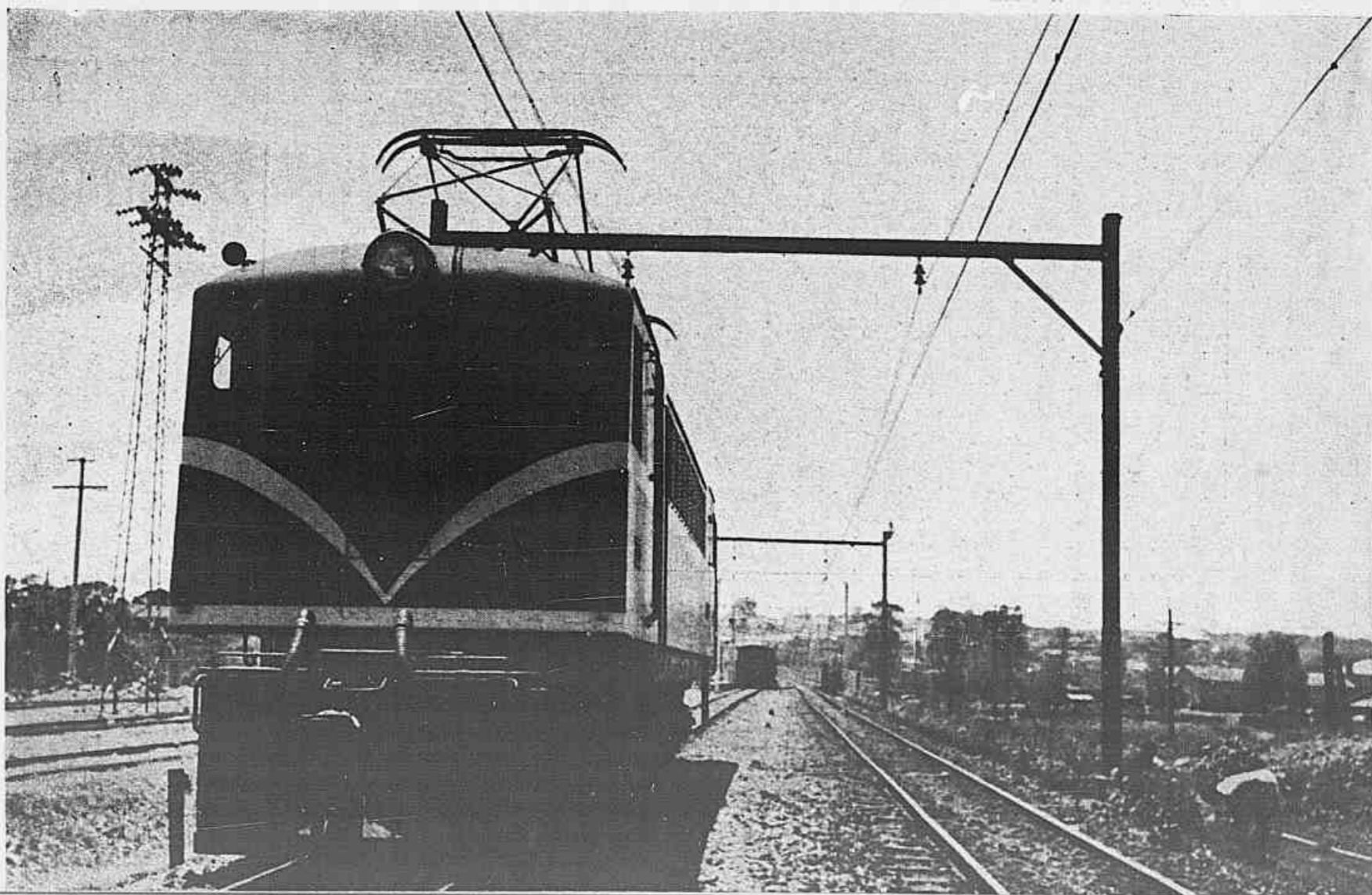
*Linhas eletrificadas entre São Paulo e Sorocaba.*



*Postes de concreto armado fabricados em grande escala em Mayrink, para a eletrificação das linhas da Sorocabana.*

*Uma das vinte locomotivas elétricas em serviço nas linhas eletrificadas da E. F. Sorocabana.*

O trecho de São Paulo a Santo Antonio, com 140 quilômetros de extensão em linha dupla, conta três sub-estações, em Osasco, Pantojo e Ipanema, e duas cabinas, em S. João e Brigadeiro Tobias, para conversão e fornecimento de energia elétrica. Recentemente, o plano inicial foi ampliado incluindo a eletrificação do trecho Santo Antonio-Laranjal — mais 46 quilômetros — e até Botucatu, numa extensão de mais de 155 quilômetros. No trecho de São Paulo a Santo Antonio já está em funcionamento a linha eletrificada, com resultados que estão ultrapassando as expectativas mais otimistas.



# O QUE VAI PELO A C R E

LIMA FIGUEIREDO

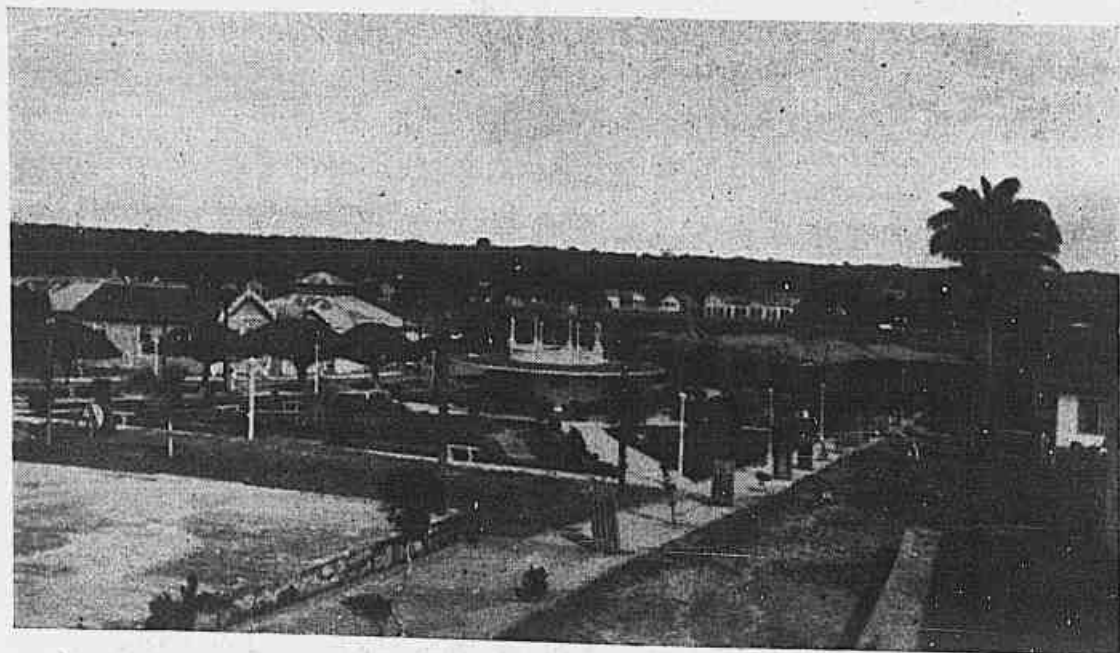


Coronel Luiz Silvestre Gomes Coelho, Governador do Território do Acre.

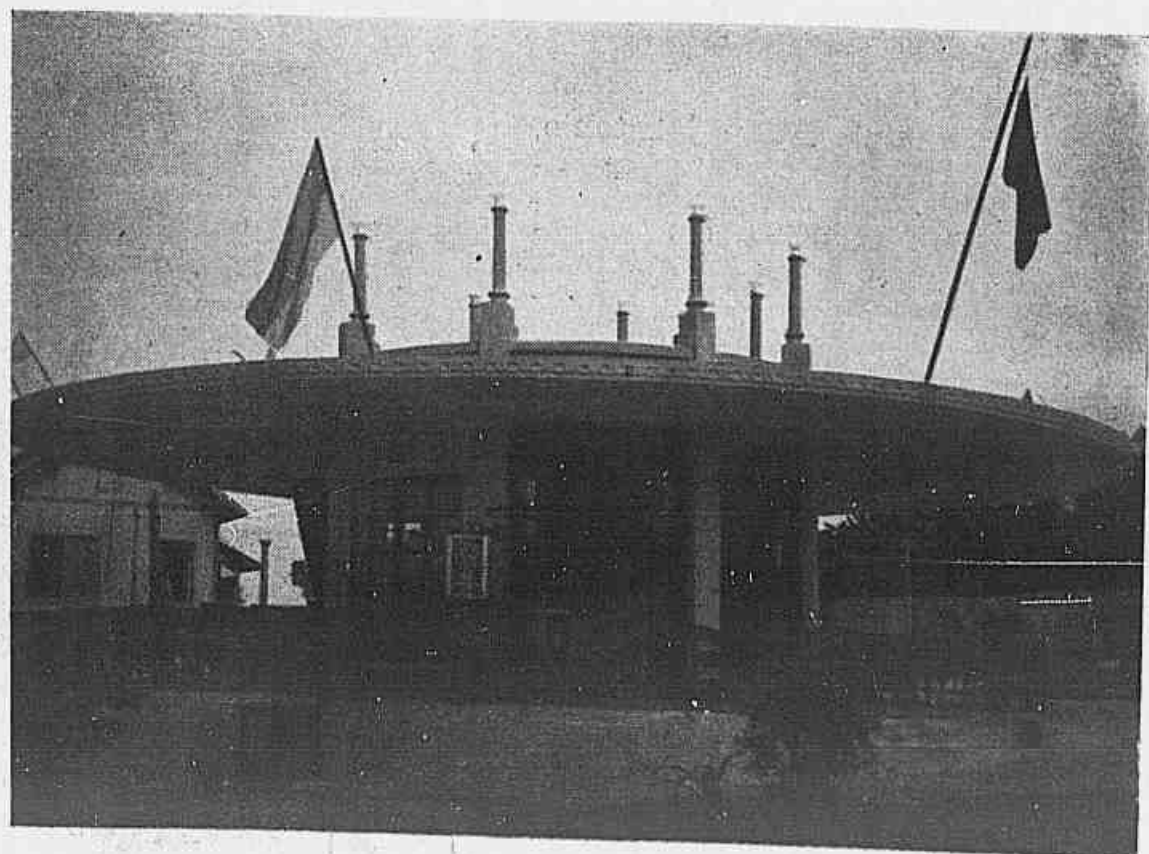
**C**ONHEÇO o Território do Acre, porque lá andei perambulando e medindo rios, igarapés e varadouros, quando, por ordem do meu querido chefe e ilustre amigo, General Cândido Rondon, inspecionei as nossas fronteiras com o Perú e a Bolívia. Nessa ocasião, governava com

muito descortínio e sabedoria, o Dr. Hugo Carneiro, joven ardoroso, que, com tôdas as fôrças do seu civismo e com tôda sua inteligência, impulsionava aquêlo recanto conquistado pela ação dinâmica do Barão do Rio Branco apoiado na bravura indômita dos nordestinos chefiados pelo impávido gaúcho Plácido de Castro.

Hoje a náu da administração daquela terra feraz que, em poucos anos pagou com folga a quantia dispendida pelo Brasil por fôrça do Tratado de Petrópolis, produzindo abundantemente a goma elástica, o coronel de engenharia Luiz Silvestre Gomes Coelho. Ao ser nomeado governador, seu passado era penhor do que poderia realizar naquela linda e brasileiríssima gleba. Bacharel em Matemáticas e Ciências Físicas tinha, pelo estudo e pela experiência, credenciais para levar o Acre avante, fazendo-o progredir como merece. Por duas vezes mostrara seu tino administrativo e sua capacidade técnica, chefiando a comissão construtora da estrada de ferro **Rio Negro-Bento Gonçalves** e a rodovia **Lorena-Itajubá**. Mostrou seu valor militar à frente duma companhia do glorioso e histórico 1.º Batalhão de Engenharia, com ela lutando em **São Paulo** e **Mato Grosso**, como fôrça integrante da Coluna comandada pelo ínclito General Malan d'Angrogne. Mercê dos seus conhecimentos profissionais, a Missão Militar Francesa, por ocasião da renovação cultural do nosso Exército, foi nele encontrar um dos seus mais prestimosos auxiliares.



Aspecto parcial da Praça "Getúlio Vargas", vendo-se ao lado um detalhe do Bar Municipal, recentemente inaugurado.

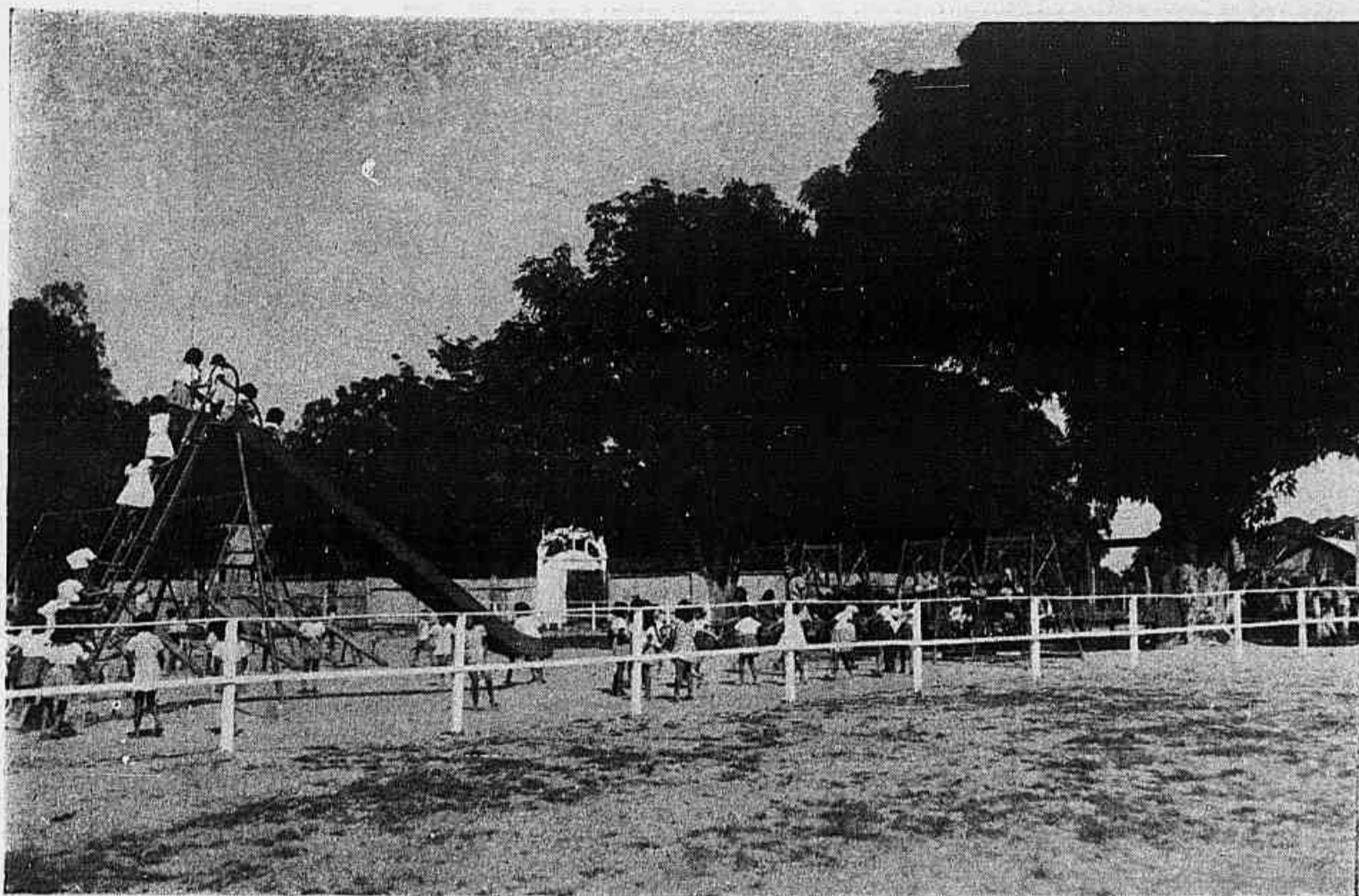
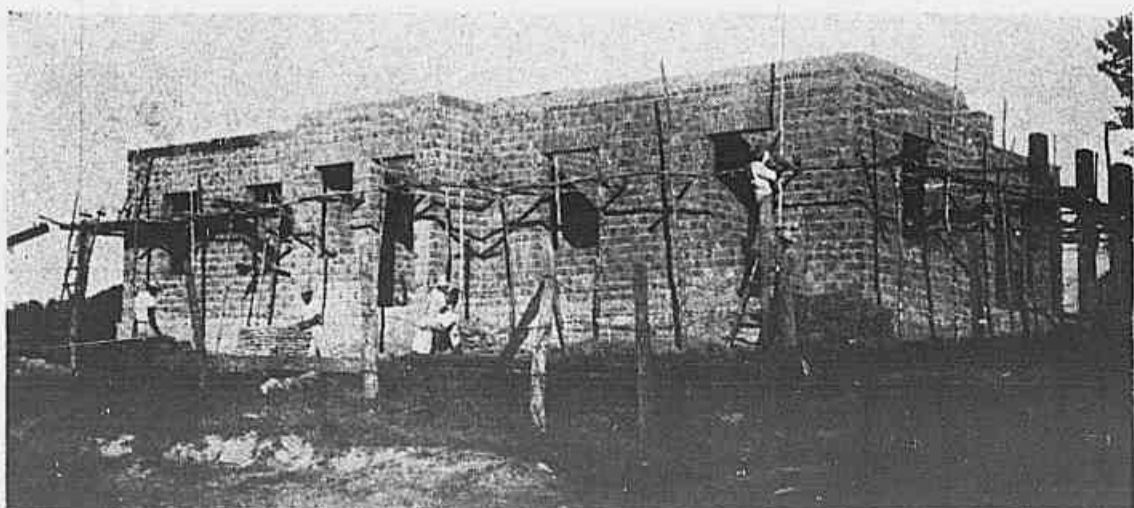


Dirigindo os destinos do Território do Acre, o coronel Silvestre Coelho mostrou-se o homem capaz, o realizador corajoso e o patriota convicto da grandeza do Brasil, pelo trabalho profícuo das suas elites e pelo desejo de todos os seus filhos de fazê-lo subir, cada vez mais, no conceito internacional.

Seu primeiro cuidado foi, de todos os modos, cuidar da saúde do povo que lhe fôra confiado, para isso deu seu integral apóio ao Departamento de Saúde do Território, de modo que minorados fossem os sofrimentos da gente acreana. Procurou técnicos especializados e, após curto período de govêrno, já podia contar com os serviços profissionais de médicos: 1 pediátra, 1 com o curso de Saúde Pública (**Manguinhos**), 1 fisiólogo, 1 radiologista, 1 leprólogo, 1 sífilógrafo, 1 especialista em Educação Física e 1 dedicado às doenças tropicais. Com êsse "team" pujante, o governador meteu mãos à obra. Atendeu em primeiro lugar às crianças, fazendo funcionar postos de pediatria e higiene infantil, tendo fichadas, no de **Rio Branco**, mais de 1.800, que proporcionam um movimento diário bem elevado, levando-se em conta que a capital do Território tem cêrca de dez mil habitantes.

Além de assistência médica, o govêrno também fornece medicamentos em abundância para o que conta com a colaboração eficaz e desvelada da Legião Brasileira de Assistência, a cuja frente se acha Dona Isolete Cavalcanti Coelho, dama de aprimorada educação, de formação

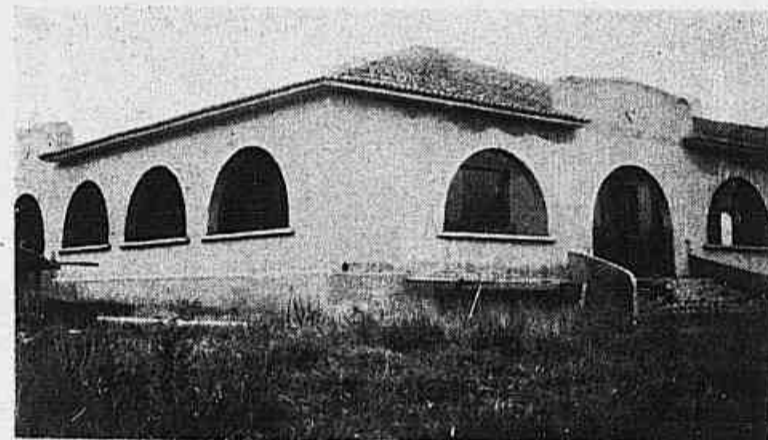
**Posto de Puericultura que sob os auspícios da Campanha da Rendação da Criança está sendo construído em Rio Branco.**



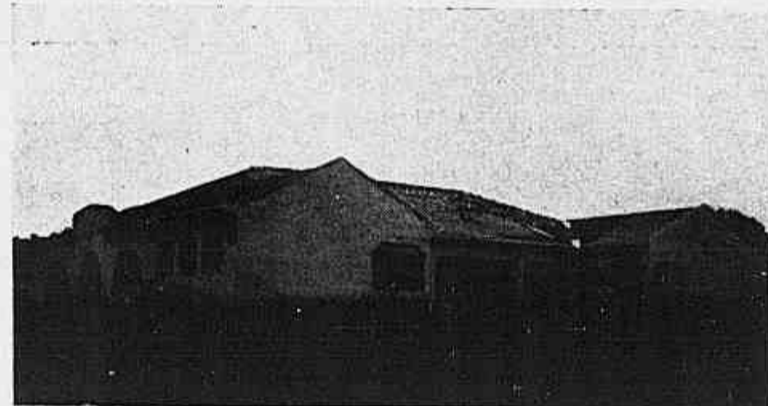
**Vista parcial do Parque Infantil "Cel. Lima Figueiredo"**

religiosa e dotada de bem elevado espírito filantrópico. De tal modo é o seu carinho pelos sofredores, que, ultimamente, mesmo doente, recolhida ao leito, atendia sempre sorridente, aos que a procuravam para minorar suas dores.

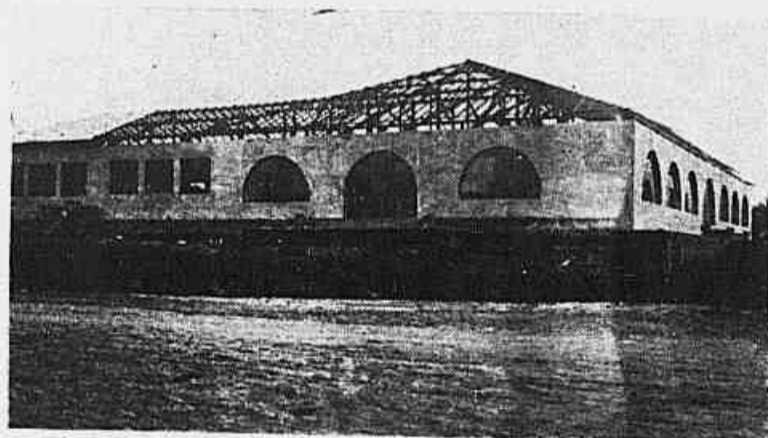
Ao mesmo tempo que cuida do melhor estado de higidez do acreano, toma o govêrno tôdas as providências para elevar o seu gráu de cultura, através da educação sob todos os aspectos, empreendendo a realização de um programa político-educacional bem delineado. A alfabetização do povo está sendo atacada, valendo-se de todos os meios. O ensino primário está sendo orientado por técnicos competentes e já se pode, com prazer, verificar a curva da sua evolução promissora, para o que foi aumentado o número de professores e construídas novas escolas. Nesse importante setor, a Legião Brasileira de Assistência também coiabora de modo efetivo e decisivo.



**Grupo escolar em construção**

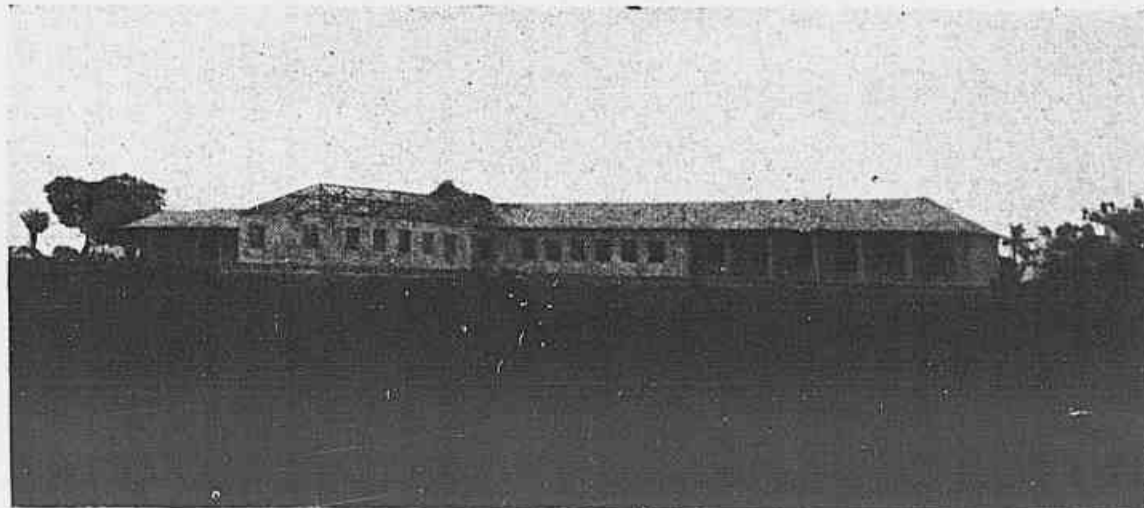


**Grupo escolar em construção**



**Outro grupo escolar em construção**

**Hospital para psicopatas, em construção em Rio Branco.**





Rebanho bovino da Fazenda "Sobral"

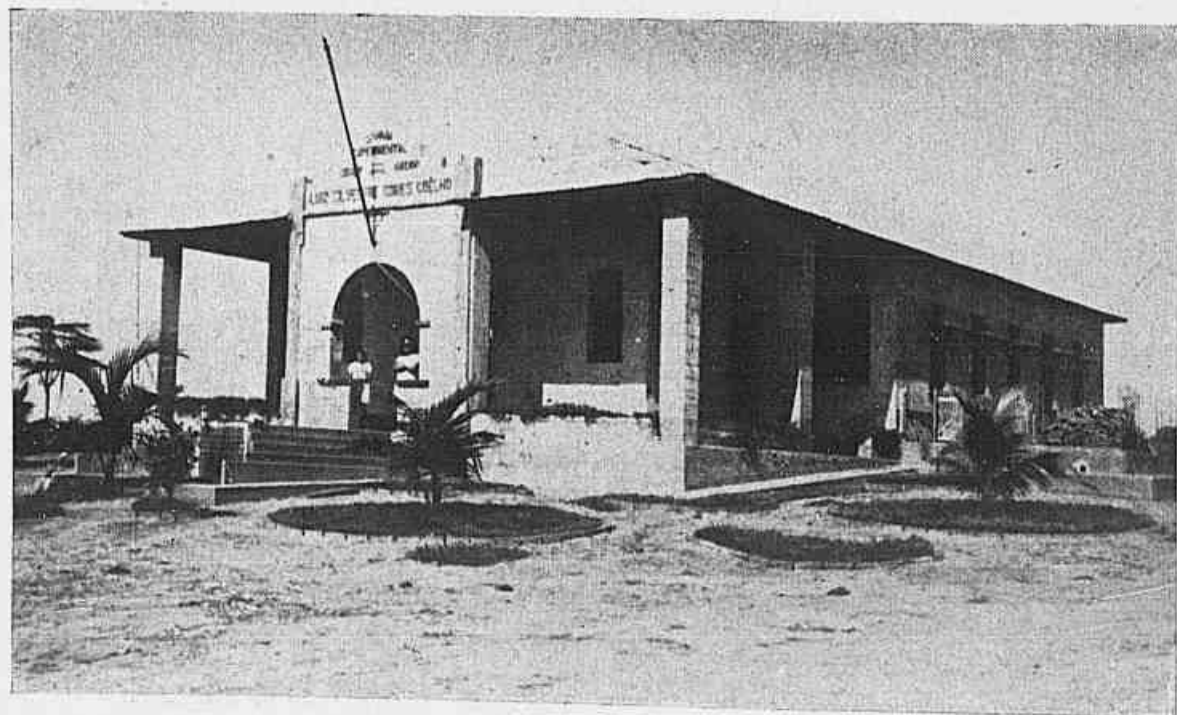


Rebanho ovino da Fazenda "Sobral", do Departamento da Produção.



Quimocultura da granja "Cel. Silvestre Gomes Coelho"

Séde da Granja Experimental "Governador Luiz Silvestre Gomes Coelho".



Dentro do currículo adotado, foram criados um jardim de infância, uma colônia de férias e o Ginásio Feminino Coração de Maria. E' pensamento do governo fundar, em cada município, escolas normais rurais, com o fito de elevar o nível cultural dos professores primários, recrutados com muita dificuldade naquelas longínquas paragens. Atualmente já funcionam estabelecimentos desse tipo em **Rio Branco** e **Xapurí**.

Merecem citadas com destaque outras obras meritórias, que servirão para perpetuar, no coração do povo acreano, o governo Silvestre Coelho. Refiro-me à reorganização do Ginásio Acreano, de ensino secundário, à fundação da Escola Técnica Acreana de Comércio e do Teatro Escola. Foi feita verdadeira magia para dotar êsses estabelecimentos de ensino com professores competentes, respeitada a atual legislação do ensino que não permite acumulações no magistério. Mesmo assim, tudo funciona a contento.

Há espalhados por todo o Território 128 grupos escolares servidos por 187 professores e abrigando quase 6.000 crianças. Atestando, ainda, o grau de progresso cultural, foi adquirido moderno material para o funcionamento da imprensa oficial e já se acha irradiando, satisfatoriamente, uma estação rádio-emissora. Por tudo isso, fácil é concluir que o setor cultural foi integralmente assistido pelo governo, que pôs em prática todos os processos modernos ao alcance daqueles que sabem zelar pelo bem-estar e pelo desenvolvimento do povo.

Quando viajei pelo Acre, varei de **Sena Madureira** para **Rio Branco** através um tortuoso varadouro, dispendendo doze dias para vingar a distância de 208 km, o qual na carta do Acre figurava com o título pomposo: "Estrada de Automóvel Engenheiro Lobão". Por essa intrincada picada, de vez em vez, atravessava uma boiada destinada à alimentação dos habitantes do **Iaco** e **Alto Purús**. Esse gado vinha da **Bolívia**, fazendo penosa viagem, cujo início, em terras brasileiras, era a nossa fronteira no **Abunã**. O coronel Silvestre, pensando em proporcionar melhor alimentação ao seu povo, incrementou a pecuária, ao mesmo passo que iniciou a abertura de estradas, com aceitáveis características técnicas: uma para o **Abunã** e outra para **Sena Madureira**, entroncando-se as duas em **Rio Branco**.

O gado continuará a chegar ao Acre, não só para ser abatido, mas sim para fomentar a pecuária nos belíssi-

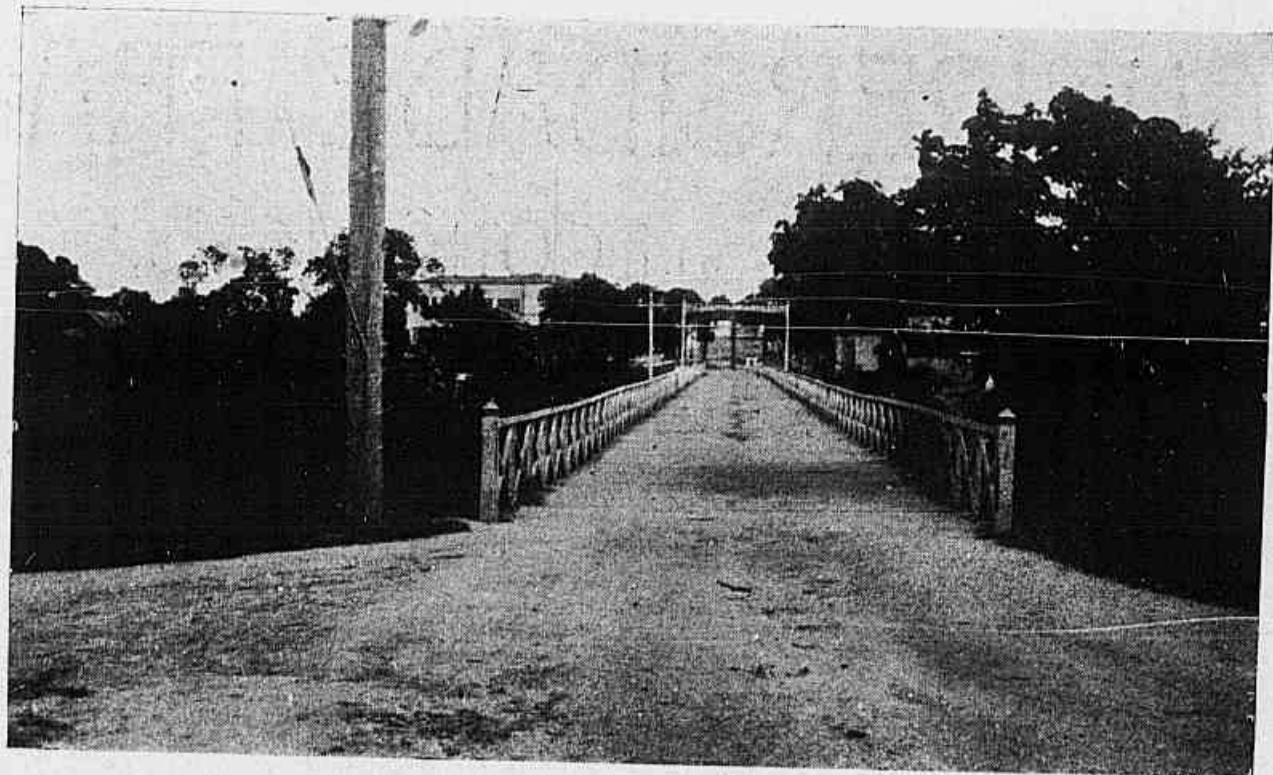
Vista dos parques agrícolas da granja "Cel. Luiz Silvestre Gomes Coelho".



mos campos de Esperança, dos Palmares e de outros existentes nas adjacências da capital. Além do gado vacum, foi intensificada a criação de porcos, carneiros, galinhas e patos. Surgiram granjas experimentais, parques avícolas, pocilgas modelares, . . . Concomitantemente, foi intensificada a agricultura, porque melhor fosse a alimentação do povo. Com essa finalidade organizou hortas e distribuiu, à farta, sementes, afim de que a terra acreana bastasse a si própria, limitando ao máximo as importações.

Em que pesem essas formidáveis realizações, o coronel Silvestre não se esqueceu de que na seringa estava a principal fonte de renda do Território. Entrou de corpo e alma na chamada "campanha da borracha" e conseguiu para o Acre a melhor porcentagem de produção.

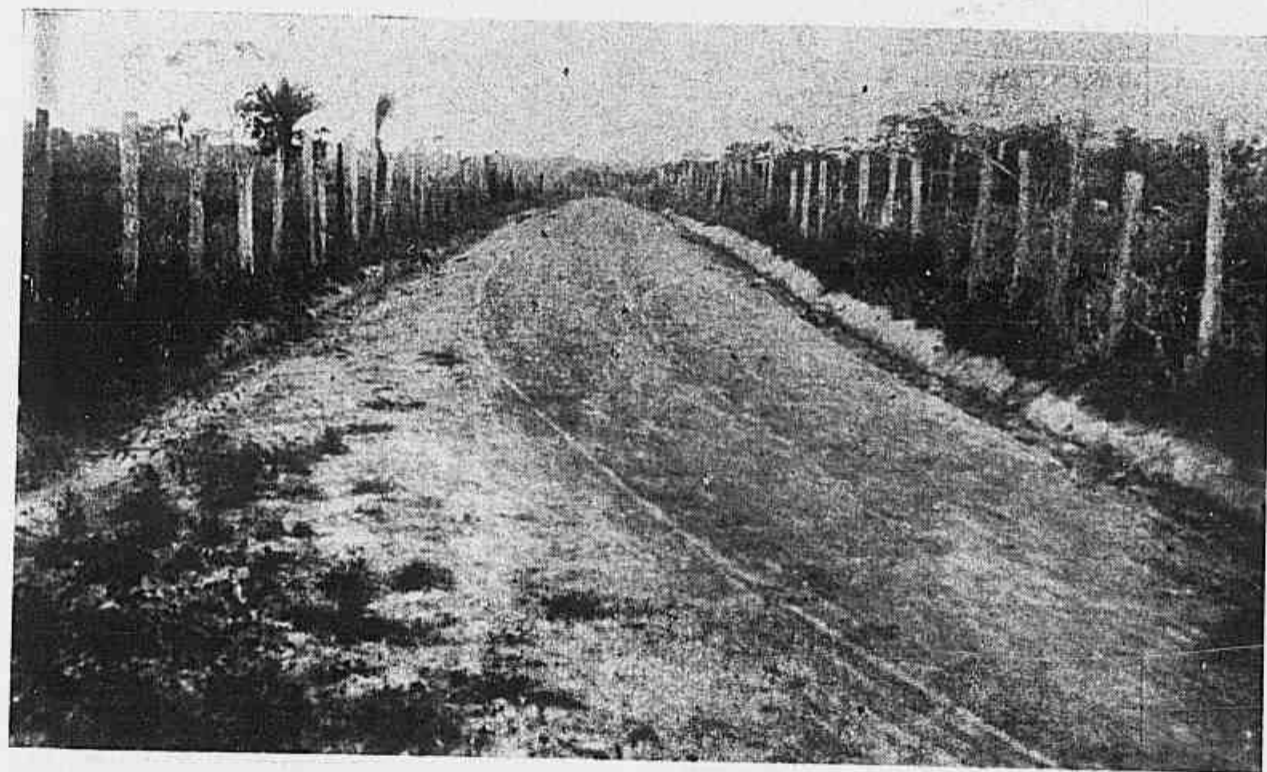
Na parte atinente às obras públicas muita coisa nova foi feita. Ergueram-se hospitais e escolas em todo o Território. Em Rio Branco, foi inaugurado com sucesso um moderno "play-ground", para a alegria da petizada, e o "Bar Municipal", onde se reúne o povo nas tardes agradáveis, para conversar, ouvir música, enfim para socializar-se, afim de que maior seja o sentimento de cooperação. Entre as grandes obras realizadas na capital consta a construção duma ponte com 119 metros de vão e 6



**Ponte "19 de Abril", totalmente construída pela atual administração do Território.**

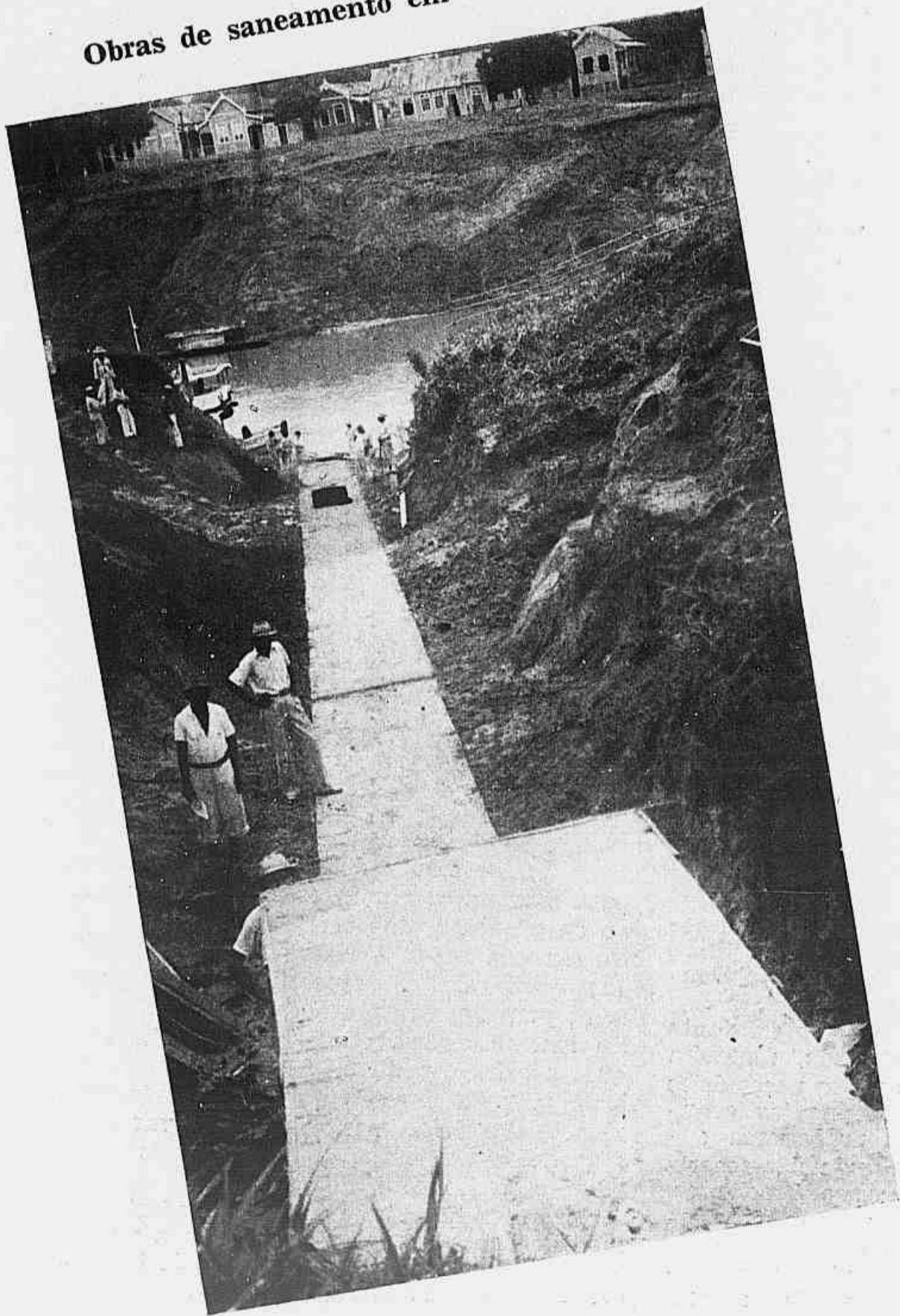


**Estrada Rio Branco — Sena Madureira, construída sob a direção do Departamento de Produção.**



**Trêcho da estrada do Abunã**

**Obras de saneamento em Rio Branco**



metros de via, substituindo um a outra, cujas condições de tráfego já não apresentavam garantias.

Muito ainda tínhamos a dizer a respeito do que vai pelo Acre, sob a direção fecunda do seu governador, Cel. Lulz Silvestre Gomes Coelho. Mas uma cousa deve ser afirmada, como uma das suas grandes realizações, como prova real de sua habilidade — a família acreana está unida e pronta a coadjuvá-lo em tudo que êle imagine em levar avante, para felicidade daquele povo heróico que tem por patrono Rio Branco e Plácido de Castro.

# UNIVERSIDADE FRANCISCO MATARAZZO

## DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, COMERCIAIS E ADMINISTRATIVAS

**A FAMÍLIA MATARAZZO, NESTES DOIS ÚLTIMOS ANOS, DESTINOU  
A OBRAS DE CARÁTER SOCIAL, CERCA DE CR\$ 40.000.000,00**

**A** CABÁ o Conde Francisco Matarazzo Junior, eminente brasileiro e grande industrial, que hoje dirige o maior parque industrial da América do Sul, de fazer a mais vultosa, a mais significativa, a mais notável doação realizada para o bem público das que registram os nossos anais e os de perto e de longe do nosso país. Doou um prédio, a ser construído em São Paulo, no valor de vinte milhões de cruzeiros, conforme escritura lavrada no Rio de Janeiro, em fins de Maio do corrente ano, à Fundação "Getúlio Vargas", recentemente organizada com os objetivos de estudar e resolver os problemas da organização racional do Trabalho, para aquela Fundação néle manter uma universidade de ensino de caráter científico de Ciências Econômicas, Comerciais e Administrativas, a que aquela deu o nome de Francisco Matarazzo, em homenagem ao saudoso "leader" da indústria nacional, que foi o pai do doador.

De há muito que o Conde Francisco Matarazzo Junior cogitava de dotar o país de uma instituição de ensino, com caráter científico, de Ciências Econômicas Comerciais e Administrativas, na realização de uma idéia, que partira do seu pai, o Conde Francisco Matarazzo, cujo espírito dedicado à emanci-

pação industrial do Brasil, em vários ramos, ao mesmo tempo que cuidava dos pobres, — levantando casas de saúde, quais as "Francisco Matarazzo" e "Ermelino Matarazzo", anexas ao Hospital Nossa Senhora Aparecida, em São Paulo, cujos rendimentos se destinam a esse Hospital, "para que o preço da saúde dos ricos reverta em favor da saúde dos pobres", — sentira êle, como hoje todos sentem, a necessidade imperiosa, cada vez mais premente, de elementos especificadamente preparados para a administração pública e privada, — diretores e funcionários administrativos de entidades superiores, diretores e funcionários administrativos de empresas particulares, chefes de seção das empresas de todo o gênero, mestres e estudiosos das disciplinas econômicas e administrativas azendeas, livres profissionais nessas ciências, aspirantes às carreiras diplomáticas e consulares com especialidade econômica, estatísticos, atuários, revisores e outros especialistas em particulares naquelas atividades econômicas e administrativas.

Continuou o Conde Francisco Matarazzo Junior a se preocupar com a solução desse problema, até que, surgindo agora, a Fundação "Getúlio Vargas", com finalidades muito próximas às expostas, embora mais amplas, êle, doador, à mesma aderiu, realizando-se a sua participação nesse notável empreendimento, acolhido com entusiasmo nos meios culturais do país, por uma doação de bens e por uma contribuição em dinheiro, — a doação, com encargo, do edifício, a ser construído pelo doador, à sua custa e sob sua administração, no valor aproximado de vinte milhões de cruzeiros, inclusive instalações, decorações, biblioteca e obras de ajardinamento, em São Paulo, afim de néle a doação manter a estabilidade de ensino superior; — a contribuição anual, em dinheiro, da importância de quinhentos mil cruzeiros, durante os cinco primeiros anos de funcionamento da Universidade, afim de que a Fundação, que dará ensino de excelente qualidade, disponha de meios necessários para engajar grandes professores europeus, norte-americanos e brasileiros, que para aquêle centro de estudos tragam toda a contribuição da ciência

moderna na formação daqueles elementos humanos, de que o país necessita.

O edifício constará de três partes: o portico duplo ligado à entrada, o edifício propriamente dito (composto de um pavimento pela metade no sub-solo, um andar acima do nível terreo e dois andares superiores e de um parcial andar ático) e o Salão Nobre perfeitamente ligado ao edifício, mas formado por quase um sub-solo e por um único pavimento acima do nível, de grande altura.

A estética obedece às proporções do conjunto e às relações entre a parte construída e a não edificada, sendo a fachada muito simples, previsto que sejam revestidas de pedraltalhada.

O acesso do edifício é feito pela entrada principal e por outras duas laterais, dispostas correspondentemente às arcadas que formam a ala à praça fronteira ao Palácio. As três entradas dão para amplíssimo vestibulo, para o qual convergem as entradas das salas de representação, isto é: Biblioteca, Sala da Direção, os Salões de Recepção e o Salão de Honra.

O Salão de Honra ocupa o principal lugar de frente ao vestibulo, podendo comportar 400 pessoas na platéia e outras 200 em dois amplos balcões laterais. Dispõe também de duas galerias de acesso, com guarda-roupas e toiletes. As saídas de emergência permitem rápido escoamento das pessoas.

A Biblioteca, localizada à esquerda do vestibulo, é constituída pela grande galeria de acesso, com seguimento da sala de entregas (com transportadores e pequenas escadas em comunicações com as do depósito inferior), as salas de leitura, guarda-roupa e toiletes. À direita do vestibulo se encontram as salas destinadas à Direção, que ocupa uma área igual àquela da Biblioteca. Também no vestibulo existe acesso para mais dois salões de representação e a portaria.

Dois grandes escadas saem do vestibulo e levam aos andares superiores. Duas escadas de menor importância, em contacto direto com as entradas laterais, levam ambas a um espaço livre e servem ao depósito da Biblioteca e ao arquivo do Instituto.

Além do andar sobre o nível do solo, o edifício consta de outros dois andares e de um andar ático. No primeiro andar, estão situadas quatro salas de aula, com os locais anexos; na parte central, do lado da fachada, estão os locais para o Diretor e para os Professores. Na parte posterior, separados do ambiente de estudo pelo vestibulo, estão colocados os escritórios necessários ao almoxarifado, secretaria, copiadores, etc.

Cada andar dispõe de espaçosos corredores para estudantes e para escritórios e é servido de grupos de toiletes.

No segunda andar, ficarão os locais para três Institutos com as respectivas aulas e com salas para uso dos professores e assistentes. No mesmo andar, encontra-se ainda uma quarta sala disponível.

No andar ático, estão dispostos locais para ginástica e divertimento. Amplas varandas adjacentes a estas salas tornam mais agradável o conjunto.

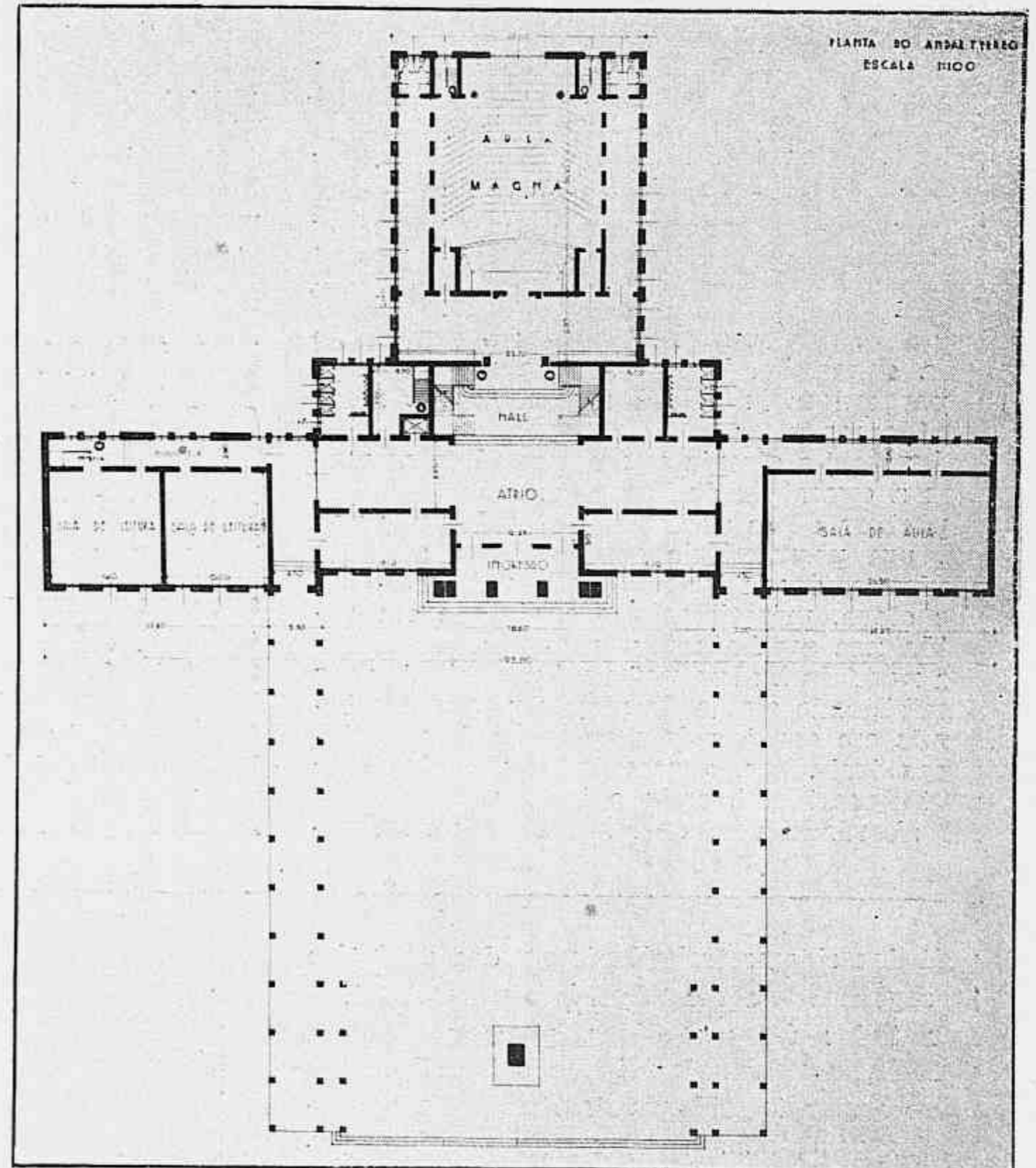
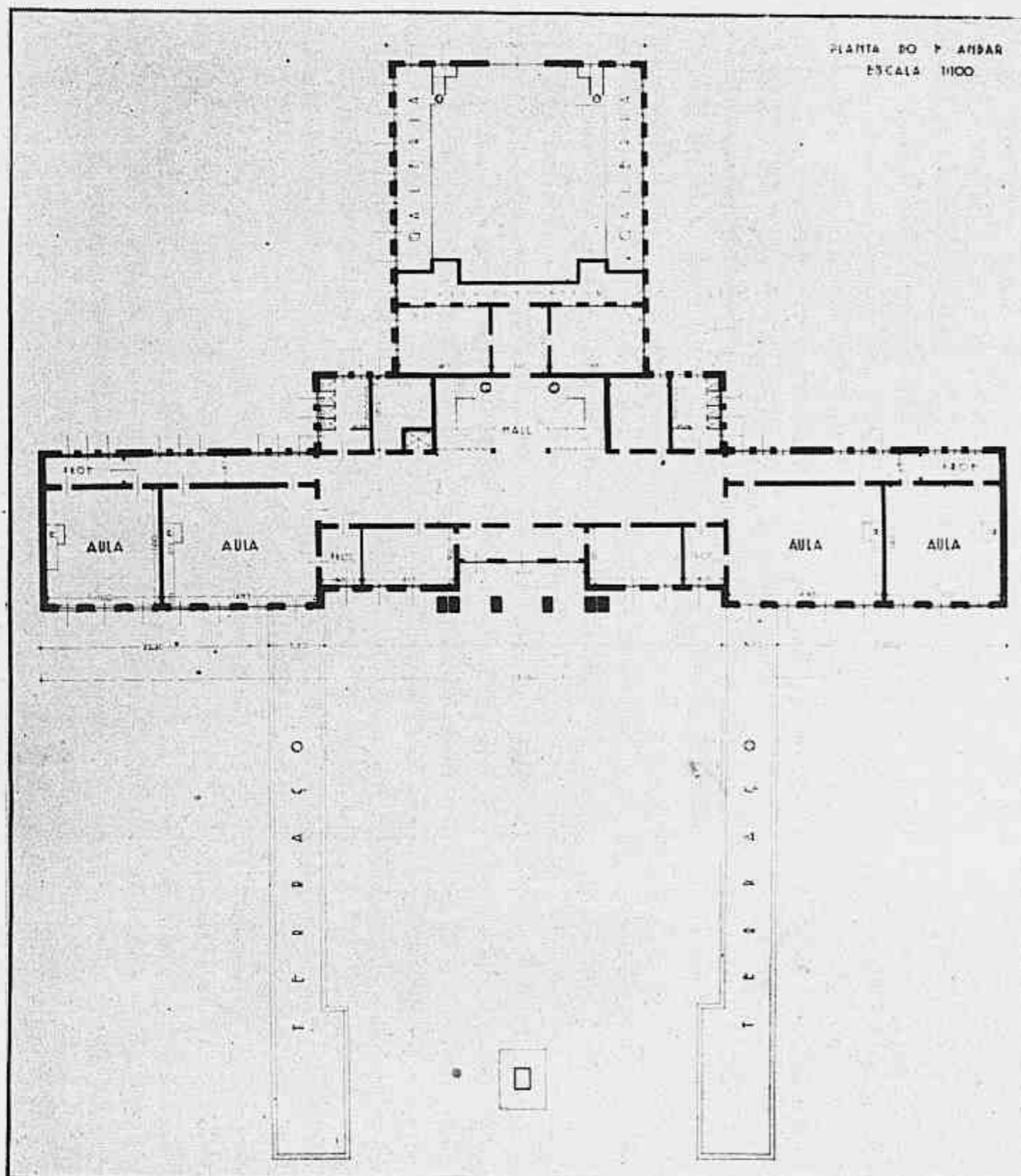
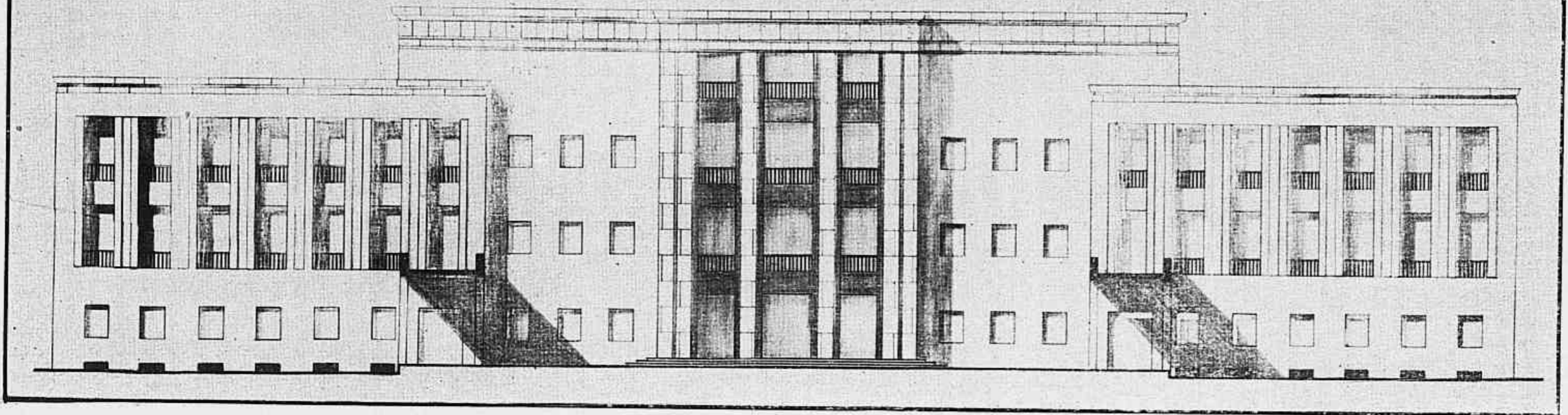
Ficou entendido que as plantas poderão ser modificadas, por mutuo acôrdo, para corresponder às condições da topografia do terreno escolhido, ou aos fins objetivados.



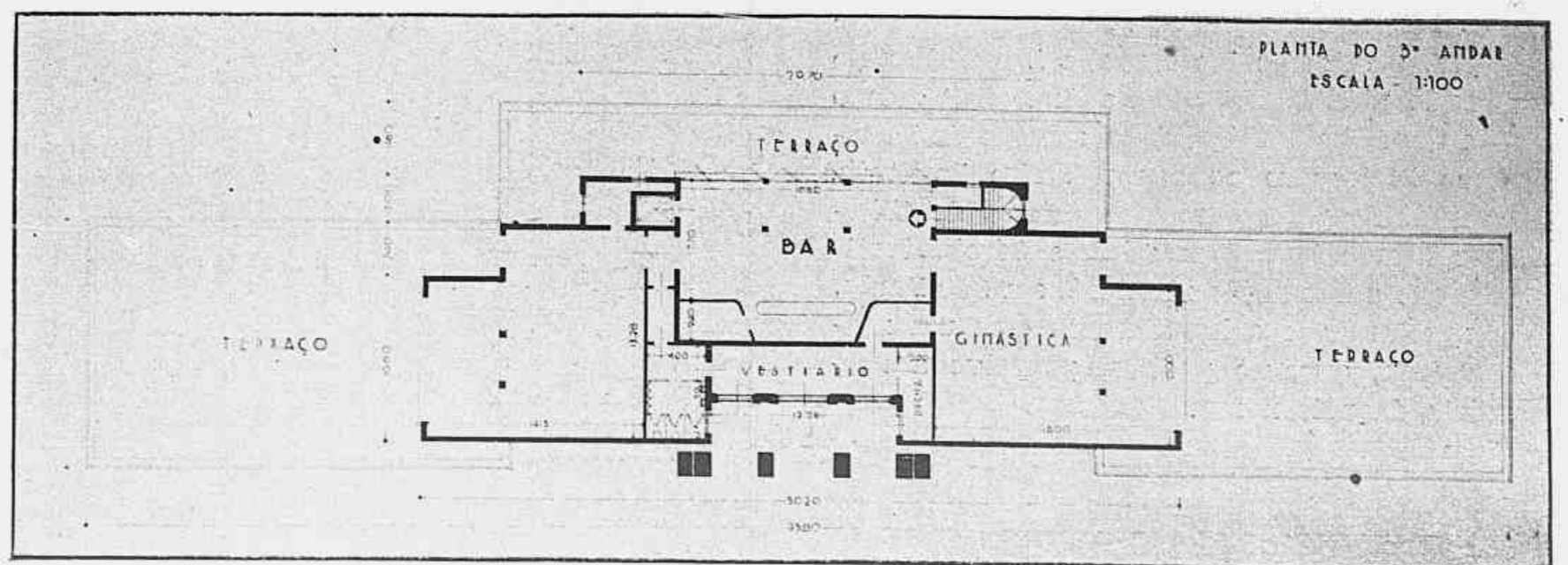
Conde Francisco Matarazzo Junior, a cujo espírito realizador se deve a iniciativa da grandiosa obra educacional.

# PROJÉTO DA UNIVERSIDADE CONDE FRANCISCO MATARAZZO

FACHADA PRINCIPAL  
ESCALA 1:100



Com essa patriótica realização, em consequência a outras de ordem social já realizadas constata-se, que, nêstes últimos dois anos, a Família Matarazzo contribuiu para iniciativas de serviço social com cerca de quarenta milhões de cruzeiros, numa eloquente continuidade da tradição de longa data da benemerência do Conde Francisco Matarazzo, o primeiro sempre e sempre o maior contribuinte espontaneo de tôdas as iniciativas e realizações em



# A Melodia colorida

preensão de conjunto, coisa esta só conseguida por aqueles que são verdadeiramente dotados de harmonia interior! Mais admirável, ainda, se soubessemos que Reynoso é filho da cidade peruana de Arequipa, deitada sobre imenso vale a dois mil metros de altitude, vale este tão diferente na flora e na topografia da vastíssima e misteriosa região amazônica, que foi tão bem sentida pelo artista.

E o pintor que, transplantado de clima e região diferentes, pode tão bem filtrar através de seu temperamento aquilo que o cerca e, mais que tudo, transmitir ao espectador o cenário escolhido para a execução do trabalho, é na verdade um artista que nos merece confiança.

Desde as "manchas" ou estudos aos quadros mais acabados encontramos um sinal que lhe é peculiar: a homogeneidade de "fatura". Homogeneidade que nos faz acreditar ter o artista achado, filtrado o panorama através de sua visão privilegiada, se levarmos em conta que as suas pinturas representam mais um estado emocional de compreensão que na realidade, a tendência acadêmica de pintar fotografando aquilo que nos impressiona.

Além de tudo, a paisagem, já por si, é um gênero difícil, poucos lograram atingir nela a perfeição. Pois não requer apenas conhecer as leis de perspectiva os planos do desenho e o manejo técnico das tintas; é mais que tudo, uma tendência particular. Principalmente como no caso de Reynoso, onde o artista apresenta ao público a paisagem no seu aspecto de vibração de colorido, cada cor fundida a sua semelhante, nuance buscando nuance, os claros e os escuros esbatidos entre si, como se a pintura quizesse nos arrebatá-lo, não só pelo colorido material, mas também pela irradiação de um

conjunto na harmonia do todo, fundido entre si, que nos entrasse pela retina, transformando-se na alma, através de nosso sentimento, numa verdadeira sinfonia policroma. Na verdade, dificilmente uma pintura prende-se tão fortemente ao ângulo musical da natureza. Pelos seus detalhes, parece-nos uma descrição orquestral de notas variadas, mas harmônicas ligadas entre si por um único fato técnico emocional. Cada minúcia, cada detalhe típico, ou local, parece-nos um acorde arrebatado, mas fundido ainda na atmosfera uniforme das cores esbatidas, nas sombras delineadas pelos claros que aparecem intensos e luminosos como notas que nos prendem à melodia da paisagem.

Ao vermos as telas de Reynoso sentimos ao ouvido o sussurar de uma doce música descritiva, tais como aquelas valsas de Strauss que nos pintam na imaginação o "Danúbio Azul" e os "Cantos dos Bosques de Viena"... Reynoso é o músico da cor.

Se Strauss tivesse sido pintor, pintaria como Reynoso.

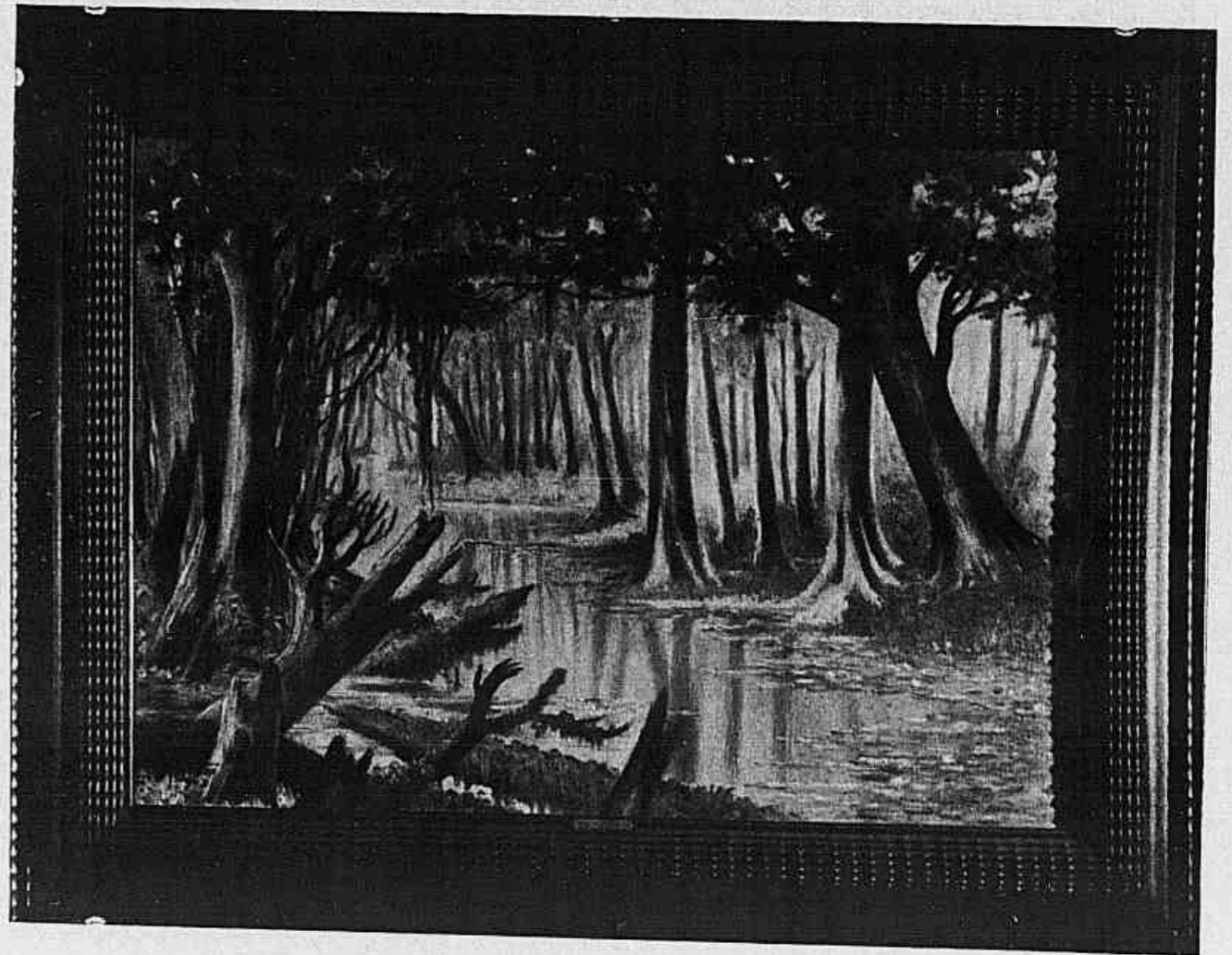
Se Reynoso fosse músico, escreveria músicas como Strauss.



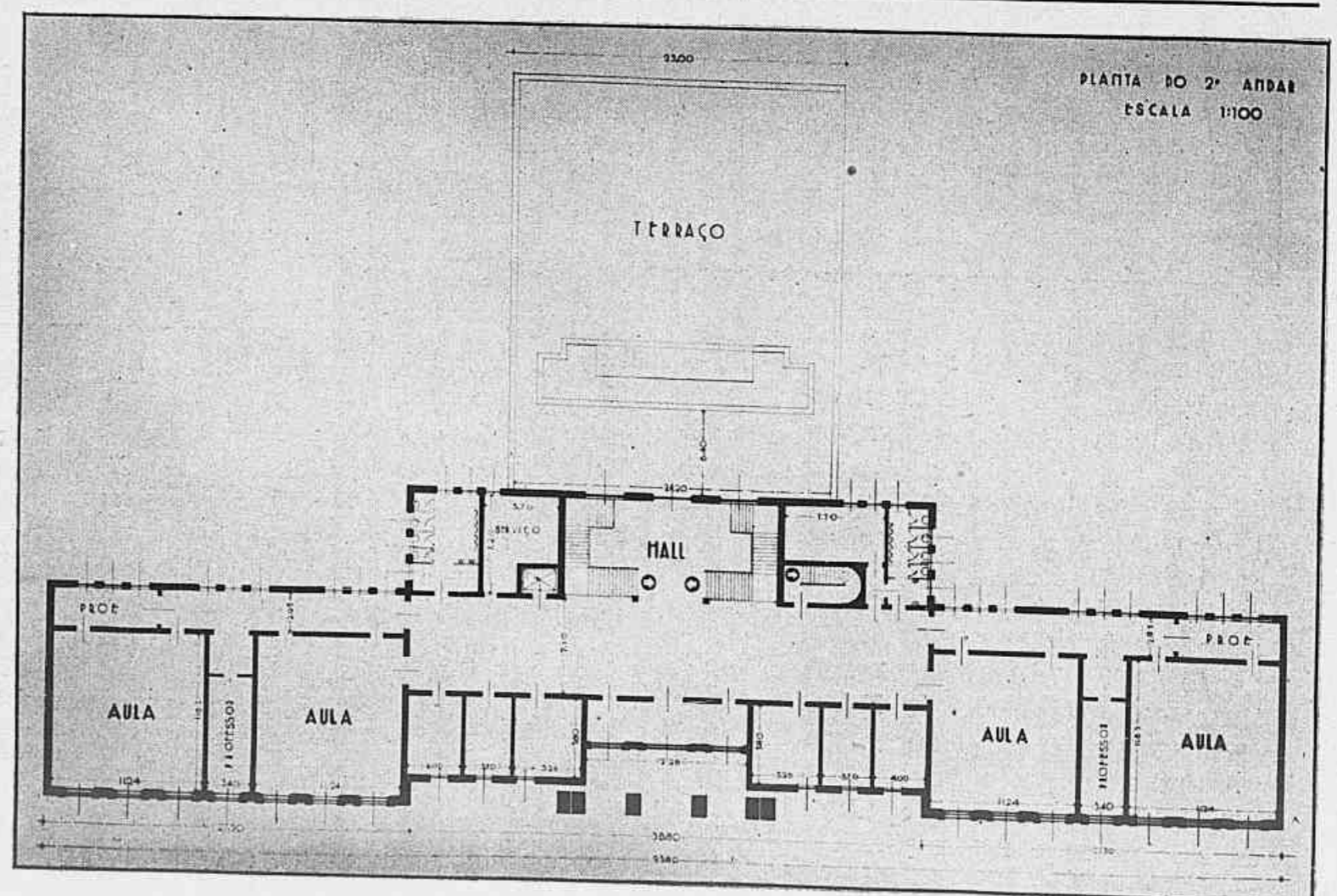
Reynoso

**D**EPOIS que a pintura passou pelo cadinho das Academias, trazidas pelas mãos de artistas eleitos pela natureza para legarem ao mundo ou melhor à humanidade a compreensão formal e plástica do mundo objetivo e subjetivo do homem, a pintura, foi arrastada pelas mãos de pintores medíocres à maioria de criaturas que a levam ao domínio da frivolidade... Por isso, talvez, ao recebermos o convite de uma exposição, já nos assalta uma dúvida, e perguntamos: valerá a pena? Que será? Duvidamos...

Dai, talvez a alegria que nos assaltou ao vermos a exposição de Reynoso. A pintura deste artista é, antes de mais nada, um promontório no ambiente artístico moderno, é um promontório, repito porque nos eleva, primeiramente a alma e em seguida nos arrebatá tecnicamente. Ela nos fala à alma porque é produto de uma sensibilidade aguda de artista, mormente levando em conta a demonstração de seus últimos trabalhos, apresentados recentemente no Palace Hotel, onde o tema "Amazônico" foi abordado com extrema solidez de com-

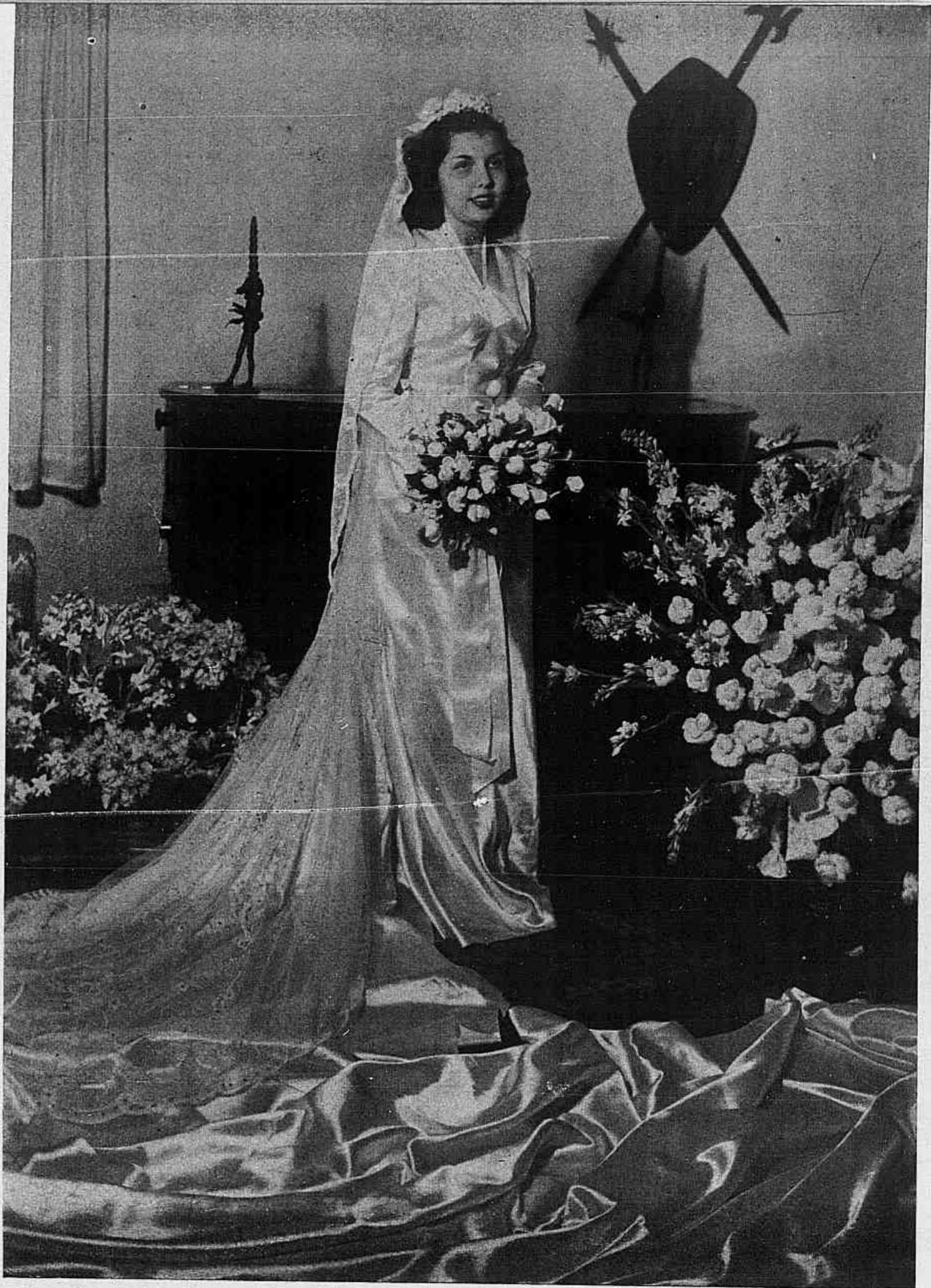
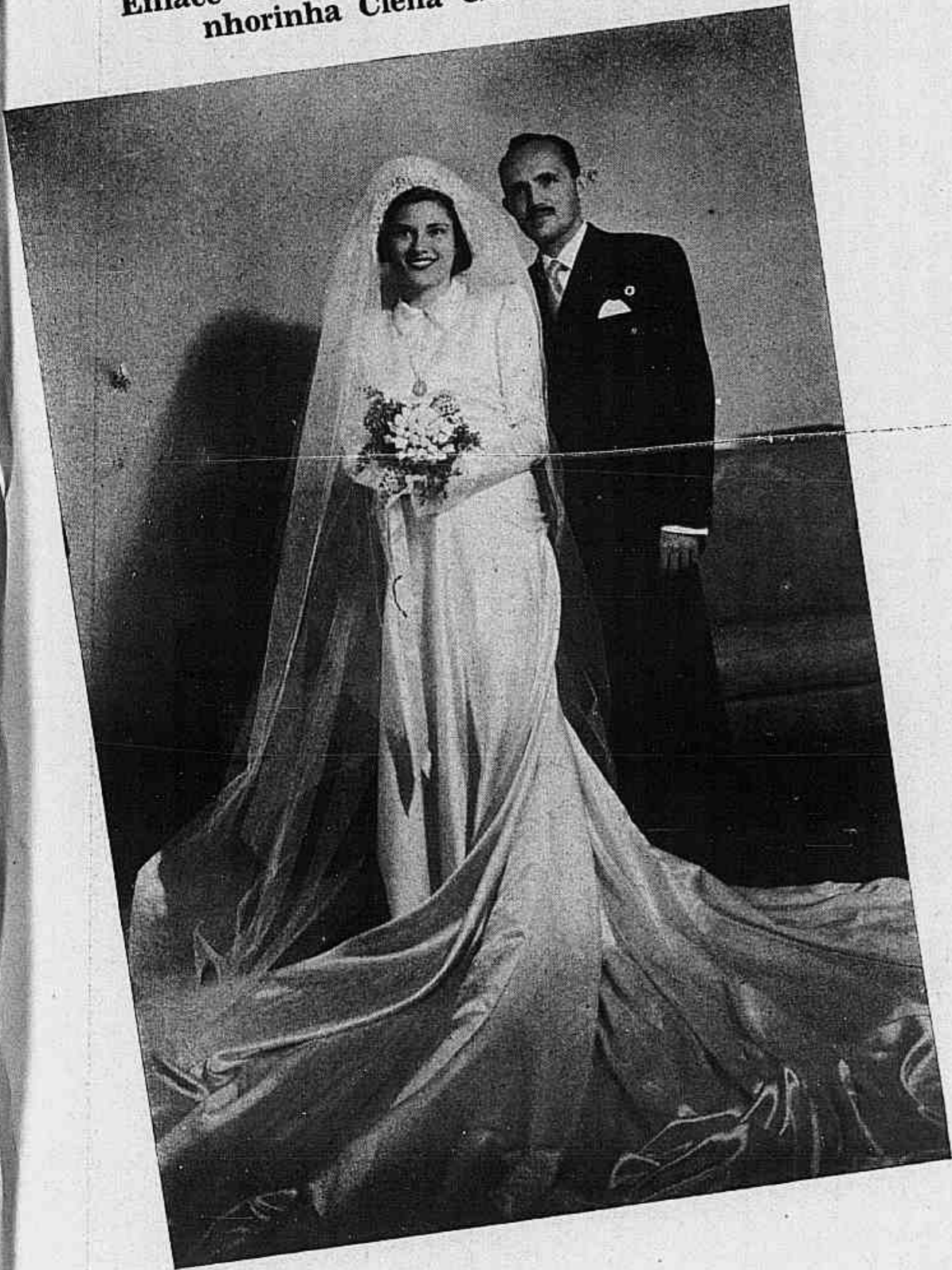


pról das classes trabalhadoras, das quais ele se orgulha de ser o "Operário número 1". Por todos esses motivos, permanentes na consciência nacional, foi que o Dr. Luiz Simões Lopes, Presidente da Fundação "Getulio Vargas", ao aceitar o elevado gesto patriótico do doador Conde Francisco Matarazzo Junior, secundando o ideal da Fundação "Getulio Vargas", comunicou, em nome desta, que, como justo preito à memória do grande pioneiro falecido, e de acordo com o seu Conselho Diretor, dava o nome de Francisco Matarazzo ao seu primeiro Instituto, constituído pelos cursos superiores de Ciências Econômicas, Comerciais e Administrativas, que a Fundação manterá, em São Paulo, completando-se a homenagem com um monumento, que, no portico, perpetue a memória daquele nome.



# Sociedade

Enlace Dr. Alvaro Severo da Costa — Se-  
nhorinha Clelia Guerra Alvariz.



Senhorinha Margarida Mércio, no dia do seu enlace com o  
Sr. Luciano Figueira.

Senhorinhas da nossa sociedade, num flagrante colhido du-  
rante as ultimas corridas realizadas no Jockey Club  
Brasileiro.

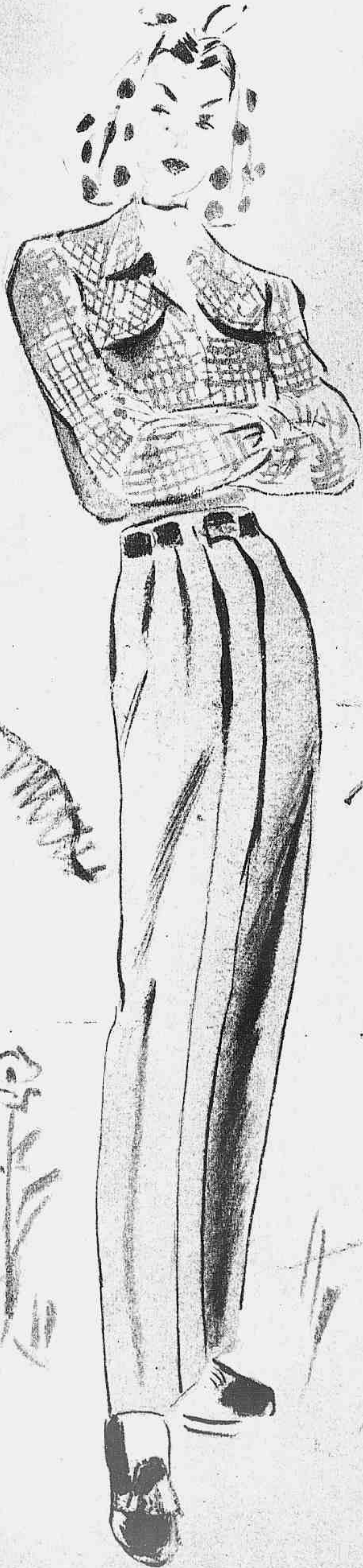


*Elegância*



Reckitt

# Feminina



Para os fins de semana fóra da cidade, "picnics" e viagens, destinam-se estas roupas esportivas.

Curto "manteux" branco feito com sêda impermeavel, monograma bordado na aba do bolso direito.

Conjunto de fina lâ lisa e escocês, casquinho curto, sem góla, "manteaux" três quartos de comprimento.

"Slacks" de tropical ou casemira "marron", blusa amarela e "marron", em quadriculado.

Casaco de flanela branca, blusa listrada, "piqué" na frente e na góla. Saia de flanela com bolsos pospontados.



# Gloria Warren

NA penumbra dourada da "boite" do Posto Seis, no momento em que a alegria e o sonho enfeitam de ternura e encanto as reuniões amigas, seu vulto menineiro surge magnífico de beleza e graça no palco iluminado como um dia de sol. Seus gestos harmoniosos, suas atitudes candidas e simples, recortam no espaço, com a leveza de uma pluma, poemas plásticos de indiscreta e insuspeitada formosura como se uma fada generosa houvesse pousado suas mãos invisíveis afeiçoando-lhe a postura grácil e juvenil. Depois vêm as canções. De sua garganta privilegiada que parece esconder ninhos de rouxinóis, as notas nascem espontâneas e claras, sussurrantes e límpidas como as águas de uma fonte rumorejante da encosta da montanha. Gloria Warren canta e tudo se modifica. Tudo ganha novo sentido e nos sentimos insensivelmente levados no turbilhão sonoro para veredas desconhecidas, refertas de mágicas sugestões. Antes, já o público assistira o deslumbrante desfile das "Grandes Amoras da História". E, como um elo de ouro ligando o bracelete de emoções do "show" do "Atlântico", o "intermezzo" lírico das melodias da "star" norte-americana preludiando a apresentação "Milagre das Lanternas" e de "Fantasia Chinesa". Compreendendo o esforço da direção artística daquele "night-club" e seu desejo de agradá-lo, o público não vem regateando aplausos entusiásticos e sinceros. As fotos ao lado mostram o que tem sido as últimas noites vividas no "music-hall" do Posto Seis.

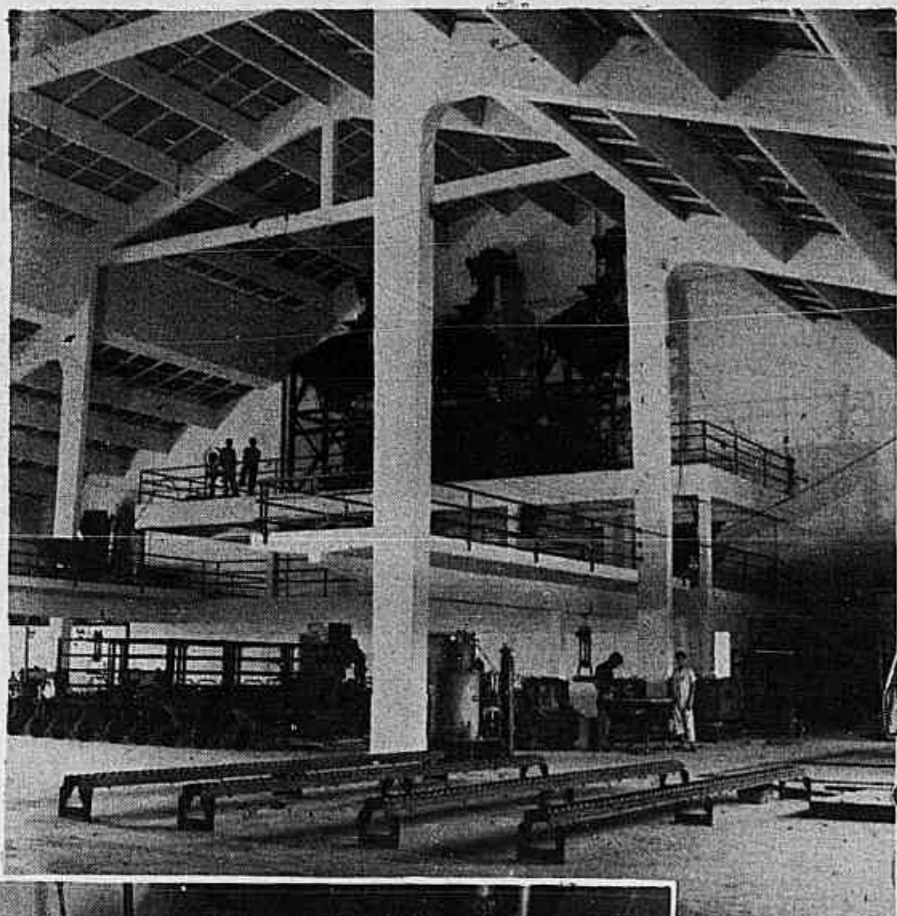


na noite **ATLÂNTICA**



*Amélia  
Dio*

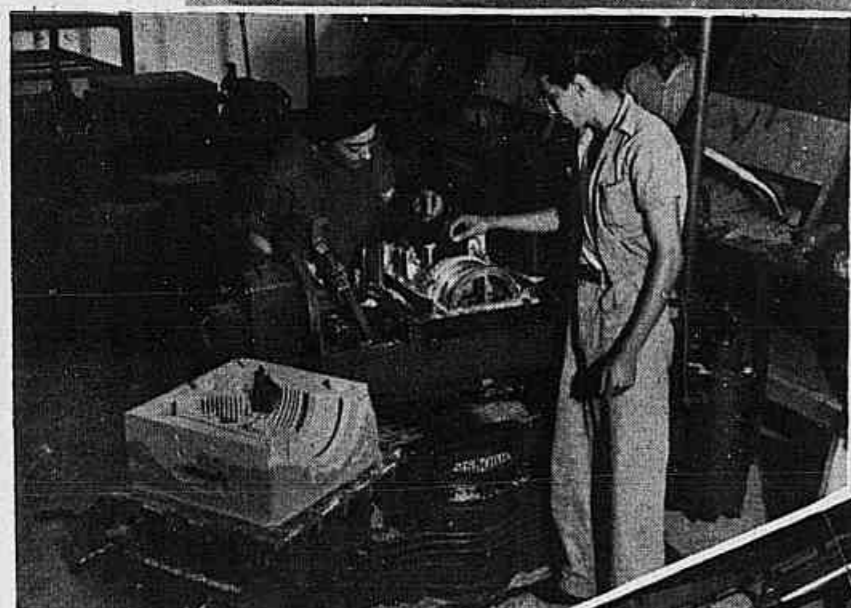
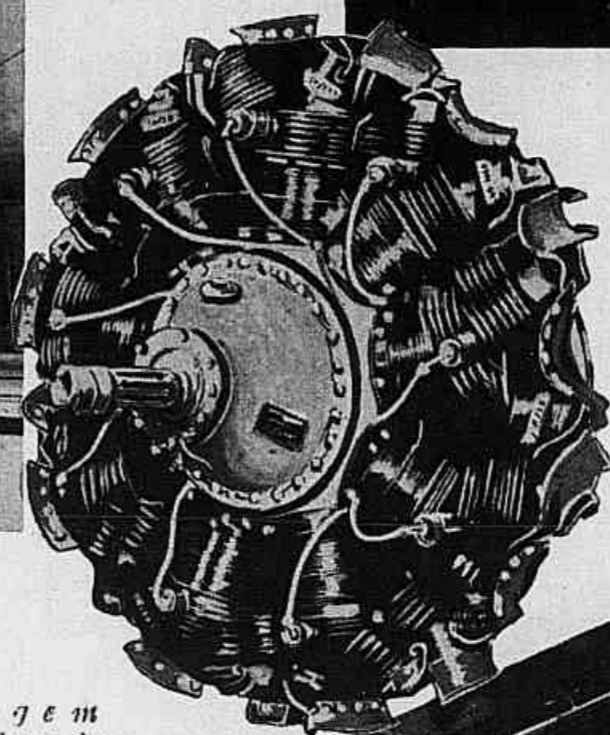
# FABRICA NACIONAL DE MOTORES



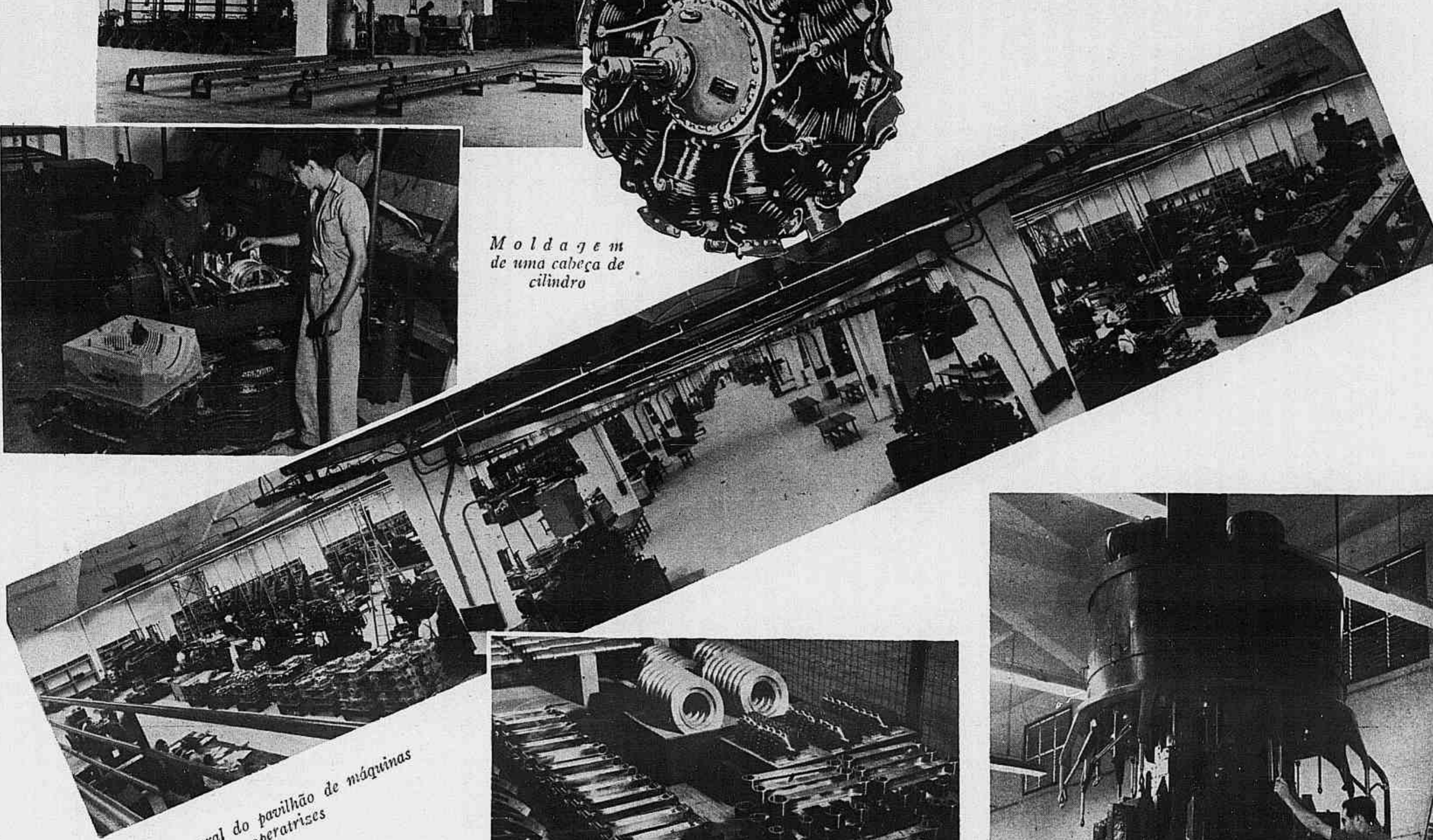
*Vista parcial da fundição*



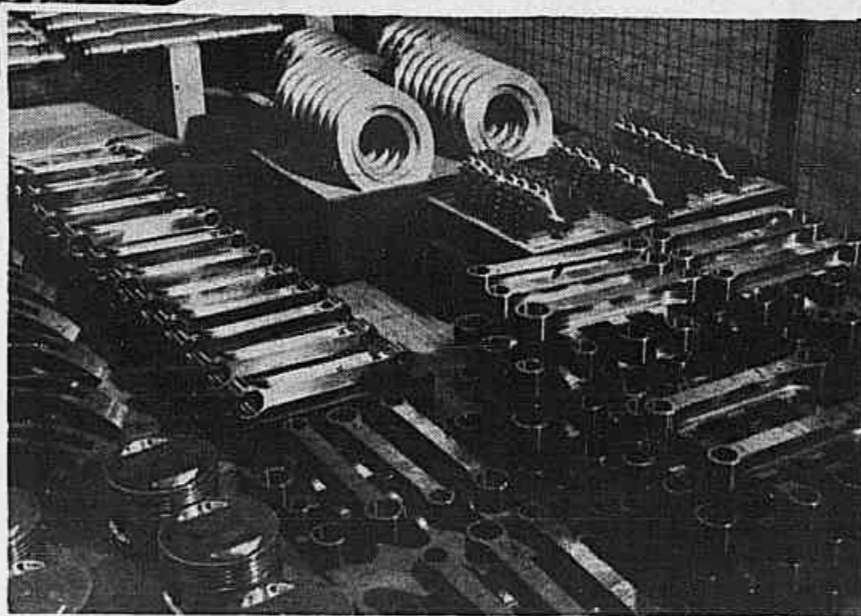
*A Fábrica Vista do hotel dos solteiros*



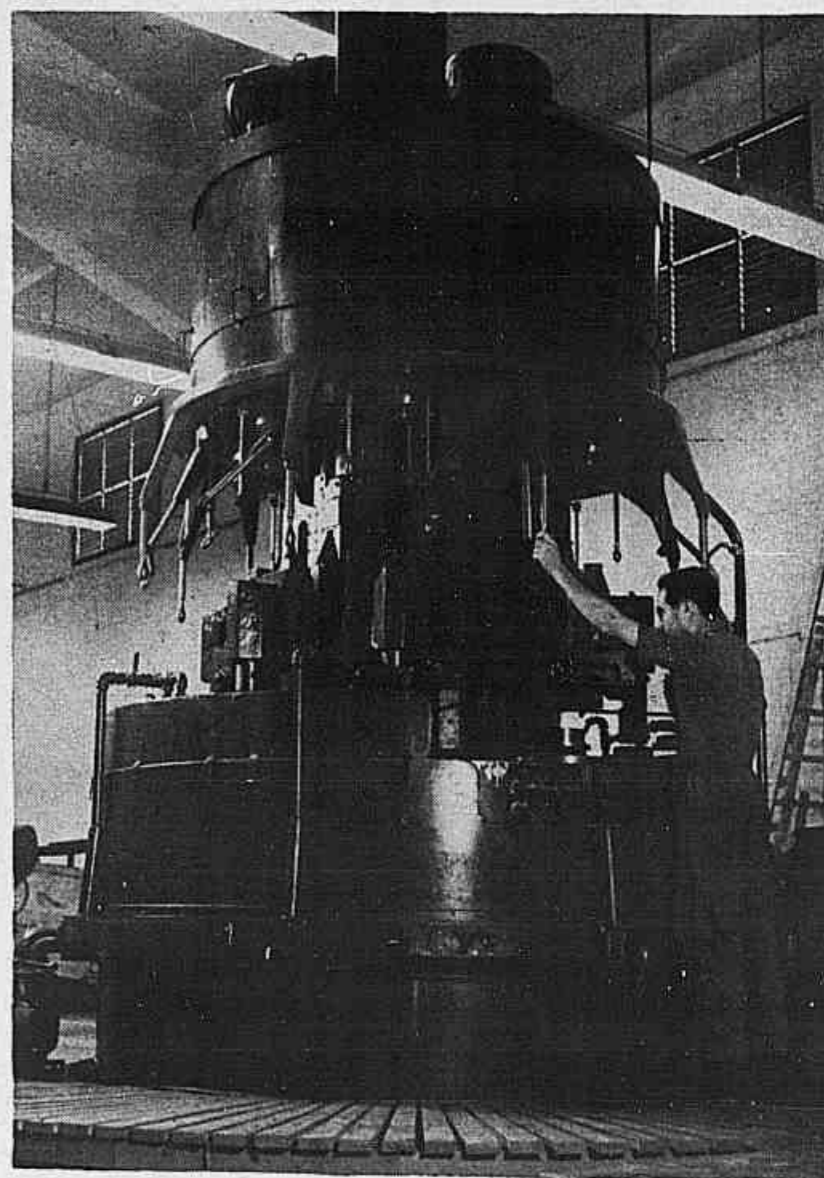
*Moldagem de uma cabeça de cilindro*



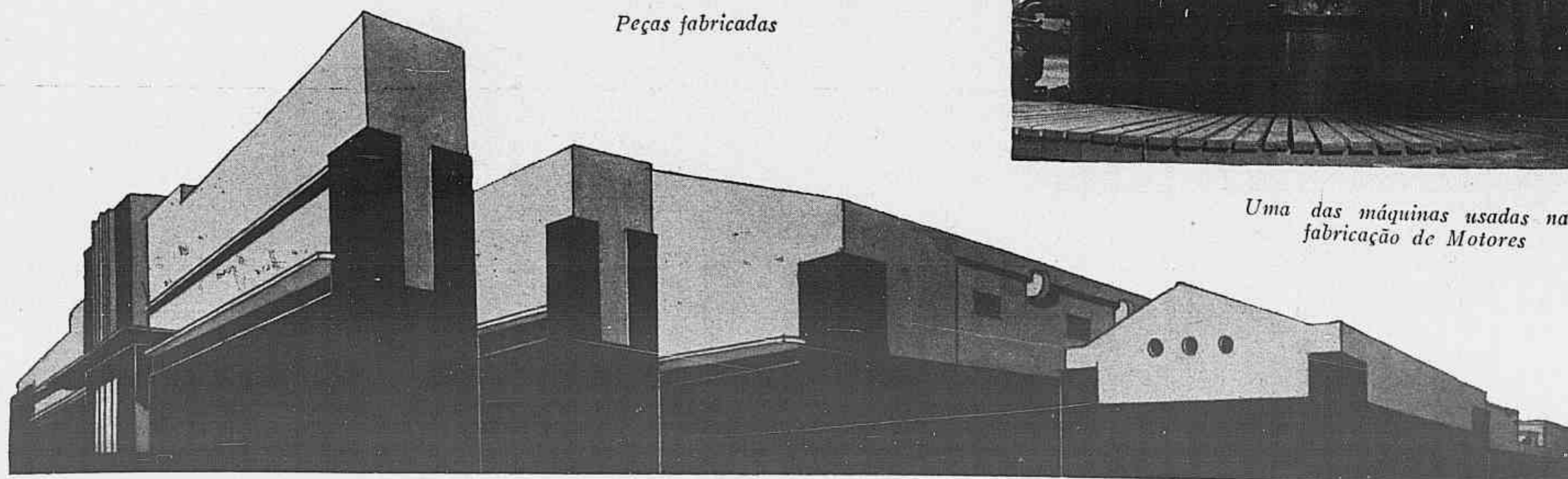
*Vista geral do pavilhão de máquinas operatrizes*



*Peças fabricadas*



*Uma das máquinas usadas na fabricação de Motores*





# O BRASIL ECONOMICO

**EXPORTAÇÃO ASCENSIONAL DO BRASIL DE 1940 A 1944.** — Estamos atravessando o momento culminante da nossa expansão industrial e deveremos tudo fazer, para conservar as nossas indústrias, adaptando-as ao período de paz e as novas necessidades coletivas. De 1940 a 1944, o Brasil exportou mais do que em qualquer outra época. O Brasil teve uma oportunidade excepcional, durante o conflito europeu para a exportação lucrativa e em escala ascensional de artigos manufaturados. É verdade que antes da guerra esses produtos figuravam em caráter permanente em nosso escambo de mercadorias com os países estrangeiros. Contribuíam eles, é exato que em pequenas proporções, para a vigorização da economia exportadora da nação. Irrompida a guerra, e afastados principalmente dos centros consumidores sul-americanos, os principais países vendedores de artigos manufaturados á clientela mundial, tais como a Inglaterra, o Japão, os povos da Europa ocidental, e até mesmo os Estados Unidos, convertemo-nos inesperadamente em fornecedores quase que obrigatórios de um sem numero de produtos industriais, sobretudo para as nações consumidoras da America do Sul. Que soubemos tirar partido desse estado de coisas, não resta a menor duvida. O Brasil registrou, de 1940 a 1944, um progresso sem precedentes em sua historia economica no que quiz respeito ás suas remessas de manufaturas para o exterior. É o que se deduz do quadro seguinte, em que apresentamos o valor dessa corrente exportadora antes e depois da conflagração:

	Cruzeiros
1937 .....	25.206.000
1938 .....	18.040.000
1939 .....	47.554.000
1940 .....	129.802.000
1941 .....	369.091.000
1942 .....	1.118.614.000
1943 .....	1.717.840.000
1944 .....	1.597.800.000

Jamais no decurso de nossa vida como nação soberana colocamos nos mercados de consumo de produtos industriais um volume e um valor tão elevado de artigos, como no trienio 1942-44. As manufaturas passaram, destarte, a desempenhar um papel de relevo em nossa moldura exportadora. Prova-o a relação abaixo, atinente á contribuição percentual de cada classe de produtos em nossa balança exportadora nos anos de 1940 e de 1944:

	%	
	1940	1944
Materias primas .....	10,40	36,32
Generos alimentícios .....	54,20	48,78
Manufaturas .....	2,61	14,90

**A ELETRIFICAÇÃO DO BRASIL** — Chegou o momento de eletricarmos todo o Brasil, não sómente as estradas de ferro, como também todas as nossas indústrias. Si dependermos do carvão mineral e do petroleo, ficaremos eternamente na dependencia do combustível estrangeiro. E as nossas indústrias não poderão nunca concorrer com as fabricas norte-americanas e europeas. O futuro do Brasil, está nos seus imensos recursos hidro-elétricos. Os gigantescos mananciais Brasileiros de força hidro-elétrica contrastam visivelmente com os exíguos suprimentos de carvão e com as reservas petrolíferas, cujo volume não é ainda conhecido. Embora ocupando o sexto lugar entre as nações do mundo com maior potencial hidro-elétrico (19.500.000 H. P. — dos quais apenas 3 por cento são aproveitados, presentemente), o Brasil coloca-se em 20º lugar, relativamente ao consumo de força elétrica, para os diversos serviços municipais e fins industriais. Ao transformar a água em fonte principal de força o Brasil está seguindo a orientação adotada presentemente em outros países (Itália, França e Japão, por

exemplo), onde os suprimentos de carvão ou petróleo não são suficientes para atender ás necessidades, mesmo em situações normais. O programa do Brasil de desenvolvimento e utilização da água, com o propósito de fornecer energia mais barata para a indústria, é de grande visão e seu alcance é o maior já anunciado em todas as repúblicas latino-americanas. Um programa de após-guerra, de desenvolvimentos elétrico em 10 zonas do Brasil, foi esboçado num recente relatório da Comissão Nacional Brasileira de Desenvolvimento Inter-Americano á Comissão de Desenvolvimento Inter-Americano, em Washington. Na crença de que o progresso econômico do Brasil está intimamente ligado á utilização de seus recursos hidro-elétricos, considera-se essencial uma ação de caráter imediato nesses projetos. Os projetos mais gigantescos são os da construção de séries de represas no rio São Francisco, o qual tem uma extensão de 2.800 quilômetros, aproximadamente. A represa principal seria localizada na Cachoeira de Paulo Afonso, entre os Estados de Alagoas e Bahia. Anuncia-se que mais de meio milhão de H. P. pode ser produzido por este grande rio, o qual irrigará um vale de 650.000 km quadrados, rico em recursos minerais e agrícolas. A cerca de 270 km de embocadura do rio, acha-se situada Cachoeira de Paulo Afonso, com uma queda de 80 metros, aproximadamente. Perto da cidade de Itaparica há outra queda e em outros lugares, rio acima nas proximidades de Joazeiro e Pirapora, existem também, outras cachoeiras. O governo do Brasil prevê um desenvolvimento de força nesse rio, similar ao trabalho executado pela Comissão do Vale do Tennessee (Tennessee Valley Authority — TVA), nos Estados Unidos. Instalações elétricas e fazendas experimentais no vale do Tennessee foram estudadas detalhadamente no curso de inspeções levadas a efeito por altos funcionários do governo brasileiro, recentemente. Um dos projetos sugeridos tem em vista o possível desenvolvimento futuro da industria de metais leves, nas imediações de Poços de Caldas, Minas Gerais. Os rios Pardo e Anta, situados nas proximidades, têm grande potencial hidro-elétrico, o qual poderia ser utilizado para o amplo aproveitamento dos depósitos promissores ali existentes de zircônio e bauxita. A ampliação da usina de Ribeirão das Lages no Estado do Rio de Janeiro, para a produção de 40.000 kilowatts adicionais, também está incluída no programa. Outros projetos incluem o aumento de 50.000 kilowatts na produção da Usina de Cubatão, em São Paulo, a qual tem uma capacidade de 1.000.000 H. P., dos quais 300.000 já instalados, e a produção de 20.000 kilowatts, com a construção de uma nova usina hidro-elétrica em Avandava, também no Estado de São Paulo. Ainda outro projeto prevê o desenvolvimento do potencial hidro-elétrico de um ou mais rios no Vale do Rio Doce, para ser utilizada na exploração dos depósitos locais de níquel. A bacia fluvial do Brasil mais rica em força hidro elétrica é a do Paraná, com um potencial calculado em 9.721.000 H. P., ou sejam 49,80% do total da Nação. As cinco quedas com maior potencial são: Salto do Guaira, ou Sete Quedas, na fronteira do Brasil com o Paraguai, no rio Paraná: 1.500.000 H. P. Cachoeira do Urubú-Pongá, no local onde o rio Paraná forma a fronteira entre os Estados de São Paulo e MatoGrosso — 250.000 H. P. Salto de Santa Maria ou Catarata do Iguassú, no rio Iguassú, na fronteira entre o Brasil e a Argentina. (O rio iguassú é afluente do rio Paraná — 340.000 H. P. Cachoeira de Paulo Afonso, no rio São Francisco, entre os estados de Bahia e Alagoas — 440.000 H. P. Cachoeira do Marimbondo, no Rio Grande, entre os Estados de São Paulo e Minas Gerais — 150.000 H. P.

**FRUTICULTURA EUROPEA NA SERRA DO MAR.** — Já é tempo de se traçar um mapa detalhado do clima agrícola do Brasil, nas suas menores variedades, afim de desenvolver a cul-

tura de frutas dos climas frios e temperados. Muitas regiões brasileiras, umas devido ao seu afastamento do litoral, outras em virtude da sua altitude, outras em virtude da sua localização climática especial, adaptam-se ao cultivo de muitas frutas importadas. Proveitosa experiencia, já em franco sucesso, vem sendo executada pelo Ministerio da Agricultura, que já plantou nos ultimos cinco anos, mais de 65 mil videiras em fazendas particulares da Serra do Mar, tendo atualmente enviveiradas, nessas mesmas propriedades, mais de 22 mil. As maiores cooperações estão localizadas nos municípios de Queluz, em São Paulo e Petrópolis, no Estado do Rio, executando tais serviços a Secção de Fruticultura e Plantas Horticolas da Divisão de Fomento da Produção Vegetal. A cultura da videira, naquela região, vem sendo feita nas encostas dos morros, em terraços, obedecendo as curvas de nível. O espaçamento das linhas de pé a pé é de cerca de três metros, enquanto que as distancias entre as curvas de nível variam com a inclinação da encosta, ou seja em função da topografia do terreno. São adotados dois sistemas de plantação: em covas medindo perto de 60 centímetros cúbicos, ou em valas, que é o mais preferido. As espécies cultivadas são a Niagara branca e a rosa, bem como a Moscatel branca. As videiras são plantadas e protegidas com cone de areia de rio até o despertar da vegetação; em seguida, são presas a estacas ou tutores, durante o primeiro ano de vida e nos demais dispostas em arames distendidos sobre moirões de lei. Periodicamente, nas entradas e saídas das águas, realizam-se as capinas, mantendo o terreno apenas roçado de modo a não descobrir muito o solo, afim de evitar a erosão. O combate à saúva é persistente. As videiras recebem pulverizações com calda bordaleza neutra durante o periodo vegetativo. Todas as sepas são caídas com sulfato de ferro e ácido sulfúrico. No inverno, são feitas as podas, variáveis com a idade e o desenvolvimento em lenho das videiras. Praticado dentro dessas normas gerais, a viticultura torna-se uma exploração

**PÓ DE ARROZ**  
**RAINHA DA HUNGRIA**  
 De Mme. Campos  
**FINO ADERENTE E INVISIVEL**  
**Á VENDA EM TODA A PARTE**



**CABELLOS BRANCOS QUÉDA DOS CABELLOS**

**JUVENTUDE ALEXANDRE**

BASTA de TOSSIR!

**BENZOMEL GRANADO**

NAS TOSSES REBELDES E NAS BRONQUITES, É INEGUALÁVEL

econômica, mesmo atualmente com o alto preço dos materiais empregados. Os vicultores estão ampliando suas áreas de plantio, em virtude dos bons resultados obtidos. A Secção de Fruticultura tem prestado aos fazendeiros cooperados a devida assistência técnica, em todas as fases das operações agrícolas, inclusive no tocante à irrigação e adubação orgânica. No Município de Petrópolis, a videira produz, em média, três quilos de excelente uva de mesa, dando três toneladas e meia por hectare, vendendo o agricultor cada quilo por dois cruzeiros, no pé. No comércio comum esse preço sobe para oito e dez cruzeiros, enquanto que, nos caminhões, a base é mais razoável — cinco a seis cruzeiros — notando-se que, antes da guerra, a uva Niagara, erradamente conhecida como Paulista, era vendida a Cr\$ 2,50 nos caminhões. A Serra do Mar oferece grandes possibilidades para a fruticultura européia. Milhares de hectares podem ser ali aproveitados, o que permitiria o suprimento de uvas de mesa e de outras frutas de clima temperado às populações de grande parte do Brasil. Esse trabalho já realizado pela Secção de Fruticultura vale como um exemplo para os particulares, quanto ao êxito da viticultura, constituindo, por outro lado, uma demonstração do máximo que pode realizar um serviço, com os modestos recursos de que dispõe.

\* \* \*

**ORIENTAÇÃO INDUSTRIAL** — Um técnico norte-americano acabou de afirmar publicamente, que se a guerra terminasse bruscamente no Pacífico, os Estados Unidos se veriam ameaçados de enorme crise de trabalho, pela imediata desmobilização de centenas de milhares de soldados. E o que é verdade para a América do Norte, também é verdade para todos os outros povos, em menor escala. Para evitarmos a queda do nosso progresso manufatureiro, impõe-se desde logo medidas do Governo, para orientar as futuras indústrias. Por-

que é lógico, que muitos artigos agora fabricados terão em breve a concorrência das metalúrgicas norte-americanas. E para resistirmos ao comércio internacional deveremos fundar indústrias baseadas em matérias primas nacionais. É possível evitar o problema do desemprego, após a guerra? U

conhecido técnico inglês, Sir William Beveridge, responde afirmativamente a essa questão. O essencial é que os países interessados no assunto tomem, em tempo oportuno as medidas adequadas. O nível da ocupação é determinado pelo nível do poder aquisitivo. São os gastos do povo que criam o trabalho. Se a ocupação diminui, de mês para mês, isso significa que muitos, por esta ou por aquela razão, estão dispendendo cada vez menos. Se a ocupação cresce, isso quer dizer que se consome mais. Cada processo é acumulativo, define Sir William Beveridge. Se uma pessoa, gastando menos, originou um menor emprego do trabalho humano, outra ganhará menos, pelo que gastará também menos. A ocupação numa proporção de 100 por 100 % ocasionaria uma absorção, contínua e constante, de todas as mercadorias que se produzem, para satisfazer as necessidades. Pode-se gastar dinheiro de muitas maneiras diferentes, seja com aquisição de alimentos, roupas e outros artigos perecíveis, seja com as compras do governo que adquirem elementos para a defesa e para os serviços públicos. Para conseguir-se a ocupação total a soma total desses gastos deve criar a procura de toda a mão de obra e das fontes produtivas da comunidade. Será isso impossível? Não o pode ser, pois acontece sempre que se verifica uma grande guerra. Quando se diz que a abolição da desocupação em massa é impossível, deve-se contestar o fato com o que sucedeu, duas vezes, nos últimos 25 anos, isto é, na guerra passada e na presente. Sir William Beveridge adverte que tal experiência não se limita somente à guerra. O nazismo se libertou de uma grande parte da desocupação, preparando a guerra, desde 1933 até 1939. O governo russo solucionou o problema com a revolução industrial, que beneficiou a eles e aos outros no atual conflito. Nos dois casos, os governos respectivos impuseram, aos seus países, uma tarefa que devia cumprir-se e que requeria todas as energias de seus povos. Quer dizer: gastaram o dinheiro, ou fizeram com que o gastassem, de forma a assegurar o aproveitamento de todo poder humano disponível para essa tarefa. Não existem motivos para que as restrições da liberdade de aceitar ou recusar empregos, para que a segurança das famílias para que o amontoamento dos indivíduos, para que as incertezas oriundas dos acontecimentos bélicos continuem no regime da paz. Devemos lutar pela ocupação total, por uma maior atividade prática, afim de criar mais trabalho e mais poder aquisitivo, — pois sem trabalho não há poder aquisitivo e sem poder aquisitivo desaparece o trabalho.

**CERA KARÚ**

A CERA QUE BRILHA EM SEU ASSOALHO

## Sugestões Artísticas e Conselhos Técnicos GRATUITAMENTE

Para Instalações e Decorações de Apartamentos e Lojas

*Le Décor*

Avenida Copacabana, 887

Tel. 47-1540

## Agencia Brasileira de Patentes e Marcas, Limitada

EDMUNDO DA COSTA MOURA

AGENTE OFICIAL DA PROPRIEDADE INDUSTRIAL

Encarrega-se de obter concessão de Patentes de Invenção, Registro de Marcas de Fábrica ou de Comércio, Títulos de Estabelecimentos, Nome Comercial, aprovação para expôr à venda produtos químicos e farmacêuticos e quaisquer assuntos referentes à Propriedade Industrial, no Brasil e no estrangeiro.

Rua 1.º de Março, 7 — 5.º, Sala 507

Tel. 43-2569

Caixa Postal, 507

Rio de Janeiro

"Vem! a Baía te espera!"



**T I T O G U I Z A R**

o grande astro de "Brasil", o cantor que melhor traduz a alma da nossa América.

## "SONHO DE CIRCO"

continúa empolgando todas as noites com Madeleine Rosay, Wladimir Irman, Mirna Boleno, Filip Cairolí, Campos Babies e todo o corpo de "girls". No quadro "Vem a Baía te espera!..." : Linda Batista, Grande Otelo, Virginia Lane e Margaret Lanthos.

"EL ZORRO", a grande atração comica ! Alvarenga e Ranchinho, os reis dos caipiras !

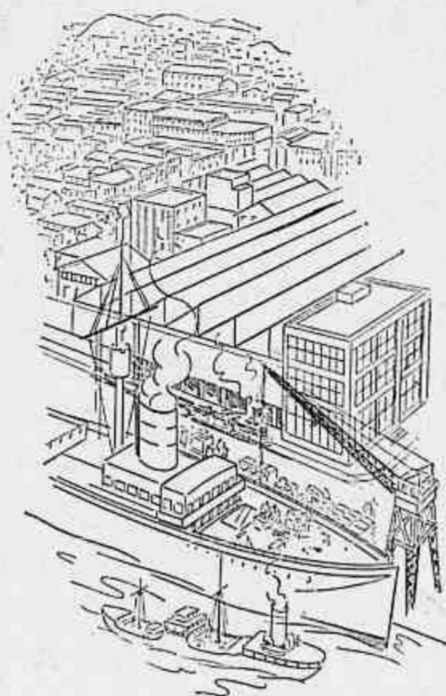


Reserva de mesas  
pelos telefones  
26-5550 e 26-5558

# Em 50 anos ~ uma população quase igual a de Santos foi beneficiada pela Sul America

Entrando no seu 50.º ano de atividade, a Sul America pode orgulhar-se do trabalho já realizado. Fundada para garantir, através do seguro de vida, a tranquilidade do lar e o futuro de seus segurados, a Sul America já pagou, a estes ou a seus herdeiros, uma quantia superior a 650 milhões de cruzeiros. Milhares e milhares de apólices já foram pagas pela Sul America, num prazo médio de 24 horas após o recebimento das provas de falecimento do segurado ou após

o vencimento do seu seguro vital. Isso representa, à média de 5 pessoas por família beneficiada, um serviço valioso prestado a uma população quase igual à do maior pórtio exportador de café em todo o mundo: Santos. Hoje, mais de 180.000 pessoas confiam à Sul America o seu e o futuro dos seus. Faça o mesmo. Um agente da Sul America está à sua disposição para, sem compromisso, mostrar-lhe qual o tipo de seguro mais adequado a seu caso.



**Sul America**  
COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

50 ANOS DE PROTEÇÃO



À FAMÍLIA BRASILEIRA

GRATIS!

A SUL AMERICA - C. POSTAL 371 - RIO  
Quero enviar-me um folheto com informações sobre o seguro. 9-1111-  
Nome .....  
Data do nasc.: dia ..... mês ..... ano .....  
Sol.º ..... Casado? ..... Tem filhos? .....  
Rua .....  
Cidade ..... Estado .....

## O JOÃOZINHO DO BARÃO

(Conclusão)

minha alma, faça o homem comer a banana! Eu quero que ele coma e ele tem de comer, tem de comer! Ai! ai! ai! Seu homem, coma a banana!

O Coronel, constrangido, entalado, continuava a dominar-se com visível esforço. Seu desejo era mandar às favas os barões e o almoço, e retirar-se num assomo de raiva por não poder agarrar o petiz e dar-lhe uma boa tunda. Mas o Barão voltou-se para ele e pediu humildemente:

— Coronel, tenha paciência, desculpe, filho de gente velha é assim mesmo! Criado cheio de mimos e vontades, faz sempre dessas. Que se ha de fazer? Só com o tempo e brandura melhorará. Peço-lhe u m grande favor, um obsequio de caráter pessoal pelo qual lhe ficarei eternamente grato, uma complacência de amigo para acalmar essa pobre criança... Satisfaza esse desejo estúpido, inconsiderado, mas violento, como vê... Tenha pena dele e de nós!... Coma a banana!

— Hein? ganiu o matuto, estremeando na cadeira, num impeto de virar a mesa sobre toda a família com canja, pratos cheios, fruteira de cristal e tudo. Hein?! eu comer

a banana, senhor Barão, está louco? Ora essa! Era só o que faltava! Um homem da minha idade e da minha posição, vir aqui para isto...

A Baronesa, cuja doce presença contivera até ali o genio ardego do soba sertanejo, pôs-lhe olhos súplices de Mater Dolorosa e implorou, quasi juntando as mãos, como quem reza:

— Coronel, perdõe a extravagante tolice deste menino! Mas ele foi muito doentinho

POMADA SECATIVA DE  
**S. LAZARO**

100% mais eficaz no tratamento da pele. Feridas, manchas espinhas, cravos, etc.

NAS BÔAS  
FARMACIAS E DROGARIAS

e ainda não gosa boa saúde. Qualquer excesso o pode levar ao leito. Tenha pena de nós, não deixe ele ter um ataque. É horrível! O senhor não avalia... Pelo amor de Deus, coma a banana...

Martinho Gomes não deu palavra. Estendeu o braço, tirou a grande banana da fruteira, descascou-a vagorosamente e comeu-a. Joãozinho parara de esguelar-se. A mãe levantara-se e limpou-lhe carinhosamente os olhos e o nariz com o lenço de cambráia. Mal acabou de fungar, o garoto começou a rir malucamente, batendo na mesa e cantando em triunfo:

— Comeu ou não comeu a banana, seu homem? Comeu ou não comeu?... Quem manda nesta casa sou eu!... Comeu ou não comeu?...

A Baronesa acalmava-o com pancadinhas nas espaldas e alisando-lhe os cabelos alourados. O Barão, enfiado, baixava a cabeça. O resto do almoço foi um desastre. Todos mal tocaram nos outros pratos. Raras palavras foram trocadas. Os criados andavam na pontinha dos pés. Só o diabrete fartou-se de tudo e repetiu a sobremesa quantas vezes quis. Agitava-se de momento a momento e gargalhava com o estribilho odiento:

— Quem manda sou eu! Comeu ou não comeu a banana, seu homem.

A conferencia entre o Barão e o chefe sertanejo não teve prosseguimento. Servido o café, este despediu-se, ouvindo com um vinco na face, que procurava ser um sorriso, as reiteradas desculpas dos Barões. Queria era ver-se logo livre daquele ambiente. Aos seus ouvidos repercutia o brado do guri, enchendo-o de revolta íntima:

— Comeu ou não comeu a banana, seu homem!

Vieram as eleições meses depois e o Barão foi estrondosamente derrotado no distrito em que se incluía o feudo de Lavras da Mangueira. Esse revez marcou o inicio dum desprestigio eleitoral crescente ano a ano. Enfim, tornou-se total e outros vultos deram as cartas na vida politica do Estado. Entre eles, com grande preeminencia, o Coronel Martinho Gomes.

Mais tarde, maus negócios, crises no mercado de café, algodão e cera de carnauba abalaram a fortuna do velho titular. A Baronesa, nesse entremetos, faleceu após dolorissimos e longos sofrimentos, dum cancer no estomago. Joãozinho, já na maioridade, o maior estroina da capital, dissipou no jogo e com mulheres da vida airada a sua legitima. Deu uma vez um tiro num bicheiro e o pai gastou quarenta contos para o livrar da cadeia. Não resistindo a todos esses desgostos, o pobre do Barão viajou logo para a terra dos pés juntos, como diz o povo. Então, o filho dilapidou em novas loucuras o pouco cabedal apurado num inventario eivado de hipotecas e penhores. Descalabro completo! Não morreu de fome, graças a um amigo dos tempos idos que lhe arranhou uma sinecura mal paga no escritorio das Obras contra as Secas.

O Coronel Martinho Gomes viveu muito tempo e morreu assassinado por um parente que perseguira duramente em Lavras. Tinha setenta e cinco anos e o duplo de mortes, sobretudo por questões politicas, na cacunda, afirmava a gente do sertão. Costumava ir todos os anos a Fortaleza como Deputado à Assembléia Estadual, de julho a outubro. Sempre que via o Joãozinho do Barão, como lhe chamava, reduzido aquelas tristes condições economicas e sociais, quasi sempre bebendo pelos cafés e botequins da praça do Ferreira, em rodas de vadios e desclassificados, contava a quem estivesse ao seu lado a historia da banana. Terminava, indefectivelmente, com este fecho:

— Com os diabos, nunca tive tanta raiva como naquele almoço amaldiçoado! Comi o raio da banana, mas não a engoli nem à mão de Deus Padre. Ainda a tenho atravessada aqui!...

E apontava o avantajado gogó que lhe sobressaía ao pescoço por cima do colarinho engomado de pontas viradas.

— Ainda a tenho atarvessada aqui, ouviu!



## A LINGERIE BORDADA

ALBUM N.º 2

UM álbum de grande formato, contendo 200 modelos de finíssima lingerie, desenhos moderníssimos para os mais variados fins. Todos os modelos são acompanhados dos riscos respectivos, na medida da sua execução.

Delicadas sugestões para inúmeros trabalhos, pontos, linhas, cores, etc.

Um álbum sempre útil, sempre oportuno.

CR\$ 12,00

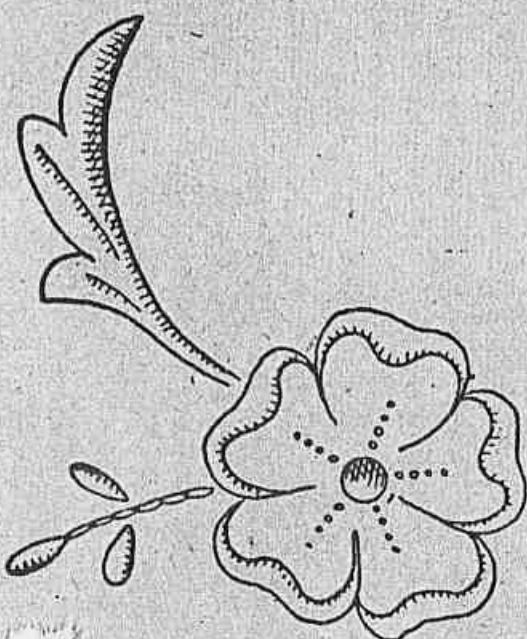
## BORDADOS INFANTIS

ALBUM N.º 1

UM álbum com trabalhos bem simples, práticos e fáceis, com os quais as crianças desenvolvem os seus conhecimentos de trabalhos manuais proveitosamente.

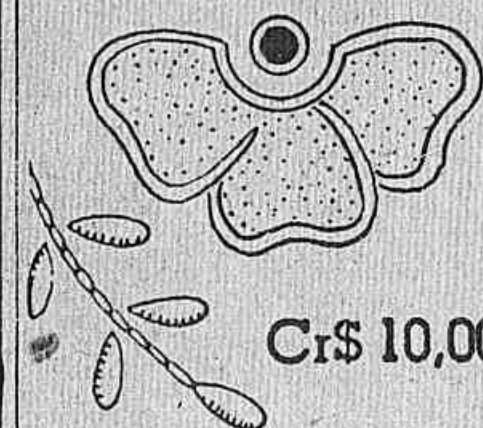
São 30 páginas, quasi todas coloridas, mostrando pequenos trabalhos simples, mas úteis.

Cr\$ 10,00



## Motivos para BORDAR

ALBUM N.º 1



CR\$ 10,00

UM bonito album lindamente colorido, que reúne delicada variedade de desenhos para bordar pequenas peças.

Enfeites, monogramas, figuras, bichinhos, etc., tudo do melhor gosto, uteis para qualquer coisa e em qualquer ocasião.

Um album ao qual as senhoras recorrerão para pequenos trabalhos, e onde sempre encontrarão motivos do seu agrado.

## MODA INFANTIL

ALBUM N.º 4

QUASI 200 modelos de vestidos para meninas e meninos na maior variedade de gostos e feitios.

Não só as modistas mas, também, as mães que gostam e podem costurar para os seus filhos, terão no FIGURINO INFANTIL belissimos modelos escolhidos, práticos.

As explicações que acompanham cada modelo, orientam com segurança a sua execução.

Um lindo álbum com a capa à cores por CR\$ 12,00



## O LAR, A MULHER E A CRIANÇA

ALBUM N.º 2

UM álbum primorosamente impresso, capa à cores, contendo nas suas 40 páginas de grande formato, uma valiosa coleção de trabalhos, na medida em que deverão ser executados, para a senhora, a casa e a criança. Enxovais para bebês, guarnições para vestidos de senhoras, lingerie e adornos para o lar. Um álbum apresentando — em estilo moderno e no mais fino gosto — trabalhos sempre úteis a todas as senhoras e em todos os lares.

Cr\$ 12,00

## Album de MONOGRAMAS ARTISTICOS

AGS AGS



Monogramas para todos os fins nos estilos mais preferidos, e letras para fazer as mais caprichosas combinações

O maior e mais completo album de monogramas que já se publicou, e o mais perfeito em gosto e variedades

Uma preciosa coleção que, durante anos, sera sempre nova.

Album em grande formato, com 44 páginas, capa lindamente colorida

CR\$ 15,00

EDIÇÕES DA BIBLIOTÉCA "ARTE DE BORDAR"

ESTES albuns estão à venda em toda a parte. Não os encontrando na sua livraria ou agencia de revistas, peça-os — fazendo a encomenda com a respectiva importancia, ou pelo Reembolso — à S. A. "O MALHO" — R. Senador Dantas, 15-5.º — RIO DE JANEIRO.

# Moda Feminina

Modelos  
Verão-1945-46



## UM FIGURINO

de modelos práticos,  
inspirado no estilo  
dos grandes costu-  
reiros parisienses.  
Mais de 200 modelos  
para senhoras, mo-  
cinhas e crianças,  
para todos os fins.  
Blusas, saias e "toi-  
letes" para noivas.  
Inúmeras páginas  
coloridas.

**Preço - Cr\$ 15,00**  
á venda em toda a parte

Pedidos pelo reembolso a Arte de Bordar, r. Senador Dantas, 15-5º and. - RIO DE JANEIRO.